

# teatro da juventude



**Governo do Estado de São Paulo**  
**Secretaria da Cultura**



Ano 4 - Número 22 - Fevereiro de 1999



# Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria da Cultura



# Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

**Mário Covas**

**Secretário de Estado da Cultura:** Marcos Mendonça

**Assessoria de Artes Cênicas:** Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil  
Analy Alvarez  
Efrén Colombani  
Luiz Amorim  
Vera Nunes  
Zecarlos de Andrade

---

## Teatro da Juventude

Ano 4 - número 22 - Fevereiro de 1999

**Supervisão geral:** Tatiana Belinky

**Editora:** Erné Vaz Fregni

**Revisão:** Jônatas Junqueira de Mello

**Produção:** Glória Inês Barbosa dos Santos

**Editoração eletrônica:** Peter Kompier

**Impressão:** Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp

**Tiragem:** 10 mil exemplares

**Distribuição:** gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

**Capa:** Flávio Império (in memoriam)

**Comissão de Teatro**

Rua Mauá, 51, 3º andar

Praça Júlio Prestes São Paulo - SP

CEP 01028-907

# EDITORIAL

O teatro, como diz o mestre Chico de Assis, que é quem assina a seção *Depoimento* desta edição, “é uma espécie de espelho da sociedade a cada momento onde ele existe, onde é representado, onde é feito”. Nessa primeira edição de 1999, confirmando sua afirmação, a TEATRO DA JUVENTUDE traz três importantes peças que espelham o espírito de períodos distintos vividos no País. A primeira é a comédia de costumes *O Namorador* ou *A Noite de São João*, escrita por Martins Pena no final do século passado. No tom irônico, característico do autor, percebe-se nitidamente um Brasil colonial, ainda muito próximo dos costumes lusitanos. Quanto à peça *O Líder*, de Lauro Cesar Muniz, um dos mais importantes autores brasileiros, situa-se no final da década de sessenta, um período político extremamente conturbado, e foi apresentada na Feira Paulista de Opinião, em 1968. A partir de um fato verídico, acontecido na Praia de Tabatinga, no litoral norte de São Paulo, Lauro consegue, com uma história simples, porém com um texto ágil, preciso e muito divertido, denunciar o abuso da autoridade. O terceiro, o musical de César Vieira, *Barbosinha Futebol Crubi*, embora escrito e apresentado em 1991, tem sua ação centrada nos anos cinquenta. Nesse delicioso texto, o autor apresenta a história singela de Adoniran Barbosa, um dos mais importantes compositores populares do Brasil que lutou muito contra a dominação de músicas estrangeiras na rádio nacional. Na sua história, são retratados todos os “adonirans” brasileiros, suas dificuldades e suas paixões que se dividem entre a boêmia, a mulher amada e o futebol. Nessa edição, entra ainda a peça infantil *Dononça faz quitutes*, de Fábio Gaia, que mereceu a 1ª Menção Honrosa do Prêmio Narizinho, em 1970. A seção *Depoimento*, de Chico de Assis é dedicada ao professor. Visa ajudá-lo a introduzir o aluno no universo das artes cênicas e também a aproveitar os bons textos, utilizando-os como auxiliares nas explicações das matérias. Além disso, Chico explica como escrever um texto, a diferença entre texto dramático e texto épico e sugere um passeio pela história do teatro.

Temos certeza que valerá a pena. Afinal, segundo o mestre, “o teatro dramático ainda é nossa maior diversão.”

**Erné Vaz Fregni**

# CARTAS

## AGRADECIMENTO

 Recebemos a coleção *TEATRO DA JUVENTUDE*. Será de grande valia a todos os nossos professores e alunos de nossa Escola de Teatro, assim como a toda a comunidade sulsancaetanense e do Grande ABC. Esperando poder continuar recebendo publicações desta Secretaria de Cultura, agradecemos a atenção, reiterando nossos protestos de estima e profundo respeito.

*Maribel Aparecida Marana – Diretora  
Fundação das Artes de São Caetano do  
Sul – Escola de Artes e Ofícios de São  
Caetano do Sul*

## FUTURA GRANDE ATRIZ

 Tenho 15 anos, adoro estudar, meu maior sonho é fazer Artes Cênicas. Sempre gostei de teatro mas, aqui onde moro não tem recursos. Gostaria que vocês me ajudassem. Quero saber qual a escola (faculdade) daqui do Estado de São Paulo mais especializada. (...) Minha família não é rica, somos pobres mas eu vou batalhar muito para conseguir o que quero. (...) Um dia serei uma boa atriz.

*Mariele Fantini Bailão - estudante  
Nova Luzitânia - SP*

*Resp.: Parabéns pela determinação  
Mariele. Lute para concretizar o seu  
sonho. Em São Paulo existe a EAD –*

*Escola de Artes Dramáticas da USP –  
Universidade de São Paulo, a única que  
oferece curso gratuito. É  
profissionalizante e tem 4 anos de  
duração. Para ser admitido, é preciso ter  
18 anos, primeiro grau e prestar um  
exame de vestibular, porque o número de  
vagas é limitado. Fica na Av. Prof.  
Luciano Gualberto, trav. J-215, Prédio  
de Artes Cênicas, Cidade Universitária,  
São Paulo. CEP 055-089. Tels. (011)  
818-4132/ 818-4134. Há muitas  
outras escolas em São Paulo, mas todas  
pagas.*

## SOLICITAÇÃO DA *TEATRO DA JUVENTUDE*

 Gostaríamos de parabenizá-los pela excelente publicação *TEATRO DA JUVENTUDE* que chegou ao nosso conhecimento por intermédio de uma professora da Rede Estadual. Certos de podermos contar também com este valioso instrumento pedagógico, enviamos esta carta a fim de reforçar o pedido da ficha de solicitação e, se possível, adquirir os exemplares anteriores.

*GlauCIA Cristina Pinto Scarpel  
E.M.E.I.E.F. Prof. Aurora Paes da Costa  
Caçapava - SP*

 Sou diretora da Escola da Chapada, uma Estação Experimental de Educação Ambiental, no interior do Sul do Ceará. Além de Cursos de Educação Ambiental a escola mantém como mais uma

*atividade educacional uma Oficina de Teatro para ampliar o conhecimento e a cultura de uma comunidade carente, mas participativa e vontade. Passar a receber continuamente a TEATRO DA JUVENTUDE seria para nós uma grande privilégio, pois com certeza superaríamos a enorme dificuldade que é conseguir textos e poder trabalhar orientados por pessoas especializadas. Isso garantiria a existência da nossa oficina. Espero que vocês entendam o quando é importante e valiosa essa contribuição. Colocamo-nos à disposição e aguardamos ansiosos.*

*Luceni de Alencar Cysne - diretora  
Escola da Chapada – Serra da  
Guritiba – Município de Santana do  
Cariri - CE*

 *Sou professora recém formada e coordenadora do grupo de teatro da nossa escola, o qual realiza todos os trabalhos artísticos solicitados pelos professores e outras representações voltadas para a comunidade. Sendo assim, solicito a vocês duas coleções da revista TEATRO DA JUVENTUDE; uma para ser utilizada por mim junto aos meus alunos e a outra para ser doada à biblioteca de nossa cidade para que outras pessoas tenham acesso a esta maravilhosa revista sobre teatro.*

*Maria do Rosário Azevedo - professora  
Escola Estadual Coronel Coimbra  
Monte Belo – MG*

 *Tomamos conhecimento da revista pela Fundação de Cultura de MS. Gostamos muito e estamos querendo nos cadastrar para também recebê-las. Somos um grupo de teatro em atividade desde*

*1984 e, pelos serviços prestados a comunidade, reconhecido como de “Utilidade Pública”. Somos, pela formação, pesquisadores de linguagens teatrais. Estamos, neste momento (outubro/98) ligados ao Fórum de Cultura de Nova Friburgo, um movimento de Artistas pela promoção e discussão das Artes e de Políticas Culturais em nosso município.*

*Raquel Nadei – diretora  
Grupo de Artes “Theatro D. Eugênia”  
Nova Friburgo - RJ*

 *Vimos solicitar as edições da TEATRO DA JUVENTUDE desde agosto de 1995, com o objetivo de suprir as escolas da região de peças e artigos teatrais, estimulando a produção artística. A TEM -Teatro Experimental Mogian - é a associação cultural mais antiga da região, atuante desde 1965 e atende mensalmente cerca de 800 pessoas em cursos e oficinas, além de apresentações, esquetes e performances teatrais. Atualmente (out/98) oferece assistência técnica em teatro para escolas de quatro cidades da região, bem como promove oficinas e workshop de capacitação pedagógica em artes (dança, canto, artes plásticas, literatura etc.), para as instituições de ensino abrangidas pela Delegacia de Ensino de Mogi das Cruzes. Desta forma, estamos certos que o material solicitado irá contribuir para a difusão do teatro em nossa região.*

*Robson dos Santos – diretor  
Teatro Experimental Mogiano  
Mogi das Cruzes - SP*

 *Somos em doze no Grupo Hikma Theatro, todos iniciantes em teatro e*

*precisamos de muito conhecimento e informação para fazermos um teatro de qualidade. A TEATRO DA JUVENTUDE nos ajuda e transmite muito conhecimento, pois as peças são muito interessantes e fáceis de serem representadas, as informações no começo da revista nos transmite uma realidade e um conhecimento de técnicas diferentes, de muita importância. Nós gostamos de peças do tipo moral religiosa, talvez por estarmos filiados ao "Ministério Comunidade Cristã de Bebedouro S.P." Eu também ajudo o pessoal da Escola "João Domingos Madeira" a organizar peças de teatro e foi ali que tive o primeiro contato com a revista, que nos interessou muito. Nós gostaríamos de receber suas revistas o mais breve possível, "porque o espetáculo não pode parar, ele tem que continuar."*

*Márcio José Martins – ator  
Grupo Hokma Theatre  
Bebedouro - SP*

 *Nós, da Cia de Teatro Água Viva e todos da Sociedade Amigos do Bairro de Santa Tereza ficaríamos muito gratos se tivéssemos sempre esta revista para o nosso auxílio, visto que fazemos um trabalho com a comunidade carente do bairro.*

*Assis Santos – diretor cultural  
Cia. de Teatro Água Viva  
Rio Grande da Serra – SP*

 *Tenho dezessete anos e amo teatro. No ano passado, eu e uma amiga realizamos um sonho que nos perseguia há cerca de um ano: formamos nosso próprio grupo teatral, a Cia. de Teatro Héstia. Conseguimos participar da 11ª Mostra de Teatro Amador Mogiano e recebemos*

*ótimas críticas. Sendo assim, gostaria que nos enviassem a revista TEATRO DA JUVENTUDE, pois será de grande valia. Solicito os números 07, 12 e os demais, publicados após o 12. Se possível, quero mais informações sobre direção teatral e construção de personagem. Desde já agradeço.*

*Juliana N. S. Mattos - estudante  
Cia. Teatral Héstia  
Mogi das Cruzes - SP*

*Resp.: Parabéns pela iniciativa, Juliana. Informações sobre direção teatral você irá encontrar na Edição Nº 1 da Teatro da Juventude e sobre "Construção de Personagem" na Edição Nº 11. Quanto ao envio de revistas, veja resposta no final da seção.*

 *Por meio desta solicitamos exemplares da revista TEATRO DA JUVENTUDE para o desenvolvimento do grupo teatral Chão de Estrelas. Recebíamos a revista por meio do projeto Adhemar Guerra, mas como este infelizmente teve seu fim, ficamos sem receber.*

*A revista é muito importante para nós, pois o conhecimento que ela passa representa mais uma porta que se abre. Hoje o grupo conta com doze componentes e vem desenvolvendo trabalhos ligados a cultura de nosso país. Se houver algum órgão que forneça outros materiais para teatro, gostaríamos de ser informados.*

*Gratos pela atenção e esperamos que este trabalho aumente cada vez mais.*

*Fábio Antônio Gouveia da Silva - ator  
Cia. Chão de Estrelas de teatro  
Mauá – SP*

*Resp.: Fábio, o projeto Adhemar Guerra*

*apenas foi interrompido e, se tudo der certo será retomado em breve. Quanto as revistas, veja resposta no final da seção.*

 *Sou fundador do Teatro Escola para crianças carentes aqui em minha cidade – Itatiba - e ficaria imensamente grato à vocês se viesse a receber os sete últimos números da revista **TEATRO DA JUVENTUDE** para poder trabalhar com essas crianças alguns dos textos publicados.*

*O Teatro Escola conta atualmente com 170 crianças e fazemos um trabalho de resgate do valor do ser humano no mundo.*

*Nosso trabalho é feito em creches, asilo de idosos e APAE. Itatiba é uma cidade na qual o teatro não é muito divulgado e contamos com a ajuda dessas revistas para que o teatro passe a existir em nossa cidade.*

*Ademir Ricardo - diretor  
Teatro Escola para crianças carentes  
Itatiba – SP*

 *Em primeiro lugar quero paranebizá-los por este maravilhoso trabalho. Sou estudante de magistério e trabalho com um grupo de teatro amador, do qual sou o responsável. Apesar das dificuldades neste meio artístico, juntamente com a Secretaria de Cultura tenho realizado vários projetos culturais, dirigidos principalmente para crianças carentes. Enfrento problemas em relação a subsídios para esse trabalho e, sendo assim, conto com a colaboração de vocês para me enviarem, se possível, todas as edições da revista **TEATRO DA JUVENTUDE** para que eu possa montar apostilas para os meus alunos. Prometo enviar-lhes o retorno do mesmo. Meu grupo também faz um trabalho de*

*intervenção urbana na cidade, sem visar nenhum lucro financeiro. Se alguém ou a Secretaria se interessar em conhecer nosso trabalho, estamos a disposição.*

*Agradeço a atenção e conto com esta ajuda que será preciosa.*

*Paulo Roberto P. Correia – estudante e  
diretor de grupo – Grupo Teatral  
Espírito da Arte – Mogi das Cruzes - SP*

 *Estamos trabalhando há seis meses com um grupo de teatro amador fundado a partir de uma Oficina ministrada pelo diretor Fábio Nogueira, de Presidente Prudente, através da regional daquela cidade e da Oficina Cultural Timochenco Wehbi.*

*Fizemos uma apresentação ao público osvaldocruzense com textos do escritor Carlos Drummond de Andrade e estamos empenhados no estudo de um novo texto para ser estreado no próximo ano. Em conjunto com os integrantes da Cia. de Teatro A Vida Em Cena, escolhemos uma peça publicada na revista **TEATRO DA JUVENTUDE**, de autoria de Gregghy Filho e Roberto Vignati, Uma Rosa para Hitler. Gostaríamos de receber os demais exemplares da referida revista para que possamos estar sempre informados de novos textos de autores nacionais. Agradecemos a atenção e enviamos nosso abraço.*

*Lígia Mara Fávaro Val - diretora  
Cia de Teatro A Vida em Cena  
Oswaldo Cruz - SP*

 *Servimo-nos da presente para solicitar a essa Comissão, o envio a esse estabelecimento de ensino, que hoje mantém matriculados cerca de 1.200*

alunos, da revista *TEATRO DA JUVENTUDE* - todos os números publicados - bem como outro material nesse excelente nível de qualidade e de fundamental importância para os alunos de nossa escola em nossa biblioteca, contribuindo assim, para leituras e encenações em um trabalho que vem apresentando sucesso.

Na certeza de contarmos com sua colaboração, com o intuito de propiciar conhecimentos aliados ao lazer e responsabilidade à formação teatral, antecipamos nossos agradecimentos.

**Amália Mazcco – diretora da Assoc. de Pais e Mestres e Pedro Guilherme – diretor da escola E.E.P.S.G. João Pedro Ferraz – Ibirá – SP**



Sou professor do curso de teatro da escola Klarin – Centro de Artes Integradas de Presidente Prudente (SP) e diretor da Cia. de Teatro Ti Tón Ontón. Durante um bom tempo venho acompanhando as publicações de textos da revista *TEATRO DA JUVENTUDE* e venho parabenizar toda a equipe da revista, juntamente com a SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA em especial o Sr. Secretário Marcos Mendonça, pelo árduo e respeitável trabalho realizado.

Aproveitando o momento, gostaria de solicitar exemplares da revista para serem utilizados no curso de teatro. Se possível, gostaria de receber números antigos e passar a receber os números a serem publicados, pois os mesmos são de grande utilidade para o trabalho que desenvolvemos.

**Karlos Vit – professor e diretor de teatro Klarin – Centro de Artes Integradas Cia. de Teatro Ti Tón Ontón Presidente Prudente – SP**

Atuo na área de arte desenvolvendo trabalhos nos quais utilizo técnicas teatrais. Desse modo a coleção de revistas *TEATRO DA JUVENTUDE* me interessa, porque acrescentará muito às atividades ministradas em sala de aula. Leciono em escolas estaduais em minha cidade. Gostaria de receber esta coleção e, desde já, agradeço.

**Dirce Maria Marques Farias - professora – Embu – SP**



Nós, Terapeuta Ocupacional e Professora de Educação Física fazemos parte da Equipe Técnica do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec, da cidade de Franca, interior de São Paulo.

Iniciamos, em 1998, um projeto terapêutico de oficina de teatro e montamos um grupo formado por funcionários e pacientes, como forma alternativa de tratamento em saúde mental, que vem apresentando bons resultados. Além disso estamos também tentando escrever peças que ajudem a conscientizar a sociedade e a conhecer a realidade do doente mental, que muitas vezes é deturpada por falta de informação e contato com os mesmos. Encontramos no teatro um excelente recurso de troca entre o Hospital Psiquiátrico e a sociedade.

Entramos em contato com a revista *TEATRO DA JUVENTUDE* e nos encantamos por ela e pelo trabalho que poderemos desenvolver nesse projeto, com idéias que a revista traz. Por isso viemos, em nome de toda a equipe técnica, solicitar o envio, se possível, dos exemplares já publicados, como também dos próximos que serão lançados. Agradecemos desde já em nome do nosso Grupo de Teatro AluzinAção e dos

*demais funcionários e pacientes do Hospital.*

**Erika Trevisan – Terapeuta Ocupacional e Maria Aparecida Gomes – Prof. de Educação Física Hospital Psiquiátrico Allan Kardec Franca – SP**

 *Somos moradores de Porto Trombetas, uma pequena comunidade de 6.500 habitantes no Pará, cujo interesse pelo teatro é singular. Nas escolas e empresas, comunidades vizinhas, o teatro tem sido o recurso mais utilizado para alcançar resultados voltados a mudança de comportamento e atitude na aprendizagem. Inúmeros grupos amadores desenvolvem atividades de teatro sem, contudo, ter fonte de pesquisa de textos. Visitando o Museu Lasar Segall, para colher textos, fomos informados da existência da revista TEATRO DA JUVENTUDE e orientados a procurar a Srta. Glória, funcionária dessa Secretaria de Estado. Portanto, é com o objetivo de aproximar a comunidade de Porto Trombetas das fontes de pesquisa e informação, para que o interesse pelo teatro seja ainda mais incrementado, que solicitamos acolher nosso pedido de enviar os exemplares da referida revista.*

**José Carlos Rabello - professor Porto Trombetas – PA**

 *Sou diretor e ator e, em minha cidade, dou oficinas de teatro nos bairros carentes. Com cinqüenta alunos, de 7 a 19 anos, formei um grupo de teatro com o nome Millenium. Tanto eu como meus alunos estamos sofrendo com falta de material de trabalho, inclusive de textos.*

*Ao fazer um curso de interpretação na cidade de Taubaté, fiquei sabendo da existência da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Me encantei pelo modo como ela é escrita.*

*Particpei de cursos ministrados por Antônio José do Vale, Luiz Alberto de Abreu e Marlene Fortuna. Procuo agora passar o conhecimento que adquiri para as pessoas que não têm possibilidade de pagar um curso. É muito gratificante ver o sorriso aflorar do rosto das crianças e jovens, após o término de cada oficina. Por isso venho, por meio desta, pedir que me fosse enviado os exemplares da revista. Agradeço antecipadamente a doação.*

**Pedro Aniceto Moreira Júnior - diretor Grupo de Teatro Millenium Caçapava - SP**

 *Venho através da presente solicitar uma coleção da revista TEATRO DA JUVENTUDE (números ainda existentes) com o objetivo de realizar leituras e montagens em associações e escolas que tem me solicitado. Agradeço antecipadamente.*

**Day do Nascimento Borba – Falcon - professor – São Paulo – SP**

 *Vimos solicitar desta comissão a doação de exemplares de todos os números da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Informamos que estas revistas irão compor o acervo do Núcleo Cultural implementado por este sindicato com a coordenação do ator e produtor cultural Aldo Valentim e também serão utilizados como suporte educacional para o grupo de teatro formado por adolescentes e trabalhadores. O Núcleo Cultural é*

*aberto a população em geral. Também nessa oportunidade, parabenizamos a Secretaria do Estado da Cultura por estar desenvolvendo importantes projetos na área cultural.*

*Ismeraldo Nunes da Silva – Diretor  
Presidente Sindicato dos Condutores de  
Veículos Rodoviários e Trabalhadores  
em Empresas de Transportes  
Rodoviários e Anexos de Osasco e  
Região – Osasco – SP*

 *Venho por meio desta inscrever a Escola Municipal de Teatro de Tambaú – SP para receber a revista TEATRO DA JUVENTUDE. Gostaria ainda de solicitar as seguintes edições: 13, 17, 18, 19 e 20. A Escola Municipal de Teatro produziu 14 peças, encenadas por mais de 80 crianças e adolescentes. Sou responsável pela direção dos espetáculos e preparação dos atores. Agradeço a atenção dispensada e espero o recebimento desta revista tão importante para o teatro amador.*

*Paulo Rogério B. Rocco - diretor  
Escola Municipal de Teatro de Tambaú  
Tambaú - SP*

 *A E.E. Antônio Nunes Lopes da Silva, através de sua diretora substituta, professora Selma Lombardi Marsiglia, solicita a essa Comissão de Teatro o cadastramento da nossa escola para que possa receber bimestralmente a revista TEATRO DA JUVENTUDE. A coordenadora dessa unidade, professora Nilda Lobue levou alguns exemplares para serem examinados e apreciados pelos professores e o entusiasmo foi total. Gostaríamos de receber também os números anteriores, se possível, para*

*enriquecermos o nosso acervo. Para nossa biblioteca, tal aquisição é de importância fundamental.*

*Selma Lombardi Marsiglia – diretora  
E.E. Prof. Antônio Nunes Lopes da  
Silva – Praia Grande – SP*

 *Sou atriz e sócia do Grupo Teatral Muirakitã e, pela presente, solicito uma Coleção da TEATRO DA JUVENTUDE, a qual será de grande utilidade para nosso elenco, pois trabalhamos com profissionais e jovens atores. Aproveito para manifestar meus sinceros cumprimentos de estima e consideração.*

*Maria Filomena de Souza – atriz  
Grupo Teatral Muirakitã  
São Paulo - SP*

 *Gostaria de receber, se possível, todas as publicações da TEATRO DA JUVENTUDE. Sou integrante da Cia. Artística e Teatral Art Mania e a quero presentear com esta coleção. Pretendo estudar as revistas para, mais tarde, apresentar as peças.*

*Felipe de Menezes – ator  
Cia. Artística e Teatral Art Mania  
Piracicaba – SP*

 *Tive contato com a TEATRO DA JUVENTUDE ao procurar um livro sobre teatro. O bibliotecário da escola me apresentou esses magníficos exemplares da revista. Estamos formando um grupo de teatro e ela nos será muito útil. Gostaria de pedir-lhes gentilmente os exemplares para eu possa fazer uma coleção e assim possamos atuar com mais segurança.*

*Agradeço a atenção e os parabens  
pelo precioso trabalho.*

*Gleudson Gomes Alves - estudante  
Americana - SP*

*SOLICITAÇÃO DA TEATRO DA  
JUVENTUDE POR FORMULÁRIO  
PUBLICADO NO FINAL DA REVISTA*

*Maria Auxiliadora Bagnato  
Escola SENAI Engenheiro Octávio M.  
Ferraz  
São Paulo - SP*

*Maria Eunice Lebran Pacheco  
COOESA  
Araçatuba - SP*

*Terezinha Vieira Lopes Moreira  
APAE de Bebedouro  
Bebedouro - SP*

*Marcos Costa Pereira  
Escola de Arte ART POP  
São Paulo - SP*

*Arnaldo Gonsales / Sheila - professores  
de teatro*

*Org. Educ. Margarida Maria -  
OEMAR  
São Paulo - SP*

*Ecilla Bezerra  
Oficina Cultural Tom Jobim - Grupo  
de Teatro Juréia  
Peruíbe - SP*

*Itsuyo Kakihara  
E.E.P.S.G. Prof. João Cândido  
Fernandes Filho  
Sabino - SP*

*Clemilda Maestrini Nuci  
E.E.P.S.G Prof. Francisco Silveira  
Coelho  
Taquaritinga - SP*

*Luciana Henrique da Silva  
Projeto Campo dos Sonhos  
Itatiba - SP*

*Elisa Maria Monteleone de Oliveira  
E.E.P.G. Visconde da Cunha Bueno  
São Carlos - SP*

*Adélia Carvalho  
ALMA - Associação Livre de  
Movimento e Arte  
Mariana - MG*

*Márcia Regina Moura Silva  
E.E.P.S.G. Professora Aracy Santinho  
Barberi  
Paulistânia - SP*

*Aguinaldo Franciscani  
NET - Núcleo Experimental de Teatro  
Cândido Mota - SP*

*Vanda Rejani Fernandes  
Colégio Técnico Batuíra  
Poá - SP*

*Marco Antônio Senna  
Núcleo Teatral Opereta  
Poá - SP*

*Lidiane dos Santos  
Grupo de Teatro Roda Mundo  
Poá - SP*

*Fernanda Costa  
Escola Infantil Pequeno Aprendiz  
Jundiá - SP*

*Mário José da Silva  
E.M.E.F.M. Padre José de Anchieta  
Cubatão – SP*

*Anderson da Silva Lima – diretor  
Companhia de Teatro “O Quê?”  
Caçapava – SP*

*Maria Ceci Toffano  
E.E.I.E.F. Núcleo de Interação  
Educativa  
Jaú – SP*

*Luis Sandei – ator e autor teatral  
Grupo Teatral Luma  
Tietê - SP*

*Resp.: A Secretaria do Estado da  
Cultura, assim como outras entidades  
governamentais e privadas está sofrendo  
contenção de verbas. Solicitamos,  
portanto, que as revistas solicitadas  
sejam retiradas pessoalmente na própria  
Secretaria ou nas Delegacias Regionais  
de Cultural mais próximas mediante  
uma solicitação por escrito. No caso de  
outros estados, favor entrar em contato  
por telefone com a Glorinha para  
combinar como podem ser enviadas -  
Tel.: (011) 222-6971 / Tel-fax.: (011)  
220-8125.*

### ESCREVA PARA **CARTAS**

A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**.  
Comunique-se – por carta ou fax – enviando sugestões, dúvidas, opiniões,  
críticas e informações.

O ENDEREÇO É:

**Secretaria do Estado da Cultura**

Revista Teatro da Juventude

RUA MAUÁ, 51, 3º andar

Praça Júlio Prestes São Paulo - SP

**CEP 01028-907**

**Tel.: (011) 222-6971 / Tel-fax.: (011) 220-8125.**

# SUMÁRIO

## Depoimento

<b>Introduzindo o jovem no ritual do teatro .....</b>	<b>16</b>
Chico de Assis	

## Textos

### Infantil

<b>Dononça faz Quitutes .....</b>	<b>21</b>
Fábio Gaia	

### Adolescente/Adulto

<b>O Namorador ou A Noite de São João .....</b>	<b>45</b>
Martins Pena	

<b>O Líder .....</b>	<b>65</b>
Lauro César Muniz	

<b>Barbosinha Futebol Crubi .....</b>	<b>79</b>
César Vieira	

## INTRODUZINDO O JOVEM NO RITUAL DO TEATRO

Lendo textos teatrais, escrevendo-os, interpretando, o aluno é conduzido, de forma prazerosa, ao universo das artes cênicas e a períodos determinados da história, aprendendo a conhecê-lo sob todos os aspectos – social, cultural, político e econômico.

### Chico de Assis\*

O despertar do jovem para a magia do teatro inicia-se no momento em que ele tem contato direto com o espetáculo. Para que isso aconteça, a primeira providência do professor, tanto em relação aos alunos do primeiro e do segundo ciclo, mas também dos cursos superiores, é a de levá-los a assistir teatro. Não apenas as peças infantis para os menores, mas também as peças adultas, de teatro comercial normal. É preciso estimular os alunos a assistirem peças de teatro para que saibam o que é, para verem, sentirem e entrarem na jogada do ritual do teatro. A continuidade dessa ida ao teatro é promover, posteriormente, uma discussão, solicitando aos alunos uma análise, que pode ser escrita a respeito do que eles viram e sentiram daquela peça. Outra ação importante é apresentar-lhes textos de teatro nacional e de teatro estrangeiro, de todas as épocas, para que sejam lidos e, se possível,

organizar leituras dessas peças com os próprios alunos.

Propor aos alunos que improvisem, como atores, sobre temas relativos a sua geração, idade, convívio social e convívio estudantil, seria uma terceira

investida.

Ao improvisar as situações, eles têm a oportunidade de conhecer um pouco do trabalho de ator e, ao se ocuparem com a temática, são

---

“Ao improvisar situações, os alunos conhecem o trabalho do ator.”

---

introduzidos na complexa e apaixonante arte da dramaturgia. Depois dessas etapas, na qual eles aprenderam a conhecer o teatro, o professor pode pedir-lhes que, em grupo ou individualmente, criem textos para serem representados por eles mesmos.

### Criação do texto

A orientação básica para a criação de um texto dramático deve obedecer a seguinte ordem: o primeiro passo é definir o que se pretende por meio da peça. Que tipo de idéia se deseja comunicar

com a peça? Segundo: é preciso encontrar um personagem principal, um protagonista, que seja responsável por esta idéia que ele tem e vai dizer na peça. Terceiro: deve observar que esse personagem passe por uma série de cenas demonstrando, a cada cena, uma maneira diferente de ser. Quarto: criar antagonistas, ou seja, personagens que são contra o protagonista. Isto porque, para obter teatro, o autor precisa fazer com que haja conflito. O drama só existe quando existe conflito.

Para desencadear o conflito, é preciso estabelecer que o personagem tenha uma vontade, que ele queira alguma coisa, mas, contra essa

vontade, ele tem um obstáculo. E aí então está configurado o drama - porque drama é uma vontade que encontra um obstáculo.

O professor deve propor que, ao escrever essas ações teatrais, os alunos as tornem as mais conflitantes possíveis, a fim de gerar muita ação dramática, muito drama.

A seguir, após serem discutidas pelos alunos, essas peças, podem ser organizadas para leituras com os próprios alunos e, finalmente, serem montadas, com figurinos, palco etc. O local não precisa ser necessariamente um teatro, pode ser uma sala, um pátio, qualquer espaço. Uma forma muito simples de fazer teatro é realizá-lo em forma de arena. Ou seja, em um espaço qualquer, coloca-se as

cadeiras ao redor e faz-se o espetáculo.

### **Teatro, coadjuvante do ensino básico**

Em paralelo a esse roteiro voltado à participação dos alunos no universo cênico, o teatro pode ser um ótimo animador e coadjuvante no desenvolvimento do aprendizado de determinadas matérias, como história. Se o professor estiver querendo ensinar o período elizabetano na Inglaterra, por exemplo, é possível

estudá-lo por uma peça de Shakespeare. Ou seja, ele apresenta a peça aos alunos, por texto, filme ou teatro. Por meio dessa peça de Shakespeare, pode promover discussões

---

“O teatro representa a cultura de uma nação a cada época em que se manifesta.”

---

sobre o período em que ela foi realizada, desde como era a Inglaterra nessa época, qual era a perspectiva de Elizabeth, a rainha, quem era Shakespeare, o que ele fazia, como era o teatro que realizava, qual o perfil do povo inglês, até como era o mundo na época. O teatro oferece essa possibilidade. E é possível fazer isso com qualquer peça e a qualquer momento.

Com as peças brasileiras do começo do século, por exemplo, é possível focar historicamente o Brasil no início do século. O Brasil antes da República, o Brasil durante a República. Ou seja, nos primeiros anos da República, o Brasil no Estado Novo, o Brasil ao fim do Estado Novo. Isso tudo com peças da época, que o

professor pode ler com os alunos e discutir. Não apenas sob o aspecto do que elas representam, mas, especialmente, o que representou a época em que elas foram feitas.

### **Passeio pela história do teatro**

Por outro lado, também seria importante que o professor mostrasse ao aluno uma visão histórica da dramaturgia, abordando, principalmente, o nascimento da dramaturgia com os gregos, a transformação da procissão dionisíaca (Ditirambo) em tragédia grega; depois o teatro romano, o teatro shakespereano, o teatro de Ibsen e o teatro dos americanos modernos, que é muito bom.

Com isso o professor possibilitará ao aluno um panorama de como o teatro vem caminhando na história da humanidade. Seria interessante abordar aspectos socioculturais, como o fato de que, no começo, o teatro era feito apenas por homens. No tempo de Shakespeare, os papéis femininos eram feitos por homens. O teatro sempre foi uma coisa meio proibida, meio estranha. As mulheres só passaram a trabalhar no teatro muito recentemente, há cerca de um século. Informar, por exemplo, de que forma o teatro representa a cultura de uma nação a cada época em que ele se manifesta. Uma das formas mais impressionantes da manifestação da

cultura grega é, sem dúvida, o teatro da tragédia grega, o teatro de Ésquilo, de Sófocles, de Eurípedes e as comédias de Aristófoles.

Toda pessoa que pretende ter uma noção cultural da Grécia, não pode deixar de ter a informação sobre as peças desses autores e de que modo eram levadas essas tragédias. Tem que conhecer o teatro de Dionísio, o desenvolvimento dessa tragédia após Alexandre, o Grande, e estudar a ascendência política e cultural da Grécia ao ponto máximo e sua decadência.

Nesse roteiro histórico, saberá como o Império Romano supera a Grécia e como é seu teatro, o Teatro Romano, completamente diferente do Teatro Grego. A história vem mudando e o teatro

---

“Teatro pode ser ótimo animador e coadjuvante no aprendizado das matérias.”

---

se apresenta como uma espécie de espelho da sociedade a cada momento onde ele existe, onde ele é representado, onde ele é feito. Então o professor deve dar essa visão para o aluno, levá-lo para um passeio na história do teatro. Além disso, é muito importante fazer com que o aluno perceba na televisão, por meio das novelas, dos especiais, das minisséries, a influência do teatro. Fazê-lo observar o problema dos próprios atores que, formados pelo teatro, vão representar na televisão e no cinema, que são outras linguagens. Fazê-lo perceber o teatro como nascedouro de todas as

técnicas de representar e de dramaturgia que nós encontramos na televisão, no cinema, no circo, em comerciais etc. Esta também é uma maneira de apresentar o teatro para os alunos.

### **Texto dramático e texto épico**

Falando especificamente de dramaturgia, é importante explicar para o aluno que, nesse século, existem o teatro dramático e o teatro épico, este último o teatro de Bertold Brecht, uma opção diferente do teatro aristotélico dramático.

Diz-se que o teatro é aristotélico porque foi Aristóteles, o filósofo grego, estagirita, quem estudou a tragédia grega e deixou por escrito na obra *Arte Retórica - Arte Dramática*, que todos deveriam ler, pelo menos uma vez na vida.

Brecht, por sua vez, pela obra *O Pequeno Organon*, contraria as perspectivas de Aristóteles e cria outro tipo de teatro, mais ligado à realidade da história do homem e de como o homem deve se comportar diante da história, numa época científica, como diz o próprio Brecht, para poder sobreviver da melhor forma.

O teatro dramático, sem dúvida, ainda é a nossa maior diversão. Seja por meio do próprio teatro, seja pelo cinema, seja pela televisão.

Portanto, no caso do teatro dramático, mostrar para o aluno que o

drama é produto do conflito de uma vontade de um personagem que encontra um obstáculo. E, encontrando um obstáculo, ela cria drama. Aí você tem protagonista, que é aquele personagem principal da peça

que você está fazendo. Você tem antagonista que é contra ele e que causa o conflito. E você tem os outros personagens de uma forma geral que animam a ação dramática de cada peça como dramaturgia.

---

“A história vem mudando e o teatro se apresenta como um espelho da sociedade.”

---

---

\***Chico de Assis**, mestre em dramaturgia, é um dos mais importantes dramaturgos de nossa geração. Autor, diretor, ator, compositor, jornalista, este profissional polivalente é autor de inúmeros textos, entre os quais destaca-se o *Missa Leiga*, um dos textos mais primorosos e contundentes da dramaturgia brasileira - que alcançou sucesso no Brasil e no exterior. Auto didata e reconhecido “Notório Saber”, Chico de Assis lecionou na ECA-USP e na FAAP (SP). Criou o *Semda - Seminário de Dramaturgia do Arena*, em São Paulo - onde, há quase dez anos ensina, gratuitamente, os segredos da estrutura dramática. Trilhando um caminho de semeador, Chico tem ministrado cursos e palestras pelo país e pelo exterior e é responsável pelo desenvolvimento de muitos talentos que vêm surgindo no universo das artes cênicas.



# Infantil

**Donança faz quitutes**

Fábio Gaia



# DONONÇA FAZ QUITUTES

Fábio Gaia

## PERSONAGENS

---

Dononça  
Rapozo  
Lupus  
Lé

Prêmio Narizinho 1970 - 1ª Menção Honrosa, São Paulo, 24/6/70.

## CENÁRIO

---

Praticável dividido ao meio por uma parede. Não havendo praticável giratório, haverá só a parede, e os próprios intérpretes comporão o cenário à medida que entram. Do lado da floresta: o forno, a cadeira e mesa da Dononça. Do outro lado, em correspondência: a televisão e o trono do rei Lé. Ou seja, de um lado a floresta, do outro o palácio. Ao iniciar a cena, Dononça, na cadeira de balanço, faz tricô.

### CENA I

**DONONÇA** (*usa óculos, avental e birote, como uma avozinha; cantarola*): larilaralá... Um ponto... Duas meias; outro ponto... Outra meia... Larilará... Larilaralá...

**RAP** (*é espigado, muito ágil e gesticulador, entra cantando*): Eu sou Rap Rap Ozo, Rap Ozo! Farejo qualquer coisa, E por isso sou famoso! (*Pausa.*) Ah! Quando falo em farejar... Meu nariz começa a coçar e a trabalhar! (*Aspira, fechando os*

*olhos, nariz para cima.*) Humhum!  
Hum! Hum!

**DONONÇA** (*olhando por cima dos óculos, a meia voz*): Aiaiaiaiai!  
Que será que esse nariz fino veio fazer por aqui?

**RAP**: Hum! Hum! Que sinto? Hum, que sinto?

**DONONÇA** (*espirra*): Aaatchim!!!...

**RAP** (*sem olhar para ela*): Jasmim?

**DONONÇA**: Ai de mim!

**RAP** (*após farejar um instante*): Algo está a me cheirar nas ventas... (*Dá uns passos por ali. Torna a seu cantar.*) Eu sou o Rap Rap Rap

Ozo, Rap Ozo!

Farejo qualquer coisa...

**DONONÇA** (*aparteia*): É um intrrometido!

**RAP** (*concluindo seu cantar*): Por isso sou famoso!

**DONONÇA** (*continua a cantarolar, sem tomar conhecimento do Rapozo, que se aproxima*): Lararali... Duas meias, um ponto... Mais uma carreira já está pronta... Lalarilará...

**RAP** (*com hipocrisia*): Ah! Mas que vejo!... Dononça está em casa!

**DONONÇA** (*cínica*): Não, estou na floresta!

**RAP** (*sem perder o jeito*): Ora, ora...

**DONONÇA** (*afastando Rapozo, que mete o nariz no seu trabalho*): Vá até lá e vê se me encontra.

**RAP** (*examinando o tricô*): Que é isso?

**DONONÇA**: Tricô, não enxerga?

**RAP**: Claro! Tenho uma excelente vista!

**DONONÇA**: Tem um grande nariz!

**RAP** (*fazendo medidas*): Obrigado... Obrigado... (*Outro tom.*) Então, como vai Dononça?

**DONONÇA** (*continuando a tricotar*): Fala Rapozo.

**RAP**: Trabalhando?

**DONONÇA**: Então não vê?!

**RAP**: Vejo; mas como bom repórter gosto que me confirmem os fatos! Um fato não confirmado é boato!

**DONONÇA** (*em tom de mofa*): Ora, como estamos...

**RAP**: Por isso sou famoso!

**DONONÇA** (*espirra*): AAAaaatchim!

**RAP**: Deus te guarde, Dononça.

**DONONÇA**: Ai de mim!

**RAP**: A senhora trabalha bem... (*Examina o tricô.*) Hum...

**DONONÇA** (*afastando-se*): Deixa pra lá... (*Outro tom.*) Que novidades traz?

**RAP**: Novidades?

**DONONÇA**: Você quase nunca vem para estes lados da floresta; se veio é porque alguma coisa acontece...

**RAP**: Não aconteceu e nem acontece nada!

**DONONÇA**: Então, o que quer aqui?

**RAP** (*dissimula*): Nada... Nada... Procuro notícias novas para a televisão.

**DONONÇA** (*como a entender*): Ah!...

**RAP**: Tem visto televisão?

**DONONÇA**: Só as novelas.

**RAP**: Ah! Ah!

**DONONÇA**: Ah, ah, por quê?

**RAP**: E o telejornal?...

**DONONÇA**: De vez em quando...

**RAP**: Deve ouvir mais; para saber as novidades.

**DONONÇA**: Que novidades?

**RAP**: Do mundo.

**DONONÇA**: Que me interessa o mundo? Ou o Raimundo?

**RAP**: É preciso acompanhar o mundo!

**DONONÇA**: O mundo só tem barulho, fumaça e confusão! E que confusão!

**RAP**: O mundo é vida! O mundo é alma!

**DONONÇA**: No mundo falta calma!

**RAP**: Mas é no mundo que estão as novidades.

**DONONÇA**: Eu lá quero saber do mundo?!

**RAP**: Mas bem que gosta de novidades.

**DONONÇA** (*concorda*): É... Gosto... E que novidades me traz? Você que está sempre farejando tudo!

**RAP**: Farejando tudo e ficando famoso

**DONONÇA**: Famoso bisbilhoteiro!

**RAP**: Famoso repórter no mundo dos vivos!

**DONONÇA** (*ri*): Ah, ah, ah! Santa

vaidade! (*Cantarola, trabalhando.*) Laralari... Lará lari...

**RAP:** Pode zombar, mas eu sou o Rap  
Rap Rap Ozo, Rap Ozo

Farejo qualquer coisa  
Por isso sou famoso!

**DONONÇA:** Lá isso é... Tem o maior  
nariz do mundo!

**RAP:** E estou farejando...

**DONONÇA** (*espirra*): AAtchim!

**RAP:** Saúde!

**DONONÇA:** Que dizia mesmo?

**RAP:** Estou farejando algo!

**DONONÇA** (*apreensiva*): Está mesmo  
Rapozo?

**RAP** (*concorda*): Humhum!

**DONONÇA:** Tem certeza?

**RAP:** Absoluta!

**DONONÇA:** Por aqui?

**RAP** (*farejando*): Hum, hum!

**DONONÇA:** Não vem de lá não?

**RAP:** De lá onde?

**DONONÇA:** Da serra... O vento sopra  
de lá.

**RAP:** Não, não, não! Algo por aqui  
Dononça.

**DONONÇA** (*a parte*): Aiaiaiaiai! Esse  
nariz fino... (*Para Rap.*) Por aqui?

**RAP** (*fareja*): Humhum!

**DONONÇA** (*intrigada*): Que é?

**RAP:** Coisa boa!

**DONONÇA:** Duvido, não há nada de  
bom por aqui!

**RAP:** Tem certeza?

**DONONÇA:** Pois claro! Não moro aqui?

**RAP:** Mora.

**DONONÇA:** Não vivo aqui?

**RAP:** Vive.

**DONONÇA:** Esta parte da floresta não  
é minha?

**RAP:** É.

**DONONÇA:** Então, se digo que não há  
nada aqui, é porque não há.

**RAP** (*fareja pelos cantos, seguido por  
Dononça que larga o tricô*): Hum,

Hum... Hum!...

**DONONÇA:** Seu nariz farejador está  
enganado!

**RAP** (*ri, contestando*): Ah, ah, ah! Não,  
não, não! Meu nariz está dando  
sinal de novidade... Novidade há.  
Rapozo não se engana.

**DONONÇA:** Desta vez sim.

**RAP** (*continua farejando*): Não, não,  
não! Sinto algo no ar que respiro...  
E não é suspiro!

**DONONÇA:** É espirro!?

**RAP:** Não!

**DONONÇA:** É o aroma das nuvens!  
Olha, quantas nuvens lá em cima.

**RAP:** Não é de lá não, elas estão muito  
altas.

**DONONÇA:** É o cheiro do sol!

**RAP:** Sol cheira?

**DONONÇA** (*fingida*): Nossa!... Você  
nunca sentiu o cheiro do sol,  
Rapozo?

**RAP:** Eu não... Acho que não...

**DONONÇA:** Que vergonha!...

**RAP:** Pelo que me consta, o sol não  
cheira!

**DONONÇA:** Cheira! Pode perguntar a  
qualquer um!

**RAP:** É, pode ser... (*Outro tom.*) Mas  
não é cheiro de sol que eu estou  
sentindo!...

**DONONÇA:** De chuva?

**RAP:** Ah! De chuva não é, que eu já  
senti cheiro de chuva. Cheiro de  
chuva é diferente.

**DONONÇA:** Hum!... Tem certeza de  
que está cheirando?

**RAP:** Nem há dúvida... E coisa muito  
boa!

**DONONÇA:** Ah!... Já sei.

**RAP:** O que é?

**DONONÇA:** O vento!

**RAP:** Hum, hum!... Não, não é o vento...

**DONONÇA:** As flores?

**RAP:** Não são as flores.

**DONONÇA:** As estrelas?

**RAP** (*procurando lembrar*): Estrelas...

**DONONÇA:** Ah! Acertei?!

**RAP:** A senhora já viu estrelas de dia?

**DONONÇA:** É verdade... Nunca vi.

Estrelas de dia a gente não vê.

**RAP:** Pois então, não são estrelas... Não é nada assim do céu... Meu nariz farejador não falha: é aqui da terra.

**DONONÇA** (*espirra*): Aaaatchim!

**RAP:** Deus te guarde!

**DONONÇA:** Obrigada... E por falar em guarda, vou guardar meu tricô.

**RAP:** Espere!

**DONONÇA:** Que é?

**RAP:** Que é que a senhora está fazendo, Dononça?

**DONONÇA:** Um casaco de lã, para o inverno.

**RAP:** Ah! O inverno demora ainda.

**DONONÇA:** Gosto de me prevenir. (*Outro tom.*) Não viu como já estou espirrando?

**RAP:** É, já reparei que a senhora está num espirra-espirra que não pára.

**DONONÇA:** Não vou sentir frio no inverno.

**RAP:** Muito bem, muito bem! Vou dar a notícia em primeira mão, posso?

**DONONÇA:** Que notícia?!

**RAP:** Que a senhora se prepara para o inverno.

**DONONÇA** (*aliviada*): Ah... Onde vai dar a notícia?

**RAP:** Na televisão!

**DONONÇA:** Oh, meu Deus!

**RAP:** Hoje em dia todo mundo vê televisão!

**DONONÇA** (*depois de guardar o tricô, apanha uma enxada e vai cultivar um canteiro*): Vou ficar falada!

**RAP:** Garanto que vai gostar. Todo mundo gosta de ser famoso.

**DONONÇA:** Desse jeito vou virar notícia!

**RAP:** Grande notícia!

**DONONÇA:** Mas tem de ser na televisão!?

**RAP:** A televisão é a maior divulgadora de notícias!

**DONONÇA:** E você está mesmo na TV, Rapozo?

**RAP:** Claro!

**DONONÇA:** Com essa cara!

**RAP:** Com essa cara que Deus me deu!

**DONONÇA:** Qual... Esse mundo está perdido!

**RAP:** É por isso que sou famoso!

**DONONÇA** (*a parte*): Só se for por meter o nariz onde não é chamado.

**RAP** (*com ênfase, como locutor de vídeo*): Todos os dias no telejornal do canal Um – o meu, o seu, o nosso: telejornal canal Um! Um, sempre o primeiro!

**DONONÇA:** Se tiver tempo, vou ligar pra ver.

**RAP:** Se tiver tempo?

**DONONÇA:** Claro!

**RAP:** Mas eu sou Rapozo, o famoso repórter!

**DONONÇA:** Não duvido.

**RAP:** A senhora sabia que fui eu quem transmitiu a chegada do homem à lua?!

**DONONÇA:** E o homem, ficou lá ou já voltou?

**RAP:** Voltou lógico!

**DONONÇA** (*falsa admiração*): Ah!...

**RAP:** Entrevistei o primeiro macaco...

**DONONÇA:** Que virou gente?

**RAP:** Que voou pelo espaço!...

**DONONÇA** (*novamente*): Ah!...

**RAP:** Ganhei os maiores prêmios da floresta.

**DONONÇA** (*a parte*): Como o maior

mentiroso!

**RAP:** Como o melhor repórter.

**DONONÇA** (*ainda a parte*): Acho que foi de melhor linguarudo!

**RAP:** O melhor entrevistador.

**DONONÇA:** O melhor gabola.

**RAP:** O melhor melhor!

**DONONÇA** (*finge indiferença*): Ora... Isso não me impressiona.

**RAP** (*amuado*): Ah... Não me dão valor...

**DONONÇA** (*afastando Rapozo*): Cuidado... Não vá pisar nos meus alecrins...

**RAP** (*zangado*): Pode ficar com seus alecrins, suas verduras; vou cuidar da minha vida!

**DONONÇA:** É melhor mesmo!

**RAP** (*resmungando*): Lidar com gente tonta é o que dá! Tomara que se embarace no tricô! Tomara que dê um nó danado!

**DONONÇA:** Que é que está resmungando feito velho?

**RAP:** Estou filosofando.

**DONONÇA:** Ora veja!

**RAP:** Fique aí tratando de seus capins...

**DONONÇA** (*corrigindo*): Alecrins...

**RAP:** A senhora pode falar de mim o que quiser, mas eu sou. (*Canta.*)  
O Rap Rap Rap, o Rap Rapozo  
Farejo qualquer coisa,  
Por isso sou famoso!

**DONONÇA** (*espirra*): Aaaaaatchim!...

**RAP:** Outra vez?!

**DONONÇA** (*persignando-se*): Que Deus me proteja ou me arrebento!

**RAP:** Olhe que ainda estou farejando!

**DONONÇA** (*conformada*): Então fareja!

**RAP:** Não me provoque...

**DONONÇA** (*insiste*): Vá, fareja! Banca o cachorro de raça!

**RAP** (*adverte*): A senhora ainda vai se

arrepende!

**DONONÇA** (*impedindo que Rapozo fareje no forno*): Que é que vai fazer?

**RAP** (*inocência fingida*): Farejar!...

**DONONÇA** (*protesta*): Aí não...

**RAP** (*como a entender qualquer coisa*): Ah!...

**DONONÇA** (*imita*): Ah!...

**RAP** (*sagaz*): Ahah!...

**DONONÇA** (*imita*): Aha!...

**RAP** (*apontando para o forno*): Aqui tem coisa!

**DONONÇA:** No meu forno não tem nada!

**RAP:** Eu acho que tem!

**DONONÇA** (*pondo-se à frente, procurando afastá-lo do forno*): Não tem!

**RAP** (*fareja*): Humhum... Humhum!... (*Bate o pé.*) Tem, tem, tem!

**DONONÇA:** Não tem!

**RAP** (*teima*): Tem!

**DONONÇA:** Tem teu nariz!

**RAP** (*canta, teimando*): Tem, tem tem! Tem, tem, tem!

**DONONÇA** (*espantando Rapozo com a pá do forno*): Vá farejar noutra lugar.

**RAP** (*deixa de fugir*): Ah!

**DONONÇA:** Que é?

**RAP** (*levando a mão no nariz*): Meu nariz farejador está dando sinal... O forno está funcionando.

**DONONÇA** (*mão na cintura*): Aqui não tem nada funcionando.

**RAP** (*aspirando o ar*): Humhum!

**DONONÇA:** Que negócio de humhum! Vamos lá, dê o fora.

**RAP:** Ah!

**DONONÇA:** O que é agora?

**RAP:** A senhora está assando pão de minuto!

**DONONÇA:** Não estou.

**RAP:** Torta de morango?!

**DONONÇA:** Torta é a sua cabeça!  
**RAP:** Humhum!  
**DONONÇA:** Tire esse nariz do meu forno!  
**RAP:** Ah!...  
**DONONÇA:** Que foi agora?  
**RAP:** Está assando broa de milho!  
**DONONÇA:** Broa de milho teu nariz!  
**RAP** (*sempre farejando*): Humhum...  
Agora sei! Bolo de chocolate!  
**DONONÇA** (*assustada - a parte*): Oh, meu Deus!  
**RAP:** Acertei?!  
**DONONÇA:** Que bolo nada!  
**RAP** (*insiste*): É sim!  
**DONONÇA:** Acha que eu ia fazer bolo de chocolate?! O rei Lé não quer bolo de chocolate no reino. É uma coisa proibida!  
**RAP** (*teima*): Mas é bolo de chocolate que tem aí.  
**DONONÇA:** É nada!  
**RAP:** E bolo de chocolate está proibido por lei.  
**DONONÇA:** Você está sofrendo de narizite!  
**RAP:** Tem bolo sim!  
**DONONÇA:** Tem nada!  
**RAP:** Bolo de chocolate é proibido por lei e pelo rei Lé. (*Fazendo menção de abrir o forno.*) Quero ver!  
**DONONÇA** (*afasta-o*): Não vai ver nada!  
**RAP:** Se o rei souber!...  
**DONONÇA:** Você é um bobo!  
**RAP:** Ah, ah, ah! Adivinhei! Adivinhei! Adivinhei!  
**DONONÇA** (*zangada, mão à cintura*): Se não for embora daqui eu não sei o que faço!  
**RAP:** Bolo de chocolate está proibido há cem anos!...  
**DONONÇA:** Não há bolo nenhum!  
**RAP:** Chiiii... Se o rei Lé souber!...  
**DONONÇA:** Ele não vai saber de nada,

porque aí não tem nada!  
**RAP** (*desafia*): Então abre!  
**DONONÇA:** Não abro!  
**RAP:** Por que não?  
**DONONÇA:** Vai esfriar. Depois eu vou ter que esquentar tudo de novo!! E esquentar o forno leva muito tempo!  
**RAP:** Então é porque tem bolo!  
**DONONÇA** (*enxotando*): Dê o fora!  
**RAP:** Abra pra eu ver!  
**DONONÇA:** Vou abrir a cabeça de alguém... (*Ameaça-o com a pá e correm à volta do forno.*) Deixe meu forno em paz!  
**RAP** (*de longe, em desafio*): Ahahah! Tem bolo de chocolate!  
**DONONÇA** (*corre atrás de Rapozo, que foge; depois volta*): Não gosto de gente abelhuda! (*Espirra.*) AAAAaatchim!... Que coisa! Sempre que Rapozo está por perto me dá uma coceira no nariz! Parece que ele vive soltando pêlos pelo ar! (*Abre o forno e olha seu interior.*) Humhum! Vai ficar bem gostoso... Minha receita de bolo de alecrim é a melhor do mundo! (*Fecha o forno e vai tricotar.*) Se o rei nem pode ouvir falar em bolo de chocolate, não tenho nada com isso! Quem manda ser guloso: é o leão mais guloso que já vi. (*Espirra.*) Aaaaa tchim!... Puxa! Ainda bem que Rapozo já foi embora, senão meu nariz virava do avesso, de tanto atchim! (*Volta a cantarolar.*) Lari lari lará... Duas meias... Um ponto... Outra meia, outro ponto!... Larilará... Lari...  
(*Rapozo entra sem ser visto pela Dononça; escondendo-se aqui e ali, vai até o forno.*)  
**RAP** (*espiando dentro, esfrega as*

*mãos, satisfeito*): Ah! Meu nariz farejador não falha! (*Aspira.*) Ah! Hum... Que delícia!... (*Exclamativo.*) Ahah! Hoje no meu, no seu, no nosso telejornal do canal Um, o primeiro! A grande notícia: Bolo de chocolate ameaça todo o reino. (*Ri.*) Ah, ah, ah,... (*Sai cantando.*) Eu sou a Rap Rap Rap, o Rap Raposo Farejo qualquer coisa, por isso sou famoso!...

## CENA II

**LÊ** (*é gordo, denotando gulodisse; sentado no trono, geme, esfregando a barriga*): Ai, ai, ai! Ui, ui, ui! Ai, ai, ai! Uiui, ui! (*Fazendo caretas, gemendo longo.*) Aiii...Ui... Ui... (*Levanta; andando de um lado para outro.*) Como é triste ser rei com a barriga doendo... Aiiii... Ai... Ui... Ui... (*Outro tom.*) Se não fosse a televisão para me distrair, não sei o que faria! (*Geme.*) Uiiii...

**LUPUS** (*tipo versátil; sabe ser vulgar quando ocupa função baixa; é refinado, quando em posição melhor. Entra de avental, carregando balde e vassoura, como faxineiro.*)

**LÊ** (*de mau humor.*): Que é que você quer aqui Lupus?

**LUPUS**: Não está me chamando?

**LÊ**: Não... Não estou não.

**LUPUS**: Eu ouvi: uuuuu...

**LÊ**: Estava gemendo!

**LUPUS**: E para gemer, precisa uivar?

**LÊ**: Sou o rei, faço o que quero.

**LUPUS**: Então dê um gemido de rei!

**LÊ**: Como é gemido de rei?

**LUPUS**: Não sei, não sou rei!

**LÊ** (*desdenhando Lupus*): Então dou gemido de dor de barriga!

**LUPUS**: Outra vez, majestade?

**LÊ** (*concorda*): Outra vez!

**LUPUS**: Essa barriga não pára, não é?

**LÊ**: Ah! Daria metade do meu reino para sarar!

**LUPUS**: Hum... (*Zomba.*) E alguém vai querer?

**LÊ**: Mas é um bom reino!

**LUPUS**: E daí?

**LÊ**: É fácil de governar... Não se tem nada para fazer.

**LUPUS**: Por isso mesmo. Um reino tão fácil de governar, que nem precisa rei!

**LÊ**: Quer dizer então que eu sou um inútil, não é senhor faxineiro real?!

**LUPUS** (*irônico*): Claro que não, majestade. Um reino precisa ter quem lhe dê alegria...

**LÊ** (*geme*): Aiaiaiai...Uiiii... Como dói!

**LUPUS**: Vossa majestade andou comendo outra vez?

**LÊ** (*confirma*): É... Andei...

**LUPUS**: Bolo de chocolate!

**LÊ** (*choroso*): Foi um pedacinho só!...

**LUPUS** (*em tom de reprovação*): Ah... Esses reis não endireitam mesmo! (*Outro tom.*) Não sabe que dá dor de barriga?

**LÊ**: Sei...

**LUPUS**: Mesmo assim comeu, não é?

**LÊ** (*justificando-se*): Estava tão gostoso!

**LUPUS**: Pois agora gema!

**LÊ**: Ai... Ai... Ui, ui... E agora, que é que eu faço?

**LUPUS**: Esfrega que passa!

**LÊ** (*esfrega a barriga*): Ai, ai... Não passa!

**LUPUS**: Esfrega com força!

**LÊ** (*esfregando freneticamente*): Ui, Ui, ui, ui, ui, ui!

**LUPUS**: Melhorou?

**LÊ:** Esquentou pra burro!

**LUPUS:** Não passou?

**LÊ:** Ai... Está indo... (*Lupus continua a limpeza, enquanto o rei vai se acomodando – à medida que a dor some, adormece.*) Ai... Ui...

**LUPUS** (*falando sozinho*): É. Nunca vi tão guloso! Já sabe que bolo de chocolate dá dor de barriga e fica comendo! Parece criança! Come até pelos olhos!... (*Outro tom.*) Agora geme rei! Rei também tem barriga! (*Pausa.*) “Comi um pedacinho só!”. Sim, garanto que comeu um bolo desse tamanho (*Abre os braços.*) E sozinho... (*Procurando pelo chão.*) Será que não sobrou uma migalha por aqui? (*Não encontrando nada.*) É! Nunca sobra nada pra mim! Bem feito que deu dor de barriga!

**LÊ** (*desperta, subitamente, gemendo*): Ai, ai! Ui, ui, uil...

**LUPUS** (*de um salto está junto de Lê*): Vossa majestade está chamando?

**LÊ:** Não estou chamando!

**LUPUS:** Eu ouvi!

**LÊ:** Estava gemendo!

**LUPUS:** Pensei que me chamava: uuuuuuu!...

**LÊ:** O que é isso?!

**LUPUS:** É assim que nós chamamos alguém.

**LÊ:** Pois estão sossegue. No palácio só eu posso urrar!

**LUPUS:** Pois urre, majestade!

**LÊ:** Ai, ai! Não posso.

**LUPUS:** Está vendo?

**LÊ:** Acha que posso urrar, com dor de barriga?!

**LUPUS:** A gente que só urra com dor de barriga!

**LÊ:** Ah... Queria ver se fosse você.

**LUPUS:** Comigo nunca acontece! (*A parte.*) Nunca sobra um cisquinho de bolo!

**LÊ** (*fazendo careta*): Ui, como dói!

**LUPUS:** Quem manda ser guloso? (*A parte.*) Pensa que bolo de chocolate é água? Agora geme “seu”!

**LÊ** (*chegando por trás*): Que é que está dizendo?

**LUPUS** (*assustado, desculpa-se*): Nada majestade... O reino é vosso... Pode gemer, pode urrar... Quando quiser!

**LÊ:** Que é que faz aí, com esse balde e essa vassoura?!

**LUPUS:** Estou varrendo e lavando.

**LÊ** (*em dúvida, desconfiado*): É mesmo?

**LUPUS:** Ou se quiser: lavando e varrendo. Ou então, se vossa majestade insiste: estou lavando e varrendo...

**LÊ:** Ai, você me deixa tonto, Lupus.

**LUPUS** ( *fingindo*): Eu majestade?

**LÊ** (*mudando de assunto*): Ah! Se eu pudesse cuidar desse palácio.

**LUPUS:** Eu cuido!

**LÊ:** Você é um relaxado!

**LUPUS** (*espanto fingido*): Eu majestade?!

**LÊ:** Faz três dias que procuro aquela caixa de bolo de chocolate e não encontro!

**LUPUS:** Mas bolo de chocolate é proibido!

**LÊ:** E daí?

**LUPUS:** Há mais de cem anos que está proibido!

**LÊ:** Quem proibiu?

**LUPUS:** Vossa majestade...

**LÊ** (*conformado*): Proibi, mas gosto. E se gosto, mando buscar noutro lugar, se mando buscar noutro lugar, quero comer, entendeu?

**LUPUS:** Sim, majestade.

**LÊ:** Onde está a caixa?  
**LUPUS:** Vossa majestade comeu.  
**LÊ:** Tudo!  
**LUPUS:** Tudo! *(A parte.)* Por isso está com essa bruta dor de barriga!  
**LÊ:** Procurei até debaixo da cama. Nada!  
**LUPUS:** Não tem mais, majestade: só mandando buscar.  
**LÊ** *(desapontado):* Só no mês que vem parte um avião para Chocolatolândia.  
**LUPUS:** Já procurou no depósito?  
**LÊ** *(geme):* Ai, ai... *(Esfregando a barriga.)* Ui, ui, ui!... Só em pensar em chocolate me dói... Ai, ai! Eu morro!  
**LUPUS:** Uma dorzinha não mata.  
**LÊ:** Quería ver se fosse na sua barriga.  
**LUPUS:** Vou buscar um remedinho que passa.  
**LÊ:** Que “remedinho” é esse?  
**LUPUS:** Chá de alecrim!  
**LÊ:** Bah! Isso é pra criança!  
**LUPUS:** É lógico. Criança vive com dor de barriga. *(A parte.)* Principalmente criança gulosa!  
**LÊ** *(mão na barriga):* Me traga logo, Lupus. Eu não agüento mais!  
**LUPUS** *(calmo):* Trago já. *(Enquanto o rei geme num lado – a parte.)* Tudo cai nas minhas costas. É pra limpar: Lupus! Prá cozinhar? Lupus! Atender à porta: Lupus. Fazer cházinho: Lupus! Ir à feira: Lupus! Ligar televisão: Lupus! Remendar as meias: Lupus! Contar historinhas pra dormir? Lupus. *(Pausa.)* Este palácio é muito grande para uma pessoa só cuidar. Tudo sou eu!  
**LÊ** *(geme):* Ai, ai...  
**LUPUS** *(saindo):* É prá já, majestade.  
**LÊ:** Ah... Ah... *(Outro tom.)* A cara desse criado me dá dores... Ah, ah....

Está passando... *(Aliviado, cara alegre):* Está passando...  
**LUPUS** *(volta, vestido como um mordomo, trazendo o chá numa bandeja):* Prontinho, majestade.  
**LÊ:** Obrigado, Lupus amigo... *(Senta-se para tomar o chá).*  
**LUPUS** *(cerimonioso):* Com a televisão ligada, vossa majestade se sentirá melhor.  
**LÊ:** É mesmo. *(Interessado.)* Liga, liga.  
**LUPUS:** Está na hora do telejornal.  
**LÊ:** Não tem desenhos?  
**LUPUS:** Ainda é cedo. Desenho só bem mais tarde da noite.  
**LÊ** *(decepcionado):* Ah!... *(Interessado.)* É filme de bandido?  
**LUPUS:** Também não.  
**LÊ:** Que televisão chata!  
**LUPUS** *(procurando acertar a imagem na tevê):* O telejornal do canal Um – o primeiro, é bom... Traz novidades.  
**LÊ:** No meu reino nunca há novidades!  
**LUPUS:** Vamos ver.  
**LÊ** *(aborrecido):* Meu reino é chato! Não acontece nada. Nunca vi lugar mais parado do que esse.  
**LUPUS** *(a parte.)* Parado porque não é ele que se vira! Eu é que me mato de tanto trabalhar! *(Noutro tom.)* Fica aí, belo e folgado, comendo tudo quanto é bolo de chocolate que aparece.  
**LÊ** *(pedindo silêncio):* Shhhh!... Vai começar.  
**LUPUS** *(contesta):* Shhhh... Você.  
**LÊ:** É assim que fala com seu soberano?!  
**LUPUS** *(desculpando-se):* Perdão, majestade...  
**LÊ** *(ao aparecer a imagem):* Aí está. *(A televisão se ilumina ao som do prefixo do telejornal. Aparece Rapozo que, solenemente, começa a*

*locução.)*

**RAP:** Senhores telespectadores, boa noite.

**LÊ** (*responde*): Boa noite.

**RAP:** Mais uma vez em seu lar: O meu, o seu, o nosso telejornal Quaráquaquá!

**LÊ:** Isso é jornal ou conversa de pato!

**LUPUS** (*pede silêncio*): Shhhh...

**RAP:** Temos, nesta noite, sensacional revelação a fazer. Mas antes, porém, a mensagem de nossos patrocinadores.

**LÊ** (*protesta*): Dá a notícia agora!

**RAP:** Primeiro a mensagem, majestade.

**LÊ:** É perder tempo!

**LUPUS:** A televisão é assim.

**RAP:** Depois da propaganda, darei a notícia.

**LÊ:** Mas é boa mesmo?

**RAP:** Pra lá de boa, majestade.

**LÊ** (*conformado*): Então eu espero! (*Rapozo coloca um cartaz à frente, com a figura do produto anunciado. Uma voz feminina faz a locução.*)

**VOZ:** Você é jovem?

**LÊ** (*respondendo à voz*): Claro que sou!

**VOZ:** Pra frente?

**LÊ** (*mostra a barriga estufada, concorda*): Olhe só!

**VOZ:** Ou você é ainda daquele tempo em que os homens falavam e os animais não se entendiam?

**LÊ:** Que nada, sou moderno.

**VOZ:** Lembre-se de que agora os tempos são outros.

**LUPUS** (*à parte.*) A gente trabalha demais!

**VOZ:** Hoje em dia, já os animais falam e os homens não se entendem.

**LÊ** (*impaciente*): Anuncia logo!

**VOZ:** Já vai majestade.

**LÊ:** Fica aí com nhenhenhé!...

**VOZ:** Já que você é moderno, pra frente, então tome chá de

alecrim!

**LÊ:** Já estou tomando!

**VOZ:** É bom para você, é bom pra mim!

**LUPUS** (*a parte*): Que coisa boba!

**VOZ** (*encerrando*): Chá de alecrim, é o fim!

**LÊ** (*zangado*): Ainda vou fazer um decreto. Na televisão só desenhos animados.

**LUPUS:** Só desenhos vai enjoar... Pode até dar dor de barriga.

**LÊ** (*geme, esfregando a barriga*): Ai, ai! Não me fale disso!

**RAP** (*tornando a aparecer*): E agora, a grande novidade: Num furo de reportagem nosso enviado especial descobriu que neste reino, veja bem, neste reino, estão fazendo bolo de chocolate!

**LÊ** (*pula do trono, bravo*): No meu reino?!

**LUPUS:** Não acredito!

**RAP** (*confirma*): É a pura verdade.

**LUPUS** (*para Rapozo*): O proibido, o combatido, o banido, o detestado bolo de chocolate está sendo feito?

**RAP** (*confirma*): Exatamente!

**LUPUS** (*incrédulo*): No nosso reino?

**RAP:** Neste reino.

**LÊ** (*interessado*): Por quem? Por quem?

**LUPUS** (*a parte*): Quem será esse danadinho?

**LÊ:** Diga, quem é essa pessoa?

**RAP:** Dononça.

**LUPUS E LÊ:** Dononça?

**RAP** (*concorda*): Humhum.

**LUPUS:** Dononça da geringonça?

**RAP:** Ela mesma!

**LÊ** (*para Lupus*): Não é geringonça, é forno.

**RAP:** É no forno que ela está fazendo!

**LUPUS:** Na floresta?

**LÊ:** Ela não sabe que é proibido?

**RAP:** Sabe.  
**LUPUS:** E faz?  
**LUPUS:** É proibido fazer bolo de chocolate!  
**LÊ** (*enquanto isso geme, esfregando a barriga*): Ai, ai, ui, ui, ui... Não falem que dói mais...  
**LUPUS** (*para Rapozo*): Você pode provar?  
**RAP:** Eu vi!  
**LUPUS:** Olhe que se for mentira... Sabe muito bem que eu também sou o delegado deste reino, hein!  
**RAP:** Não se esqueçam que eu sou o Rap, o Rap Ozo. Farejo qualquer coisa e por isso sou famoso.  
**LÊ:** como dói!  
**RAP:** Tome um gole d'água majestade.  
**LÊ:** E vou ficar com barriga d'água?  
**LUPUS:** Tome chá de alecrim!  
**RAP** (*enquanto Lê toma o chá servido por Lupus*): E após esta sensacional notícia, encerramos o meu, o seu, o nosso telejornal. Canal Um, o primeiro!  
(*Entra prefixo do telejornal.*)  
**LÊ** (*para Lupus*): Chame esse camarada aqui.  
**LUPUS:** Pra quê, majestade?  
**LÊ:** Vai ter de contar tudo direitinho.  
**LUPUS** (*para a televisão*): O seu repórter, o rei quer falar com você.  
**RAP:** Agora?  
**LUPUS** (*ordena*): Venha já!  
**RAP:** Está bem, eu vou.  
**LUPUS** (*para o rei*): Ele já vem.  
**RAP** (*entrando*): Que quer de mim?  
**LÊ:** Conta aí, como é esse negócio de Dononça.  
**RAP:** Já contei.  
**LÊ:** Quero ouvir, tim-tim por tim-tim.  
**RAP:** Eu estava passeando na floresta...  
(*Vai demonstrando e se abaixando enquanto fala*): Assim,

farejando, farejando... Nariz pra cá... Nariz pra lá... Quando, de repente: Pumba!

**LUPUS:** Deu com o nariz no chão!  
**RAP:** Comecei a sentir um cheiro...  
**LÊ:** Ah! E cheirou?  
**RAP:** Cheirei... (*Representando.*) Fui cheirando: Hum, hum! Fui cheirando. Hum, hum... E de repente: Pumba!  
**LUPUS:** Agora deu com o nariz no chão!  
**RAP:** Vi a casa de Dononça. Fui chegando... Farejando... Farejando e chegando... Chegando e farejando...  
**LÊ** (*interessado*): E daí?  
**RAP:** Cada vez mais perto... De repente. Pumba!  
**LUPUS:** Desta vez! Deu com o nariz no chão.  
**RAP** (*para desaponto de Lupus*): Vi o forno de Dononça.  
**LÊ:** E daí?  
**RAP:** Meu nariz começou a funcionar. Tic, tac, tic tac, tic, tac.  
**LUPUS:** É nariz ou relógio?  
**RAP** (*continuando*): Ia de um lado para outro. Hum, hum...  
**LÊ:** Sentia cheiro de quê?  
**RAP:** De bolo.  
**LÊ:** Que bolo?  
**RAP:** De chocolate!  
**LÊ** (*exclama*): Ah!  
**RAP:** Chocolate gostoso; e o cheiro vinha do forno de Dononça.  
**LUPUS E LÊ** (*ao mesmo tempo*): Dononça! Quem diria!  
**LUPUS:** Justo Dononça da geringonça!  
**LÊ:** Aquilo é forno.  
**LUPUS** (*corrige-se*): Dononça do forno!  
**RAP:** Meu nariz não se engana. Fareja e pumba!  
**LUPUS:** Nariz no chão!  
**RAP** (*desaponta mais uma vez Lupus.*)

Vi com meus próprios olhos. Era bolo de chocolate que estava assando. O bolo proibido.

**LÊ:** Dononça vai ter de explicar direitinho essa história de fazer bolo proibido. Se não... Era uma vez uma onça!

**RAP:** Isso mesmo majestade; castigo nela!

**LÊ** (*para Lupus*): Secretário, telefone para Dononça. Quero vê-la imediatamente!

**LUPUS** (*dirige-se ao telefone, disca, aguarda, fala*): Alô? Dononça? Aqui é o secretário social de sua majestade, o rei Lê. (*Pausa.*) Como que rei?! Rei deste reino! (*Pausa.*) Como que reino?! A senhora vive no mundo da lua? (*Ouve.*) Não é reino da lua coisa nenhuma! (*Pausa.*) Olhe, preste atenção. Eu sou o secretário do rei. (*Pausa.*) O rei Lê. (*Pausa.*) Entendeu? Bem... A senhora precisa vir urgentemente até aqui. (*Pausa.*) Aqui, é o palácio. Sim tem que ser agora. (*Insiste.*) Já! (*Pausa, ouvindo para o rei.*) Diz que está ocupada.

**LÊ:** Mas eu sou o rei! Eu mando!

**LUPUS** (*no telefone*): Ele é o rei. (*Ouve, depois para Lê.*) Diz que não tem condução.

**LÊ:** Que tome um táxi.

**LUPUS:** Pode tomar um táxi que o rei paga.

**LÊ** (*protesta*): Eu não pago nada; quem paga é você.

**LUPUS:** Tudo comigo! (*Ao telefone.*) Mas vem logo. (*Desliga.*) Ela disse que num piscar de olhos estará aqui.

**LÊ:** Se não for um piscar de olhos de bicho preguiça!

**RAP** (*dissimulador*): Bem... Já que não

precisam mais do meu nariz farejador... Acho que vou indo...

**LÊ:** Não quer ficar?

**RAP** (*desculpa-se*): Tenho muito que fazer.

**LUPUS** (*oferece*): Tome um chazinho.

**RAP** (*com repugnância*): Prefiro morrer a tomar essa água choca!

**LÊ:** Se não quer ficar...

**RAP:** Preciso ir; sabem como é a vida de reporter. A gente tem que farejar aqui, farejar ali... De repente: Pumba!

**LUPUS** (*insiste*): Nariz no chão!

**RAP:** Acha-se uma boa notícia.

**LUPUS** (*sem se conter*): Não acerto uma!

**LÊ:** Apareça de vez em quando, Rapozo.

**RAP:** Quando puder eu volto. (*Sai, mas quando Dononça chega, volta às escondidas e fica ouvindo a conversa.*)

**LÊ:** E Dononça que não chega!

**LUPUS:** Ela disse num piscar de olhos!

**LÊ:** Já estou cansado de piscar e ela não vem!

**DONONÇA** (*vem de chale na cabeça, avental e cesta no braço, cantarolando*): Larilari Larilará... etc. (*Dá umas voltas em cena; depois dirige-se aos outros.*) Olá, cheguei! (*Outro tom.*) Que querem de mim?

**LÊ:** É verdade que você está fazendo bolo?

**DONONÇA** ( *fingindo*): Eu?!

**LUPUS** (*zomba*): Não eu.

**DONONÇA:** Fazer bolo é crime?

**LÊ:** Bolo de chocolate é.

**DONONÇA:** De cho-co-la-te?!

**LUPUS:** É.

**DONONÇA:** Eu não faço...

**LÊ** (*interrompendo*): Faz sim!

**DONONÇA:** Eu?!

**LÊ:** Não adianta fingir, que eu sei de tudo!

**DONONÇA:** Se sabe, por que pergunta?

**LUPUS:** Soubemos pela televisão.

**DONONÇA:** Ah!... (*Espirra.*)  
Aaaaatchim!

**LÊ:** Saúde!

**DONONÇA** (*olhando desconfiada para os lados, enquanto Rapozo se esconde*): Sinto pêlo outra vez no meu nariz e não sei por quê... Então foi o Rapozo que contou.

**LUPUS:** Não sabe que é proibido fazer bolo de chocolate?

**LÊ:** Que eu sou doido por bolo de chocolate?

**DONONÇA:** Todo mundo sabe!

**LÊ:** Qué quando vejo bolo de chocolate, eu quero comer?

**DONONÇA:** Todo mundo sabe!

**LÊ:** Que nem posso sentir o cheiro?

**DONONÇA:** Todo mundo sabe!

**LÊ:** Todo mundo. A senhora não!

**DONONÇA:** Não é o caso de derrubar o mundo. Eu fiz um bolinho "assim"!

**LUPUS:** Sabe que se o rei comer, fica com dor de barriga? Não pensa na barriga real? Por que se mete a fazer bolo naquela geringonça?

**DONONÇA:** Porque meu bolo não faz mal.

**LÊ:** Não existe bolo que não me faça mal. Vivo com dor de barriga.

**DONONÇA:** Meu bolo não faz mal.

**LUPUS:** Está é contando vantagem.

**DONONÇA:** Moço, mais respeito comigo, ouviu? Nunca dei essas confianças pra me falar assim.

**LUPUS:** Sou o secretário do rei.

**DONONÇA:** Secretário ou não, mais respeito.

**LÊ:** Esse bolo é bom mesmo?

**DONONÇA:** É muito bom.

**LÊ:** Tem mesmo chocolate?

**DONONÇA:** Muito chocolate.

**LUPUS:** Não faz mal? Não dói a barriga?

**DONONÇA:** Nem um pouco.

**LÊ:** Não acredito!

**DONONÇA:** Não quer acreditar, não acredite. Mas palavra de boleira. Meu bolo de chocolate não dá dor de barriga de jeito nenhum! Nem que coma uma tonelada!

**LÊ:** De verdade?

**DONONÇA:** Palavra de Dononça.

**LÊ:** Será que ela está falando a verdade; ou é mentira?

**LUPUS:** É preciso ter certeza, majestade

**LÊ:** Tenho uma bruta vontade de provar o bolo dela.

**LUPUS:** Se fizer mal? Pode dar uma bela dor de barriga!

**LÊ** (*concorda*): É, pode... (*Outro tom.*)

Uma dor a mais, uma dor a menos... Vou me arriscar. A senhora pode provar o que diz; que o bolo não faz mal?

**DONONÇA:** Posso provar!

**LUPUS:** Como podemos saber se o seu fabuloso bolo não faz mal?

**DONONÇA:** Fazendo um bolo para o rei!

**LÊ** (*interessado*): Não demora?

**DONONÇA:** É rápido majestade; faço e mando entregar.

**LÊ:** Não a senhora mesma vai trazer.

**DONONÇA:** Tenho que trazer?

**LÊ:** Se me der dor de barriga...

(*Faz um gesto como a indicar pescoço cortado.*)

**DONONÇA:** Pode confiar.

**LUPUS:** Ele confia, a barriga não.

**LÊ** (*despedindo Dononça*): Pode ir e traga o bolo.

**DONONÇA:** Quem paga a despesa?

**LÊ** (*para Lupus*): Tesoureiro, pague a

cidadã.

**LUPUS** (a parte.) O pior é que é do meu bolso. (Para Dononça.) Vinte moedas dão?

**DONONÇA:** Vinte moedas eu gastei de táxi até aqui.

**LUPUS:** Por que não veio de ônibus?

**DONONÇA:** Mandaram vir de táxi.

**LUPUS** (pagando): Mais cinqüenta para o bolo.

**DONONÇA** (protesta): Não, não... Para o bolo, mais mil.

**LUPUS:** Mil?!

**DONONÇA** (para Lê): Então não faço o bolo!

**LÊ** (para Lupus): Não seja pão duro; pague logo. Mil moedas.

**LUPUS** (cede): Está bem... Mil.

**DONONÇA** (guardando as moedas e saindo): Traga o bolo amanhã, sem falta. (Espirra).

Aaaaaatchim!!! Puxa vida; Não é que estou espirrando outra vez?!

**LÊ** (assim que Dononça sai): Ai, ai, ai... Eu, ui... Acho que tenho que ir lá dentro...

**LUPUS:** Não quer mais chá?

**LÊ** (saindo): Não, agora não.

**LUPUS** (saindo em seguida a Lê, levando a bandeja): Será que o Rapozo nunca dá com o nariz no chão?!

**RAP** (após a saída de todos, deixando o esconderijo): Ahah! Dononça pensa que vai fazer o bolo para o rei, mas está muito enganada... (Retira-se, rindo.) Ahahah... Ahahaha!...

### CENA III

(Diante da mesa cheia de sacos e latas, formas etc., Dononça abre um livro à cata da receita e prepara o

bolo. Vez em quando dá uma espiada no forno. Rapozo, – sem se deixar ver, – ora mexe aqui, ora mexe ali, procurando atrapalhar.)

**DONONÇA** (cantarolando): Larilará... Larilará... Hum... Vejamos: primeiro a página do livro... (Folheia.) Página vinte e sete... Ah! Aqui está: Bê-o-bo-lo. Bolo de chocolate. (Deixa o livro aberto e vai fechar o forno. Rapozo vira as páginas do livro. Dononça, lendo.) Primeiro escolha uma dúzia de morangos bem maduros... Morangos?! O bolo é de chocolate!... (Começa a procurar no livro.) Ah! Esse vento vai virando as páginas...

**RAP** (Vai até o forno e o deixa aberto.)

**DONONÇA** (continuando): Página vinte e sete... Bolo... (Olha o forno.) Puxa vida! Eu tinha fechado o forno! (Lendo.) Primeiro um quilo e meio de manteiga... (Abre um pote e põe o ingrediente na vasilha maior, de preferência uma grande tigela.) Vamos pondo aos pouquinhos... (Espirra.) Aaaaaatchim!... (Olha desconfiada para os lados, enquanto Rapozo se esconde.) É melhor fechar o forno.

**RAP** (Enquanto Dononça se afasta, sai do esconderijo e toma o leite que está na mesa.)

**DONONÇA** (volta cantarolando): Larilará...Lari Lalá,... (Limpendo as mãos no avental.) Bem... Agora vem... (Olhando a garrafa de leite vazia.) Ué! (Verifica se ela não está furada.) Onde foi parar o leite?

**RAP** (escondido ri): Hi, hi, hi!

**DONONÇA** (ouvindo à escuta; depois sem desconfiar): Os passarinhos

hoje estão alegres!

**RAP** (continua rindo): Hi, hi, hi!...

**DONONÇA** (continuando): Em segundo lugar o açúcar! (Abre várias latas à procura do que precisa, prova o conteúdo de uma delas, faz caretas, cuspiendo forte.) Ahah! É bicarbonato puro "seu"!

**RAP** (ainda ri): Hi, hi, hi!...

**DONONÇA** (coça a cabeça, intrigada): Onde estará o açúcar? (Prova de outra lata.) Ah, aqui! Vamos por o quanto basta.

**RAP** (enquanto isso vai por baixo da mesa e fura o saquinho de farinha; Depois fica ali escondido)

**DONONÇA** (espirra): Aaaaatchim!... Atchim!... (Exclama.) Minha nossa senhora! Meu nariz cheio de pêlos! (Olha desconfiada para os lados.) Aquele Rapozo larga pêlos em todo lugar! Aaaaaatchim!...

**RAP** (ri): Hi, hi, hi!...

**DONONÇA** (mão ao ouvido, à escuta): Hum... A passarada hoje não pára...

**RAP** (continua): Himhi, hi...

**DONONÇA** (continuando): Agora a farinha de trigo (Apanha o saquinho.) Onde foi mesmo que coloquei a balança?... (Procura de um lado para outro, andando com o saquinho furado, derramando tudo.) Coloquei essa balança... Onde mesmo? (Cantarolando enquanto procura, derramando a farinha pelo caminho.) Larilará... Lari... (Procura dentro do forno.) Larilárlarará... (Vai em direção à mesa, olha por baixo justo a tempo do Rapozo escapar sem ser visto.) Não está aqui!...

Larilará... (Lembrando-se.) Ah!

(Vai apanhar a balança na cesta; volta para a mesa.)

**RAP** (rindo, vai abrir o forno outra vez): Hi, hi, hi!...

**DONONÇA** (quando vai pesar, vê que o saquinho está vazio): Ué! Quêdê a farinha?! (Olha à volta e para o chão.) Meu Deus! A farinha do rei toda espalhada! (Pausa.) Bom, agora tenho que usar a minha farinha! (Vai até a cesta, de passagem nota o forno novamente aberto.) Onde será que estou com a cabeça? Desse jeito esfria!

(Torna a fechá-lo.)

**RAP** (Enquanto isso, junto à mesa enche os bolsos com ovos.)

**DONONÇA** (volta com a farinha e pesa): Larilaára... Lari.. la rá... Dois quilos de farinha de trigo... Mas vamos devagar!...

**RAP** (ri): Hi, hi, hi!...

**DONONÇA** (ouvidos à escuta): Não está me parecendo passarinho!

**RAP** (corta o riso, à espreita, assustado): Hum!...

**DONONÇA** (Voltando ao trabalho): Acho que são os ratinhos que saíram para tomar sol.

**RAP** (aliviado, continua rindo): Hi,hi,hi!..

**DONONÇA** (espirra): Aaaaatchim!...

**RAP** (deixa escapar): Deus te crie!

**DONONÇA** (desconfiada): Ué!...

**RAP** (Esconde-se, calado, encolhido.)

**DONONÇA** (finge espirrar): Aaatchim!... (Não obtém resposta.) Acho que ando tonta: Esse negócio de fazer bolo mandado deixa a gente nervosa. (Outro tom, lendo.) Vinte e cinco ovos... Bom, mas vamos devagar. (Procurando.) Ora, ora, ora... Onde estão os ovos?!

**RAP** (ri, escondido): Hi,hi,hi!...

**DONONÇA** *(depois de olhar na cesta):*  
Aqui não estão! *(Vai olhar dentro do forno.)* Hum, aqui também não.

*(Deixa o forno fechado.)*

**RAP** *(sem ser visto por Dononça, abre o forno e vai se esconder debaixo da mesa)*

**DONONÇA:** Será que dona galinha veio buscar os ovos de volta? Não podia, ela sabe que é para o rei Lê! *(Pausa.)* Será que deixei debaixo da mesa?

**RAP** *(Assustado, faz o sinal da cruz e fica de mãos postas rezando.)*

**DONONÇA** *(mudando de idéia):* Não, não, não... Não estão debaixo da mesa: Eu já olhei e não tinha nada!

**RAP** *(Tira um lenço do bolso e enxuga o suor.)*

**DONONÇA:** Palavra que se não achar os ovos eu telefono para a polícia e faço virar a floresta de cabeça pra baixo! Viro tudo pelo avesso. *(Ameaça.)* Quem pegou os ovos vai acabar frito! Frito sem gordura ainda por cima! *(Indo até o forno.)* Raio de forno que não fica fechado! Tá sempre de boca aberta, feito bobo!

**RAP** *(Aproveita para pôr os ovos no lugar, enquanto Dononça atende o telefone.)*

**DONONÇA:** Alô? *(Pausa.)* Sim, é ela mesma. *(Pausa.)* Como vai senhor secretário social... *(Outro tom.)* Não é? Mas eu conheço sua voz senhor Lupus! *(Pausa.)* Ah! Agora você está como relações públicas... *(Outro tom.)* Muito bem... E sua majestade, como vai? *(Pausa, ouvindo.)* Ah, coitadinho... Não sai do troninho?! *(Outro tom.)* Não tem tomado

chazinho? Tem? Mas isso é bom. *(Pausa.)* Vai indo... Estou preparando... Demora porque tenho andado um pouco distraída. Como? Acho que é por causa da idade.

**RAP** *(aproveita para sair debaixo da mesa e, de passagem, torna a abrir o forno.)*

**DONONÇA:** Fica pronto amanhã. Pode esperar, sem falta. *(Pausa.)* Está bem; obrigada, muito obrigada... Tchau! *(Desliga, sai cantarolando.)* Larilá...etc... *(Olha o forno, desanimada, mão na cintura.)* Puxa, forno, como você cansa a gente! *(Deixa o forno fechado e volta para a mesa.)* Ah! Os ovos. Bem no meu nariz! Desse jeito vou ter de trocar de óculos! *(Vai quebrando os ovos e colocando na tigela.)* Larilará... Larilará...

**RAP** *(Vai abrir o forno, quando Dononça se volta.)*

**DONONÇA:** Onde deixei a colher de pau?

**RAP** *(Rápido se esconde debaixo do forno.)*

**DONONÇA** *(acha a colher):* Aqui está. *(Senta-se na cadeira de balanço, defronte ao forno e começa a bater o bolo na tigela.)* Agora quero ver "seu" forno, se o senhor é capaz de abrir a boca de novo! Não vou tirar os olhos daí... Nem uma vez. Nem que você se arrebente de esquentar. *(Espirra.)* Aaaatchim!...

#### CENA IV

*(Sala do trono, deserta. Rapozo entra arrebentado; vem cantando desafinado e se arrastando.)*

**RAP:** Eu sou o Rap Rap, O Rap Rapozo...  
Farejo qualquer... Qua, qua,  
qualquer coisa... E por is... Por is...  
Por isso... Sou fa, fa, fa... Famoso!  
(*Deixa-se cair no trono.*) Ai, meu  
Deus! Pareço um pato assado!  
Como me queimei debaixo  
daquele forno! (*Outro tom.*) A  
danada da Dononça ficou dez  
horas ali, mexendo o bolo,  
derretendo o chocolate... Nada de  
sair, eu me queimando... Ai!...

**LUPUS** (*entra, como faxineiro,  
espanando a poeira, canta*):  
É pó pra cima,  
É pó pra baixo,  
É pó pra todo lado!  
Se eu não fosse tão bobo,  
Não estaria como criado!

**RAP** (*esconde-se*): Se ele me encontrar,  
estou frito! (*Corrige-se.*) Ai, frito eu  
já estou!

**LUPUS** (*limpando o trono*): Preciso ter  
tudo em ordem... Dononça já está  
a caminho, trazendo o bolo de  
chocolate. Se não der dor de  
barriga o rei Lé ficará muito feliz!  
(*Outro tom.*) Mas se der dor de  
barriga!,, Ah, ah! Coitadinha da  
Dononça... E eu vou ter que  
bancar o carrasco! (*Outro tom.*)  
Sempre cai tudo nas minhas  
costas. (*Canta.*)

É pó pra cima!  
É pó pra baixo!  
É pó pra todo lado!  
E se não fosse tão bobo!  
Não estaria como criado!

**RAP** (*depois que Lupus sai*): Mas o bolo  
ainda não foi entregue. (*Astuto.*)  
Até lá muita água vai correr...  
(*Outro tom.*) Duvido que o bolo  
não dê dor de barriga. O rei Lé é  
um barriga mole!

(*Nesse instante uma campainha din-*

*don anuncia alguém à porta. Rap se  
esconde depressa.*)

**LUPUS** (*passa para atender, vestido  
com libré*): Aiai!... É um corre-corre  
nesta casa.

**LÊ** (*fora de cena*): Vê quem é!

**LUPUS**: Já estou indo.

**LÊ**: Se for Dononça, manda entrar que  
eu já vou.

**LUPUS** (*resmungando*): Vê quem é!  
Manda entrar! (*Outro tom.*) Gosta  
de mandar! Eu sei das minhas  
obrigações. (*Ouvindo novamente  
a campainha.*) Já vou, já vou!

**RAP** (*rindo, astuciosamente, esfrega as  
mãos satisfeito*): Ah, ah, ah!... Ah,  
ah, ah!... Ah, ah, ah!...

**LUPUS** (*volta acompanhado de  
Dononça*): Pode esperar que o rei  
já vem.

**DONONÇA**: Não demora?

**LUPUS**: Vem já; está saindo do banho.

**DONONÇA** (*com a cesta na mão*):  
Onde deixo o bolo de chocolate?

**LUPUS**: Aí mesmo no trono.  
(*Dononça coloca a cesta no trono;  
não percebe Rapozo que está ali  
escondido*):

**DONONÇA** (*espirrando*):  
Aaaaaatchim!... Aaaatchim...  
Aaaatchim!

**LUPUS** (*a cada espirro*): Saúde!

**DONONÇA**: Nossa!... Se não estivesse  
no palácio, ia dizer que Rapozo  
anda por perto.

**LUPUS**: Ele não aparece aqui desde  
aquele dia.

**DONONÇA**: É bom mesmo. Vive  
metendo o nariz onde não é  
chamado.

**LUPUS**: Mas nunca enfia o nariz no  
chão.

**DONONÇA**: Seria bem feito.

**RAP** (*enquanto eles conversam, vai  
comendo o bolo às escondidas,*

*gulosamente)*

**LUPUS** (*imita Rapozo no modo de farejar*): A senhora vê. Ele vai farejando, farejando, farejando e bumba!

**DONONÇA**: Bate com o nariz no chão!

**LUPUS** (*contesta*): Até agora não bateu.

**DONONÇA**: Além de nariz grande, acho que ele tem boca muito grande também.

**LUPUS**: A boca?!

**RAP** (*suspende a comilança; à espreita.*)

**DONONÇA**: E linguarudo...

**LUPUS** (*concorda*): Tem razão.

**DONONÇA** (*outro tom.*) Como é, o rei vem ou não vem?

**LUPUS**: Tem que vir. (*Grita para dentro.*) Ó rei! Vem ou não vem?

**LÊ** (*de fora*): Já vou.

**LUPUS** (*para Dononça*): Já vem.

**DONONÇA**: Espero que não demore toda a vida.

**LUPUS**: Pode esperar, o rei vem logo... (*Saindo*). Com sua licença... Tenho muitas coisas para arrumar...

**DONONÇA** (*ficando a sós, começa a passear pela sala, cantarolando*): Larilará... Lari-Lará... (*Curiosa vai olhando, ora aqui, ora ali, enquanto isso Rapozo, comendo o bolo, vai trocando de lugar para não ser encontrado.*) Larilará-Larilará...Larilará...

**LÊ** (*entrando, bem arrumado, seguido por Lupus em roupa bem elegante*): Ora, ora... Que surpresa! Dononça! A que devo a honra da visita?

**DONONÇA**: Vim trazer o bolo.

**LÊ** ( *fingindo surpresa*): Oh, o bolo... (*Para Lupus.*) Ouviu caro ministro, a cidadã veio trazer um bolo para seu rei! (*Para Dononça.*) E que bolo?

**DONONÇA**: De cho-co-la-te!

**LÊ** (*leva a mão à barriga*): Ai!

**DONONÇA**: Não foi o que combinamos? Eu faria um bolo de chocolate que não desse dor de barriga.

**LÊ** (*geme, esfregando a barriga*): Ai... Ai. Ai... Não fale que dói!

**LUPUS** (*balançando a cabeça*): Hoje ele está pior...

**DONONÇA**: Mas foi ele que mandou fazer o bolo!

**LÊ** (*amuado*): Puxa vida, a senhora não sabe nem brincar...

**DONONÇA**: Que brincadeira?

**LÊ**: De rei e sua cidadã.

**LUPUS**: Como fazem os homens: O rei é tratado com respeito e os cidadãos trazem presentes.

**DONONÇA**: Ah!... E rei gosta de brincar?

**LÊ**: Quem é que não gosta?

**DONONÇA**: Então desculpe, eu não sabia!

**LUPUS**: Trouxe o bolo?

**DONONÇA** (*tirando o cesto para o rei sentar*): Está aqui.

**LÊ** (*alegre, gulosamente*): Ah!...

**LUPUS**: É de chocolate?

**DONONÇA** (*confirma*): Cho-co-la-te!

**LÊ**: Só de ouvir falar...

**LUPUS**: Dá água na boca!

**LÊ**: Dá dor de barriga!

**DONONÇA**: Esse não dá. É uma receita minha...

(*Tira a coberta e mostra a cesta ao rei.*)

**LÊ** (*olhando a cesta, admirado*): Ah!

**DONONÇA**: Uma beleza, não?

**LUPUS** (*olhando*): Aqui não tem nada!

**DONONÇA** (*virando o cesto*): Ora essa! O bolo estava bem aqui em cima.

**LÊ**: Tem certeza?

**DONONÇA**: Tenho sim.

**LÊ** (*desapontado*): Fiquei sem meu

bolo.

**RAP** (*escondido, ri*): Hi, hi,hi! Hi, hi, hi!...

**DONONÇA** (*ouvido à escuta*): Ué... Será que os ratinhos vieram para cá?

**LÊ**: Que fizeram com meu bolo? O bolo que eu paguei!

**LUPUS** (*à parte*): Quem pagou fui eu!

**DONONÇA** (*removendo uma segunda cobertura de dentro do cesto*): Aqui está.

**LÊ** (*exclama*): Ah!

**DONONÇA**: O que estava em cima era um bolo comum...

**LÊ**: Não era de chocolate?

**DONONÇA**: Era de chocolate; mas não era a minha receita. Era um bolo que dá dor de barriga. Meu bolo é este aqui (*Mostra.*) Feito com a minha receita.

**RAP** (*Começa a esfregar a barriga, aflito.*)

**LUPUS** (*consultando Dononça*): Não dói a barriga?

**DONONÇA**: Não.

**LÊ**: Por que não?

**DONONÇA**: Chá de alecrim não é bom pra dor de barriga?

**LUPUS E LÊ** (*ao mesmo tempo*): Claro que é!

**DONONÇA**: Então, eu misturei chá de alecrim no chocolate e fiz um bolo com chá de alecrim.

**LÊ**: Que inteligência! (*Para Lupus.*) Por que você nunca pensou nisso?

**LUPUS**: Eu é que tinha que pensar?

**LÊ**: Você não é o cientista real?

**LUPUS**: Já nem sei mais o que sou!

**DONONÇA**: Quem quiser, pode comer bolo que não fica com dor de barriga.

**LÊ** (*ansioso*): Me dá logo um pedaço.

**DONONÇA** (*servindo*): Coma devagar.

**LÊ**: Não vai doer nada, não é?

**DONONÇA**: Doer não dói, mas engolir depressa faz mal.

**LUPUS**: Engasgar é pior que dor de barriga.

**LÊ** (*já com a boca cheia*): Hum... é gostoso.

**DONONÇA**: Está bom?

**LÊ** (*boca cheia*): Hum, hum.

**LUPUS**: Mastiga direito, rei!

**LÊ**: Vê se come um pedaço e não me amole.

**LUPUS**: Sou mestre da etiqueta real, exijo que me respeitem.

**LÊ**: Exijo que comas o bolo!

**LUPUS**: Está bem, está bem...

**DONONÇA**: Não é uma delícia?

**LÊ** (*contente*): Muito bom, muito bom! (*Enquanto isso Rapozo continua aflito a esfregar a barriga; faz caretas de dor.*)

**DONONÇA**: A minha receita é boa mesmo.

**LÊ**: A senhora até merece uma medalha. Quer saber mais? A senhora, Dononça, fica nomeada a boleira oficial do reino.

**DONONÇA**: Obrigada.

**LUPUS** (*para Dononça que ia saindo*): Espere!

**DONONÇA**: Que é?

**LUPUS**: Me diga uma coisa: Que vai acontecer com quem comeu o primeiro bolo? Aquele que estava aí no cesto?

**DONONÇA**: Quem comeu aquele bolo vai ficar com uma bruta dor de barriga!

**RAP** (*Nesta altura está dando pulinhos de dor.*)

**LÊ**: Bem feito!

**LUPUS**: Uma dor de barriga de arrebentar!

**RAP** (*não agüentando mais, geme*): Ai, ai... Ui, ui...

**LÊ**: Estão ouvindo?

**DONONÇA**: Parece uma porta enguiçada.

**LÊ**: É gemido.

**RAP** (*torna a gemer*): Ai, ai... Ui, ui,,,  
**LUPUS**: É gemido mesmo!  
**DONONÇA** (*espirra*): Aaaaaatchim!...  
**LUPUS**: Deus te salve!  
**DONONÇA**: Aaaaatchim!... Não tenho  
dúvidas, Rapozo deve andar por  
aqui.  
**LUPUS**: O Rapozo?  
**RAP** (*não agüentando a dor, sai do  
esconderijo, esfregando a  
barriga*): Ai, ai... Ui, ui... Me  
ajudem! Como dói! Como dói!  
Como dói! Ui, ui... Ai, ai!...  
**LÊ**: Você comeu o bolo?  
**RAP**: Comi, comi... (*Geme.*) Ai... Comi,  
comi...  
**LÊ**: Bem feito!  
**RAP**: Eu vinha farejando... Sabe,  
majestade... Farejando e de  
repente: Pumba!  
**LUPUS**: Bateu o nariz no chão!  
**RAP** (*desapontando Lupus*): Vi o bolo.  
Tão bonito, tão cheiroso, tão  
fofinho... Não agüentei! Me deu  
uma bruta vontade de comer...  
Eu comi!  
**DONONÇA**: Agora agüenta, guloso.  
**RAP**: Eu quero sarar...  
**LUPUS**: Quem mandou comer o bolo  
que não era seu!  
**RAP**: Eu queria ver Dononça  
castigada.  
**DONONÇA** (*entendendo*): Ah... Bem  
que eu ficava espirrando e não  
achava nada em casa!  
**RAP**: Ai, ai, ai, ai, ai... Me curem que eu  
não faço mais...  
**LÊ**: Promete?  
**RAP**: Prometo; palavra.  
**LUPUS**: É preciso tomar chá.  
**RAP** (*protesta com repugnância*): Não  
vou tomar essa água choca!  
**LUPUS**: Ou toma chá ou fica com dor

de barriga. Escolha.  
**RAP** (*geme*): Ai, ai... Ui, ui...  
**LUPUS**: Como é, quer chá ou não?  
**RAP** (*após indecisão; não contendo a  
dor*): Ai, ai... Tomo chá!  
**LUPUS** (*grita para fora*): Chá para  
todos na sala real!  
(*Sai correndo.*)  
**LÊ** (*comendo o bolo, oferece*):  
Comam... Está uma delícia.  
**DONONÇA** (*comendo*): E não dói a  
barriga.  
**RAP** (*mão na cabeça e na barriga*):  
Ai, não falem em barriga...  
(*Geme.*) Ai, ai, ui, ui...  
**DONONÇA** (*espirra*): Aaaatchim!  
**LÊ**: Saúde!  
**LUPUS** (*entra vestido como criado,  
empurrando um carrinho de chá*):  
Chá para todos na sala real!  
**LÊ** (*chama*): Lupus!  
**LUPUS**: Que é majestade?  
**LÊ**: Um pouco de música.  
**LUPUS** (*em voz alta*): Maestro, música  
para todos!  
(*Enquanto se servem do chá, Lupus  
corre para o trono, apanha uma  
casaca e batuta e se põe a reger.  
Todos cantam.*)  
**CORO**: Viva o bolo  
Viva o bolo,  
chocolate e alecrim!  
Viva o bolo,  
Viva o bolo,  
cantemos sempre assim.  
Viva o bolo  
Viva o bolo,  
chocolate e alecrim  
Viva o bolo,  
Cantemos sempre assim!  
(*O pano fecha lentamente, enquanto  
Dononça convida: "Venham comer...  
Comam bolo de chocolate"*)

**FIM**

# Adolescente/ Adulto

**O Namorado ou  
A Noite de São João**  
Martins Pena

**O Líder**  
Lauro César Muniz

**Barbosinha Futebol Crubi**  
César Vieira



# O NAMORADOR ou A NOITE DE SÃO JOÃO

Martins Pena  
Comédia em um ato

## PERSONAGENS

---

**Vicente** – velho

**Clara** – mulher de Vicente

**Clementina** – sua filha

**Ritinha** – amiga de Clementina

**Luís** – primo de Clementina

**Júlio**

**Manuel** – ilhéu, feitor

**Maria** – ilhoa, sua mulher

**Convidados de ambos os sexos, meninos, negros e moleques**

*(A cena se passa em uma chácara no Engenho Velho, no ano de 1844.)*

## ATO ÚNICO

*(O teatro representa uma chácara. No fundo, a casa de vivenda com quatro janelas rasgadas e uma porta para a cena. A casa dentro estará iluminada, deixando ver pelas janelas várias pessoas dançando ao som de música, outras sentadas e alguns meninos atacando rodinhas. À esquerda, no primeiro plano, a casinha do feitor, a qual, sendo saliente sobre a cena, terá uma janela larga para frente do tablado e uma porta para o lado; debaixo da janela haverá um banco de relva. No canto que faz a casinha, um monte de palha; à direita, no mesmo plano da casinha, uma carroça. Defronte da porta da casa, uma fogueira ainda não acabada;*

*mais para frente, o mastro de S. João, e dos lados deste, um pequeno fogo de artifício constando de duas rodas nas extremidades e de fogos de vista e coloridos, que serão atacado(s) a seu tempo. A cena é alumiada pela lua, que se vê sobre a casa por entre árvores. (N. B.: Deve-se dar todo o espaço necessário para a distribuição da cena acima marcada, a fim de se evitar a confusão e conservar a naturalidade do que se quer representar.)*

## CENA I

*(Ritinha com um copo com água na mão, e Clementina com um ovo.)*

**RITINHA:** Só nos falta esta adivinhação.  
Já plantamos o dente de alho,

para vê-lo amanhã nascido; já saltamos três vezes por cima de um tição...

**CLEMENTINA:** E já nos escondemos detrás da porta, para ouvirmos pronunciar o nome daquele que virá a ser teu noivo.

**RITINHA:** Vamos à do ovo.

*(Clementina quebra o ovo na beira do copo e deita a clara e gema dentro da água.)*

**CLEMENTINA:** Agora dê cá, *(toma o copo)* e ponhamo-lo ao sereno.

**RITINHA:** Para quê? Explica-me essa, que eu não sei.

**CLEMENTINA:** Este ovo, exposto ao sereno dentro da água, vai tomar uma forma qualquer, por milagre de S. João. Se aparecer como uma mortalha, é sinal que morreremos cedo; se tomar a figura de uma cama, é prova que nos havemos de casar este ano; e se se mostrar debaixo da forma de véu de freira, é certo agouro que viveremos sempre solteira.

*(Põe o copo sobre o banco de relva.)*

**RITINHA:** O melhor é não indagarmos isso.

**CLEMENTINA:** Tens receio?

**RITINHA:** A esperança, quando mais não seja, alimenta. Se eu tivesse a certeza que nunca acharia um noivo, não sei o que faria.

**CLEMENTINA:** Pois eu tenho a certeza que o acharei.

**RITINHA:** Podes dizer isso, és bonita...

**CLEMENTINA:** Também o és.

**RITINHA:** Mas és rica, e eu não; e esta pequena diferença muda muito a questão. És filha única e teu pai possui esta bela chácara e outras muitas propriedades. Ali dentro estão alguns moços que porfiam

em te agradar; está nas tuas mãos escolheres um para noivo. E eu posso dizer outro tanto?

**CLEMENTINA:** E por que não?

**RITINHA:** Tenho apenas um namorado.

**CLEMENTINA:** É o primo Luís?

**RITINHA:** É ele mesmo, mas confesso-te ingenuamente que não sei o que ele quer. Ora mostra-se muito apaixonado, ora não faz caso de mim e namora a outras moças mesmo à minha vista; às vezes passam-se dias e dias sem me aparecer...

**CLEMENTINA:** Pois que esperas tu do primo Luís, daquele doudo que namora a torto e a direito a bonita e a feia, a moça e a velha?

**RITINHA** *(suspirando):* Ai, ai!

**CLEMENTINA:** O que admira-me é ver como tens conseguido tê-lo por namorado há quase três meses.

**RITINHA:** Bem esforços me tem custado

**CLEMENTINA:** Eu te creio, porque ele diz que um namoro que dura mais de oito dias é maçada.

**RITINHA:** Tanto não poderás tu dizer dos teus, principalmente do Júlio.

**CLEMENTINA:** Queres que te diga uma coisa? O tal Sr. Júlio, com todos os seus excessos, já me vai aborrecendo sofrivelmente.

**RITINHA:** Oh, aborrecem-te os excessos?

**CLEMENTINA:** Quando está junto de mim, tem um ar tão sentimental que faz dó ou riso.

**RITINHA:** É amor.

**CLEMENTINA:** Se é obrigado a responder-me, é titubiando e trêmulo; atrapalha-se, não sabe o que diz e também nunca acaba de dizer.

**RITINHA:** É amor.

**CLEMENTINA:** Os seus olhos não me deixam; acompanham-me por toda a parte. Não dou um passo, que não seja observada.

**RITINHA:** São provas de amor.

**CLEMENTINA:** E se eu falo com algum moço? Isso então!... Fica logo muito aflito, a mexer-se na cadeira, com o nariz muito comprido e com os olhos cheio(s) de lágrimas. E se eu não lhe faço logo e logo a vontade, deixando de conversar com o moço, ei-lo que levanta-se arrebatadamente, pega no chapéu e sai desesperado pela porta afora como quem leva a firme intenção de nunca mais voltar. Mas qual! Daí a dous minutos está ele ao pé de mim.

**RITINHA:** Tudo isso é amor.

**CLEMENTINA:** É amor! É amor, sei, mas aborrece-me tanto amor.

*(Aqui aparece no fundo Júlio.)*

**RITINHA:** Vê como são as coisas: eu queixo-me do meu por ser indiferente; tu, do teu, por excessivo.

**CLEMENTINA:** É que os extremos se tocam. Não tens ouvido cantar aquele lundu: "eu que sigo o meu bem"? Mas também o que é verdade é que eu às vezes muito de propósito o faço desesperar.

**RITINHA:** Isso é maldade.

*(Clementina vê Júlio que, a este tempo, está atrás dela.)*

**CLEMENTINA** *(a parte, para Ritinha):*

Olha! E ele comigo! Não te dizia que me acompanha por toda a parte?

**RITINHA** *(rindo-se):* Adeus.

*(Sai correndo.)*

**CLEMENTINA** *(querendo retê-la):*

Espera!

*(Quer segui-la.)*

**JÚLIO** *(seguindo-a):* Um momento!

*(Clementina volta-se para Júlio.)*

**CLEMENTINA:** O que quer?

*(Caminha para frente.)*

**JÚLIO:** Eu...

*(Fica enleado. Alguns momentos de silêncio.)*

**CLEMENTINA** *(a parte):* E então?

**JÚLIO:** Eu...

*(O mesmo jogo.)*

**CLEMENTINA** *(a parte):* E ficamos nisto!

**JÚLIO:** Se me permitisse...

*(Mesmo jogo.)*

**CLEMENTINA:** O senhor está tão ansiado. Tem alguma dor?

**JÚLIO:** Tenho sim, ingrata, mas é no coração.

**CLEMENTINA:** Ah, desembuchou?

**JÚLIO:** Supunha passar hoje uma noite alegre e divertida, e só encontrei tormentos e desenganos.

**CLEMENTINA:** Ah, encontrou desenganos, coitado! Então quem foi que teve a barbaridade de o enganar?

**JÚLIO:** Uma cruel, que zomba de mim e de minha vida, que ainda será causa de algum desatino.

**CLEMENTINA:** Ora vejam só que crueldade!

**JÚLIO** *(desesperado):* Oh, isto assim não pode durar muito. *(Com ternura, pegando-lhe na mão.)* Clementina, por que hás-de ser tão má comigo? Que te fiz eu para ser assim maltratado? Eu, que tanto bem te quero!

**CLEMENTINA:** Ontem despedimo-nos em paz. Quais são hoje as queixas?

**JÚLIO:** Teu primo Luís.

**CLEMENTINA:** Ainda ciúme?

**JÚLIO:** Ama-o, que ele me vingará. Não encontrarás outro coração

como o meu.

**CLEMENTINA:** Acabou? Uma sua criada. Vou comer batatas.

**JÚLIO** (*retendo-a*): Oh, não, não!

**CLEMENTINA** (*voltando*): Com que então queria que eu estivesse toda a noute a olhar para o senhor, com a boca aberta, ham! Feito uma pateta! Que não conversasse mais com minhas amigas, que estivesse amuada em um canto da sala, eu defronte e vós à vista, assim em ar de dois toiros que se querem investir? Sabe que mais? Isto já me vai aborrecendo.

**JÚLIO:** Perdoa-me.

**CLEMENTINA:** Por mais de uma vez já lhe tenho manifestado os sentimentos que me animam a seu respeito e dado prova da preferência em que eu o tenho. Quando um dia perguntou-me se eu queria ser sua mulher, respondi-lhe com franqueza que sim, mas que previa obstáculos da parte de meu pai.

**JÚLIO:** Tudo isto é verdade.

**CLEMENTINA:** E ajuntei mais: que esse temor, porém, não esfriasse o nosso amor, que paciência e tempo tudo conseguem, e que minha mãe era por nós. E ter-me ia esquecido a esse ponto de minha posição e pejo, se não o amasse?

*(Aqui entra pela esquerda, por detrás da casinha do ilhéu, Luís, com uma carta de bichos acesa, pendurada de uma varinha. Corre para Clementina, gritando.)*

**LUÍS:** Viva S. João! Viva S. João!  
*(Clementina foge.)*

**CLEMENTINA:** Primo Luís, primo Luís!  
*(Luís vai atrás dela, gritando sempre,*

*até que ela sai pelo fundo.)*

## CENA II

*(Enquanto Luís corre após Clementina, Júlio fica a olhar para ela.)*

**JÚLIO:** E veio interromper-nos na melhor ocasião! Isto foi muito de propósito! Não é sem razão que eu desconfio dela: ama ao primo.

*(Neste tempo, Luís, que volta para cena, está junto dele.)*

**LUÍS:** Ó Júlio, que bela patuscada, hem?

**JÚLIO** (*a parte*): Vem mangar comigo.

**LUÍS:** Não há nada melhor! Foguetes para atacar, música para dançar, e sobretudo moças para namorar. O tio João festeja o nome de seu santo com grandeza. Tu não tens foguete?

**JÚLIO** (*com mau modo*): Não.

**LUÍS:** Nem namorada?

**JÚLIO** (*no mesmo*): Não.

**LUÍS:** Ó alma de cântaro, marreco de gesso! Não tens namorada, quando aquela sala está cheia de meninas tão encantadoras? Não tens namorada? Então que vieste cá fazer?

**JÚLIO:** Obsequiar à pessoa que me convidou, portando-me com decência.

**LUÍS:** Como diabo entendes tu as coisas às avessas? Quando se convida para uma *soirée*, ou outra qualquer patuscada, rapazes solteiros, é para que eles namorem. Todos sabem que sem namoro as mais brilhantes reuniões esfriam e poucas horas duram. Sem namorar as moças ficam amuadas, as velhas dormem e os velhos roncam. Sem namoro, essa vivacidade que se

nota nos olhares e gestos das meninas desaparece e morre, falta de alimento. Sem esse grande excitativo, o desejo de conquistar adormece no coração e leva a moleza ao corpo e o aborrecimento à alma. Tudo fica triste e sem sabor. Os pai e mãe de família cedo retiram-se com as filhas, porque não vêem possibilidade de pescarem noivos para elas onde não há namoro prometido. Mais três ou quatro contradanças e não se vêem esses casais solitários no meio de esplêndido baile, sentados nos cantinhos da sala, alheios a tudo o que se passa ao redor dela, e que tanto servem para divertimento de todos. Cessa a maledicência, desaparecem esses segredinhos que se dizem ao ouvido e que fazem corar. Numa palavra, tudo esfria, emudece, dorme! O namoro é a alma da vida, a existência necessária de todas as reuniões. É o centro ao redor do qual giram todas as afeições, intrigas, gentes e despesas. Por ele é que a menina se enfeita, que os rapazes se desafiam, e se individua o homem. Por ele é que o pobre pai de família paga a ladroada conta das francesas. Enfim, é o motor universal, é o "fogo viste lingüiça" das sociedades. Por isso é que eu todas as vezes que sou convidado para algum baile ou patuscada como esta, namoro a torto e a direito, para obsequiar o dono da casa.

**JÚLIO:** Ah, é para obsequiar os donos das casas? Devem-te ficar muito agradecidos.

**LUÍS:** E que não fiquem pouco se me dá. Faço o meu dever. Tenho feito as moças lá dentro andarem numa dobadoura, inclusive a minha bela priminha.

**JÚLIO** (*travando-lhe do braço*): Isto é uma traição!

**LUÍS:** Hem?

**JÚLIO:** É uma traição que cometes para comigo de quem te dizes amigo. Sabes muito bem, porque já te tenho dito, que eu amo a tua prima.

**LUÍS:** E o que tem isso? Tu namoras e eu também namoro; o caso não é novo – vê-se todos os dias isso.

**JÚLIO:** É preciso acabarmos com este gracejo. Não zombo.

**LUÍS:** Nem eu.

**JÚLIO:** Falo muito sério.

**LUÍS:** Que diabo de tom é esse?

**JÚLIO:** Faze por toda a parte este papel de namorado e de tolo, acompanha-te sempre dessa levandade e ar gracejador por desprezo pelo homem sensato, que pouco se me dá disso; nenhum interesse tenho eu em corrigir-te...

**LUÍS:** O caso vai de pregação.

**JÚLIO:** Mas não lances um só olhar para Clementina, que lhe digas uma só palavra de galanteio ou sedução, porque então te haverás comigo e tarde te arrependerás.

**LUÍS:** Quem, eu?

**JÚLIO:** Sim, tu.

**LUÍS:** Isto é uma ameaça?

**JÚLIO:** É, sim.

**LUÍS:** Ah, a coisa chegou a esse ponto? Pois meu amigo, andou muito mal; os seus ciúmes o deitaram a perder.

**JÚLIO:** Isso veremos.

**LUÍS:** Até agora eu namorava a prima inocentemente e sem intenção, como faço com todas as moças que encontro; isto é um hábito em mim. Mas agora, já que se formaliza e ameaça-me, hei-de lhe mostrar que não só namorarei a priminha de noute e de dia, como também casar-me-ei com ela.

**JÚLIO** *(raivoso)*: Oh!

**LUÍS:** O que não tem podido fazer de mim o amor, fará o amor-próprio. Estou resolvido a casar-me.

**JÚLIO** *(segurando-lhe na gola da casaca)*: Não me leves ao desespero! Desiste?

*(Aqui aparece no fundo Clara, que se encaminha para eles.)*

**LUÍS** *(segurando na gola da casaca de Júlio)*: Não quero!

*(Júlio agarra com a outra mão na gola da casaca de Luís, que faz o mesmo, empurrando-se mutuamente.)*

**JÚLIO:** Não me faça praticar uma ação que nos perderia a ambos.

**LUÍS:** Perdido já eu estou, porque me vou casar.

**JÚLIO** *(forcejando)*: Insolente!

### CENA III

*(Clara junto deles.)*

**CLARA:** Então, o que é isto?

*(Os dois surpreendem-se e apartam-se.)*

**LUÍS:** Não é nada, minha tia, estávamos experimentando forças.

**CLARA:** Ora, deixemos agora disso. Venham dançar, que faltam pares. Venham.

**LUÍS:** Vamos, tiazinha. *(Para Júlio.)* Vou apertar o namoro. Viva S. João!  
*(Sai dando vivas.)*

**CLARA** *(rindo)*: É um doudo este meu

sobrinho. Venha, Sr. Júlio.

**JÚLIO:** Já vou, minha senhora.  
*(Clara sai.)*

### CENA IV

*(Júlio, só.)*

**JÚLIO:** O que hei-de eu fazer? Talvez fiz mal em levar as coisas a este extremo. Luís principia os namoros e os deixa com a mesma facilidade. Não me devia inquietar. Maldito ciúme! Estou em uma cruel perplexidade. Devo hoje mesmo declarar-me com o Sr. João Félix e pedir-lhe a filha. Vã esperança! Estou certo que ele não consentirá; não tenho fortuna. Meu Deus!

*(Sai vagaroso.)*

### CENA V

*(Enquanto Júlio dirige-se para o fundo, entra pela direita baixa o ilhéu, seguido de quatro pretos, trazendo os dois primeiros lenha, o terceiro um cesto à cabeça, e o quarto um feixe de cana.)*

**MANUEL:** Paizinhos, vão acabar de fazer a fogueira. Levem primeiro vocês a cana e os carás à Senhora. *(Manuel fala como os ilhéus, isto é, cantando. Os negros da lenha vão acabar de fazer a fogueira; os outros dois saem pelo fundo. Manuel, só.)* Cá no Brasil é como na minha terra; também se festeja a noite de São João. Quem me dera no Tojal! Há dois anos que aqui estou trabalhando para ganhar dinheiro e para lá voltar. Oh, quem pudera viver sem trabalhar! Cresce-me água na boca, quando vejo um rico.

São os felizes, que cá o homem anda de canga ao pescoço.

## CENA VI

*(Entra Maria com uma cesta à cabeça.)*

**MANUEL:** O que levas aí, Maria?

**MARIA:** A roupa que estava no campo a secar.

**MANUEL:** Pois ainda agora? Vem cá. *(Maria deixa a cesta à porta da casinha e caminha para Manuel.)*

**MARIA:** A senhora tomou-me o tempo e não deixou-me recolhê-la com dia. Andamos a arranjar a casa para a companhia.

**MANUEL:** E ela é que diverte com os seus, e nós trabalhamos.

**MARIA:** O que queres, Manuel? Somos pobres, que Deus assim nos fez.

**MANUEL:** E é do que me queixo. Todo o dia com a enxada na mão, e ainda em cima ter olhos nos paizinhos, que são peores que o diabo.

**MARIA:** Anda lá, não te queixes tanto, que lá no Tojal éramos mais desgraçados. Não sei como não morríamos de fome. Ganhavas seis vinténs por dia ao rabo da enxada, e cá o senhor te estima; pagou a nossa passagem.

**MANUEL:** Quisesse Deus que eu tivesse algum dinheirinho junto! Pagaria ao senhor o resto que lhe devo e ia comprar um burro e uma carroça para vender a água. O Zé voltou para São Miguel com cinco mil cruzados que assim ganhou.

**MARIA:** Se puderas fazer isso, eu ficava com a senhora. Este vestido deu-me ela, e este xale também, e outros me dará ainda.

**MANUEL:** Pois se eu sair, sairás também, senão te desanco.

**MARIA:** Ai!

**MANUEL:** Pensas que eu não sei por que queres ficar?

**MARIA:** Ai, que me impacientas!

**MANUEL:** Bem vejo o senhor a te fazer roda como um peru.

**MARIA:** Esta besta! O senhor a fazer-me roda, tão velho como é? Ai, que me rio desta!

**MANUEL:** Vai-te rindo, bestinha, até que chores.

**CLARA** *(da porta da casa):* Maria?

**MARIA:** Adeus, que a senhora chama-me. Esta besta!

**MANUEL:** Anda com cuidado, que te tenho o olho em riba.

**MARIA:** Olha que cansarás a vista, animal!

## CENA VII

**MANUEL** *(só):* Assim vive um homem de Deus a lavar a terra e a vigiar a mulher. Forte ocupação, que o diabo leve! *(Para os negros.)* Anda paizinhos, acabem essa fogueira e vão arrumar o capim na carroça para ir para cidade. *(Os dois negros saem.)* Se o senhor continua a fazer festas a Maria, hei-de dizer à senhora, que não é para brincos.

*(Sai. Logo que Manuel sai, chega do fundo João.)*

## CENA VIII

**JOÃO** *(só):* Agora que lá dentro estão todos entretidos, é boa ocasião de cercar minha bela ilhoazinha para dar-lhe um abraçozinho. Onde estará ela? *(Chamando com cautela.)* Maria, Maria?

Tenho medo que minha mulher veja-me aqui. É velha, mais tem ciúmes como um mouro. Quem manda ser velha? Estará no quarto? *(Vai espiar na casinha.)* Maria? Nada. Lá dentro ainda dançam; estão devertidos e não darão por minha falta. Vou esconder-me no seu quarto e lá a esperarei para surpreendê-la. Oh, que surpresa! Só assim, porque ela é arisca como o diabo. Dou-lhe um abraçozinho e depois safo-me na pontinha dos pés. Oh, que surpresa! Que contentamento!

*(Esfrega as mãos. Júlio, que a este tempo entra vindo do fundo, chama por ele; João, que está quase junto à porta, volta-se zangado.)*

## CENA IX

*(Júlio e João.)*

**JÚLIO:** Sr. João Félix?

**JOÃO** *(voltando-se):* Quem é?

**JÚLIO:** Se quisesse ter a bondade de ouvir-me por alguns instantes com atenção...

**JOÃO** *(impaciente):* O que tens agora a dizer-me, homem? Vá dançar.

**JÚLIO:** Pensamentos muito sérios ocupam-me neste momento para eu poder dançar.

**JOÃO:** Então o que é?

**JÚLIO:** Desculpe a minha franqueza...

**JOÃO:** Avie-se, que tenho pressa.

**JÚLIO:** Eu amo a sua filha.

**JOÃO:** E que tenho eu com isso?

**JÚLIO:** Mas é que eu a amo com adoração, como nunca se amou, e pretendia....

**JOÃO:** Vá dizer a ela que eu lhe ordeno que dance com o senhor uma contradança; ande, vá, vá!

*(Empurrando-o.)*

**JÚLIO:** Não é por tão pequeno favor que eu ouse encomodá-lo.

**JOÃO** *(a parte):* que impertinência! E eu a perder tempo e ocasião.

**JÚLIO:** Terei ânimo em falar, visto que o senhor não reprovou o meu amor.

**JOÃO:** Bem vejo que tens ânimo, mas pressa decerto que não tens. Pois é o que eu tenho.

**JÚLIO:** Serei breve. Conceda-me a mão de sua filha?

**JOÃO:** Se é para dançar, já lhe dei.

**JÚLIO:** Não senhor, é para casar.

**JOÃO:** Para casar? Sempre pensei que o senhor tivesse mais juízo. Pois de noute, no meio do campo e a estas horas é que o senhor vem pedir minha filha, obrigando-me a estar aqui com a cabeça ao sereno? Já eu estou constipado.

*(Amarra um lenço na cabeça.)*

**JÚLIO:** Só motivos imperiosos me obrigariam a dar este passo tão precipitado.

**JOÃO:** Precipitado ou não precipitado, não lhe dou minha filha!

*(Durante a continuação desta cena, João passeia pela cena, dando voltas de um para outro lado; passa por trás da carroça, vai até o fundo, volta etc., e Júlio o segue sempre falando.)*

**JÚLIO:** Mas senhor, Vossa Senhoria não tem razão em responder-me deste modo. Eu decerto teria escolhido melhor ocasião; há porém acontecimentos que nos levam, mau grado nosso, a dar um passo que à primeira vista parece loucura. A causa deve ser indagada. E isto é o que Vossa Senhoria deveria fazer. Não se trata de um negócio de pouca monta. A minha proposição não deve ser assim recebida. Sei que

a sua filha é um partido vantajoso ainda mesmo para um homem ambicioso, mas em mim não se dá essa idéia. Procuo os dotes morais de que é ornada, as virtudes que a fazem tão amável e encantadora. Conheço-a de perto, tenho tido a honra de freqüentar sua casa. Rogo a Vossa Senhoria que me dê um momento de atenção. Esse exercício violento pode-lhe fazer mal... Minha família é muito conhecida nesta cidade; não é rica, é verdade, mas nem sempre a riqueza constitui felicidade. Meu pai foi desembargador, e minha aliança com a filha de Vossa Senhoria não o pode envergonhar. Sou negociante, ainda que principiante; posso ainda fazer grande fortuna, e ousar dizer que a Sra. Da. Clementina não me vê com indiferença...

**JOÃO** (*voltando-se muito zangado para Júlio*): Não lhe dou minha filha, não lhe dou, não lhe dou! E tenho dito.

**JÚLIO**: Atenda-me!

**JOÃO**: Aonde viu o senhor dar-se caça a um pai de semelhante maneira?

**JÚLIO**: Desculpe-me, é o meu amor a causa de...

**JOÃO**: Homem, não me quebre mais a cabeça! Não quero, não quero e não quero, e vá-se com os diabos! Não só de minha presença, como de minha casa. Vá-se, vá-se!

(*Empurrando.*)

**JÚLIO** (*com altivez*): Basta, senhor! Até agora recebia uma denegação e com paciência a sofri; mas agora

é um insulto!

**JOÃO**: Seja lá o que quiser.

**JÚLIO**: E eu não me demorarei um só instante em sua casa.

**JOÃO**: Faz-me muito favor.  
(*Júlio sai arrebatado.*)

## CENA X

(*João, só, e depois Luís.*)

**JOÃO**: E que tal lhe parece a impertinência? Irra! Casar-se com minha filha! Um pobre diabo que só vive do seu insignificante ordenado. Agora, ainda que fosse rico, e muito rico, não lhe dava.

(*João vai a entrar no quarto e aparece Luís no fundo, gritando.*)

**LUÍS**: Tio João? Tio João?

**JOÃO**: Outro!

**LUÍS** (*junto dele*): Quero pedir-lhe um grande favor. Trata-se de minha prima.

**JOÃO** (*à parte*): Mas tu também?  
(*Procura no chão uma pedra.*)

**LUÍS**: Tenho hoje reparado com mais atenção na sua beleza e subidas qualidades.

**JOÃO**: Não acho eu uma pedra?

**LUÍS**: Que procura, tio João? Não sei por que fatalidade tenho eu estado cego a tantas perfeições.

(*João pega no copo que vê sobre o banco de relva.*)

**JOÃO**: Se me dás mais uma palavra, arrumo-te com este copo pelas ventas.

**LUÍS**: Olhe que tem um ovo dentro!

**JOÃO**: Tenha o diabo! Salta, não me esquentes as orelhas!

**LUÍS**: Não o contrariemos, que ele tem veneta e me perderei. Está bem, tio. Até logo.

(*Sai.*)

## CENA XI

*(João e depois Manuel.)*

**JOÃO** (só): Ainda virá mais algum?  
*(João vai a entrar no quarto do ilhéu e este aparece do outro lado da cena. João, a parte.)* Oh, diabo!

*(Disfarça o seu intento, fingindo perseguir na parede da casinha um inseto que lhe escapa.)*

**MANUEL** (a parte): Ai, o que está o senhor a fazer? *(João continua no mesmo jogo.)* A saltar? *(Aproxima-se dele, que faz que o não vê.)* Ah, senhor? *(João no mesmo jogo.)* Senhor? *(Pegando-lhe pelo braço.)* O que apanha o senhor?

**JOÃO** (voltando): Quem é? Ah, é você, Sr. Manuel? Homem, estava atrás de uma lagartixa que subiu pela parede.

**MANUEL:** Ai, senhor, deixe viver o bichinho de Deus.

**JOÃO:** O que quer comigo?

**MANUEL:** Tinha um favor que pedir ao senhor, mas envergonho-me.

**JOÃO:** Pois um homem deste tamanho tem vergonha? Anda, diga o que quer, e depressa, que aqui está muito sereno.

**MANUEL:** Queria que o senhor me perdoasse os dois meses que faltam para acabar meu trato.

**JOÃO:** Nada, nada, não pode ser. Dei duzentos mil-réis pela sua passagem e pela de sua mulher, para que me pagassem com os seus trabalhos. Calculo-os a vinte mil-réis por mês. Já lá se vão oito; falta ainda dois para ficarmos justos de conta. Não os dispenso.

**MANUEL:** Mas senhor....

**JOÃO:** Quando acabar-se o tempo do seu trato, faremos novo ajuste.

Não terei dúvida de dar-lhe mais alguma coisa. *(A parte.)* A minha ilhoazinha não sai daqui.

**MANUEL:** Tenho trabalhado muito, e já o senhor devia estar contente comigo, e não olhar a tão pouca coisa.

**JOÃO:** Fale-me amanhã; agora não são horas. Vá arrumar capim na carroça que vai de madrugada para a cidade.

**MANUEL:** E se o meu trabalho...

**JOÃO** (empurrando-o): Já lhe disse que amanhã... *(Manuel sai, João, só.)* Daqui não me sai ele. Virá ainda alguém?

*(Vai para entrar no quarto e chegam do fundo, correndo, quatro meninos com pistola e bicha na mão e chegam até a frente do tablado.)*

**MENINO:** Vamos fazer uma fortaleza aqui. *(Assenta-se no chão.)* Juquinha, você faz outra lá. *(Assentam-se todos.)* Enterra as pistolas e as bichas. Eu sou o navio. Hei-de fazer fogo, e você também. Ajunta a areia... Anda, vem-me ajudar.

*(João, ao ver os meninos que chegam, quebra uma varinha em arbusto próximo, sai de trás da casinha e caminha para eles. Ao chegar junto, açoita-os com a vara. Os pequenos levantam-se assustados e correm para dentro, gritando e chorando.)*

**JOÃO** (gritando): Salta para dentro! *(Voltando.)* Até estes demoninhos vieram atrapalhar-me! Não me fio em crianças. É isto! Convida-se a certas senhoras para passarem a noite em uma casa e levam quantos filhos têm, desde o mais pequeno até o maior, para estragarem, quebrarem e pedincharem tudo quanto vêm

e tocam. E importunar a todos os convidados. Deixar-me-ão desta vez entrar?

*(Vai para a casinha, entra e fecha a porta. Manuel, que nesse mesmo tempo aparece, o vê entrar no seu quarto.)*

**MANUEL:** Entra no nosso quarto? Ai, o que me vale é estar a Maria lá dentro. Ele vai esperá-la.... Ai! Pois são estas as lagartixas? Lagartixas!

*(Pega no cesto que está à porta do quarto e com ele atravessa de novo a cena, sempre correndo, e sai pela direita. Assim que o ilhéu sai de cena, João abre a janela do quarto que dá para a cena e espreita por ela.)*

**JOÃO** (à janela): Queira Deus que a minha ilhoazinha não tarde. O meu coraçãozinho está pulando de contente! Mas onde estará ela?

**CLARA** (do fundo): Ah, Sr. João? Sr. João?

*(Chamando.)*

**JOÃO:** Oh diabo, lá está a carocha da minha mulher chamando-me. Se ela souber que eu estou aqui, mata-me. Ora, que culpa tenho? Calou-se. *(Debruça-se na janela, espreitando.)* Como tarda!...

## CENA XII

*(Júlio de capote e boné, João e depois Clara.)*

**JÚLIO:** Devo ausentar-me desta casa onde fui insultado e para nunca mais voltar... Mas deixá-la? E o posso eu? Não, é preciso, nem mais um instante! E não posso desprender-me daqui! Fatal amor! Ela fica no meio dos prazeres, e eu...

*(João chega à janela, observa Júlio, fazendo esforços para reconhecê-lo.)*

**JOÃO:** Vejo um vulto. Não posso conhecer quem é. Deixei os meus óculos lá dentro. Parece-me que está de saia e lenço à cabeça... Saia escura! É ela, não tem dúvida; é a minha ilhoazinha. Psiu, psiu!

*(Chamando com precaução.)*

**JÚLIO** (surpreendido): Quem me chama?

**JOÃO:** Psiu, psiu, vem cá!

**JÚLIO:** É dali da janela.

*(Vai-se chegando para a janela. Nesse momento acende-se defronte da porta da casa, no fundo, uma composição mítica de fogo colorido que alumie fortemente a cena. Ao clarão do fogo os dois se reconhecem.)*

**JOÃO** (recuando para dentro): Ai!

**JÚLIO:** O Sr. João! *(Chegando-se para a janela.)* Que faz Vossa Senhoria no quarto da ilhoa?

**JOÃO** (um pouco de dentro): Nada, nada. Vim ver uns pintinhos que estavam no choco.

**JÚLIO:** Pintos no choco?

**JOÃO:** Sim, sim, pois nunca viu?

**JÚLIO:** Mas Vossa Senhoria...

*(Desata a rir e caminha um pouco para a frente da cena, rindo-se sempre.)*

**JOÃO** (chegando à janela): Psiu, psiu! Venha cá; não ria-se tão alto!

**JÚLIO** (rindo): Qual pintos! É pela ilhoa.

**JOÃO:** Cale-se, pelo amor de Deus! Venha cá, venha cá.

**JÚLIO:** Enganou-se com o meu capote! *(Ri.)*

**JOÃO:** Ó homem, venha cá! Olhe que minha mulher pode vir.

**JÚLIO** (chegando): Pois vossa Senhoria tem medo que a Sra. D. Clara o ache tirando pinto do choco?

**JOÃO:** Deixemos de graça e fale baixo.

**JÚLIO:** Então é certo, a ilhoa? Ah, ah, ah! Vou contar isto lá dentro. (*A parte.*) Tu me pagarás.

**JOÃO:** Oh, não, meu amiguinho; minha mulher, se sabe que eu estou aqui, é capaz de arrancar-me os olhos.

**JÚLIO:** Há pouco era eu que rogava e Vossa Senhoria dizia não. Agora é Vossa Senhoria que roga, e eu também digo não.

(*João debruça pela janela e consegue agarrar em Júlio.*)

**JOÃO:** Escute. Não tome a coisa tão em grosso; não o quis ofender.

**JÚLIO:** Correr-me de sua casa!

**JOÃO:** Não há tal.

**JÚLIO:** Negar-me com insultos a mão de sua filha!

**JOÃO:** Não neguei.

**JÚLIO:** Não negou?

**JOÃO** (*a parte*): Diabo!

**JÚLIO:** Não negou, diz o senhor. Então concede-me?

**JOÃO:** Não digo isso, mas se...

**JÚLIO:** Ah! Sra. D. Clara, Sra. D. Clara?

**JOÃO** (*querendo tapar-lhe a boca*): Pelo amor de Deus!

**JÚLIO:** Vossa Senhoria não negou-me a mão de sua filha?

**JOÃO:** Seja razoável.

**JÚLIO:** Sra. D. Clara?

**JOÃO:** Cale-se, homem. Cale-se com todos os milhões de diabos!

**JÚLIO:** Nada. Quero que ela aqui venha para ver se pode explicar-me a razão por que Vossa Senhoria nega-me a mão de sua filha. Sra. D. Clara?

**JOÃO:** E eu já lhe disse que lha negava?

**JÚLIO:** Não? Então concede-me?

**JOÃO:** Amanhã falaremos.

**CLARA** (*no fundo*): Ah, sô João, sô João?

**JÚLIO:** Sua senhora aí vem.

**JOÃO:** Vá-se embora. (*Abaixa e esconde-se.*)

**JÚLIO** (*para dentro do quarto*): Conceda-me?

**JOÃO** (*dentro*): Concedo.

**JÚLIO:** Palavra de honra?

**JOÃO** (*dentro*): Palavra de honra. (*Neste tempo Clara está no meio da cena.*)

**CLARA:** Sô João? (*Júlio quer caminhar para sair pelo fundo.*) Quem é?

**JÚLIO:** Sou eu, minha senhora.

**CLARA:** Ah, é o Sr. Júlio. Sabe-me dizer onde está o meu homem?

**JÚLIO:** Não minha senhora.

**CLARA:** E esta? Há uma hora que sumiu-se lá de dentro e não aparece.

(*Durante este diálogo, vê-se, pela janela da casinha, João muito aflito.*)

**JÚLIO:** Sem dúvida está dando algumas ordens lá por fora.

**CLARA:** Ordens a estas horas? Deixar as visitas na sala, e desaparecer!

**JÚLIO:** Não se inquiete, minha senhora.

**CLARA:** Tenho muita razão de me inquietar. Velho como é, não pára. Ah, Sr. João? Sô João?

**JÚLIO** (*a parte*): Em que talas não se vê ele! Está em meu poder. (*Júlio diz estas palavras enquanto Clara chama pelo marido; volta para sair pelo fundo, e em meio da cena encontra-se com Luís. Júlio, para Luís.*) Ainda ateima?

**LUÍS:** Ainda.

**JÚLIO:** Veremos.

**LUÍS:** Veremos. (*Júlio sai pelo fundo.*)

### CENA XIII

(*Luís e Clara.*)  
**LUÍS:** Ó tiazinha!

**CLARA:** Quem é?

**LUÍS:** Tiazinha, tenho um favor que pedir-lhe...

**CLARA:** Viste teu tio?

**LUÍS:** Não senhora. É um favor pelo qual lhe ficarei eternamente agradecido. Sei que a ocasião não é das mais oportunas. Este passo que parece imprudente...

**CLARA:** Que parece não; que é?

**LUÍS:** Por quê, tia?

**CLARA:** É falta de atenção.

**LUÍS:** Oh, a tia decerto está zombando. Se ainda não sabe...

**CLARA:** Sei, sei que ele está metido por aí, em algum lugar suspeito.

**LUÍS:** Como suspeito? De quem fala?

**CLARA:** De teu tio.

**LUÍS:** Ora, não é dele que eu falo.

**CLARA:** Pois então vai-te embora.

**LUÍS:** Escute, tia. A minha bela priminha...

**CLARA:** Aonde estará?

**LUÍS:** Lá dentro na alcova.

**CLARA:** Lá dentro na alcova? E o que está fazendo?

**LUÍS:** Conversando com suas amigas.

**CLARA:** Com suas amigas? Pois também tem amigas? Bravo!

**LUÍS:** Oh, que linguagem é esta! Pois não foi a tia quem as convidou?

**CLARA:** Fui sim, mas não sabia que as convidava para desinquietarem um homem casado.

**LUÍS:** Um homem casado?

**CLARA:** Um pai de família que se devia fazer respeitar pela sua idade.

**LUÍS:** Ai, que eu continuo a falar da prima, e ela do tio.

**CLARA:** Vou botá-los pela porta a fora.

**LUÍS:** Espere, tia, há engano entre nós. A tia fala do tio, e eu...

**CLARA:** E tenho muita razão de falar.

**LUÍS:** Não digo menos disso. O que eu pretendia dizer-lhe era...

**CLARA:** Já sei o que é. Quer desculpá-lo! Não vê que também é homem? Lá se entendem.

**LUÍS:** Continuamos no mesmo. Tia, atenda-me somente por alguns instantes, e depois eu lhe ajudarei a procurar o tio.

**CLARA:** Pois fala depressa.

**LUÍS:** Todos conhecem-me por namorador. Uns dizem que isto em mim é sistema, outros, que é devido ao meu gênio folgazão e alegre. Seja o que for, estou resolvido a acabar com todos esses namoros e casar-me. A resolução é extrema e de botar a perder um homem, mas a sorte está lançada.

**CLARA (preocupada):** Eu hei-de indagar isto.

**LUÍS:** Pode indagar. Falo de boa-fé. E em quem poderia recair a minha escolha, senão na minha bela priminha?

**CLARA:** Não posso consentir.

**LUÍS:** Não? E por que motivo?

**CLARA:** Na sua idade?

**LUÍS:** Perdoe-me a tia; está em muito boa idade.

**CLARA:** Boa idade! Sessenta e cinco anos!

**LUÍS:** Adeus, tia, que não estou mais para jogar os disparates.

*(Vai para a esquerda da cena e Clara vai para sair pelo fundo.)*

**CLARA (caminhando):** Ah, Sr. João? Sr. João? Eu hei-de dar com ele!

*(Vai-se pelo fundo.)*

## CENA XIV

*(Luís, só.)*

**LUÍS:** Quando os ciúmes metem-se na cabeça de uma mulher é isto! E se é velha como esta... Mau

agouro para mim. Ora, Sr. Luís, é então verdade que o senhor está resolvido a casar-se? Já se não lembra do que dizia do casamento e dos grandes inconvenientes que lhe achava? Quer deixar a sua bela vida de namorado? O que é isto? Que resolução foi a sua? Que dirá a Ritinha, a Joaninha, a viuvinha, a Joaquininha, a Emília, a Henriqueta, a Cocota, a Quitinha, a Lulu, a Leopoldina, a Deolinda e as outras namoradas? Responde, Sr. Luís. Os diabos me levem se eu sei reponder. *(Assenta-se no banco de relva. Ouve-se dentro de casa a voz de Júlio, que canta uma modinha, acompanhado por piano. (N. B.:) A modinha fica à escolha do autor. Logo que a tiver acabado de cantar, dão palmas. Tudo isto, porém, não interromperá a continuação das cenas.)* Lá está cantando modinhas! Se estivesse como eu, não havia de ter vontade de cantar. Então? O caso não me tem feito impressão. *(Aqui aparece no fundo, caminhando para a frente da cena, Clementina.)* Ainda não sei o que farei. Creio que mesmo depois dos pregões corridos sou capaz de mandar tudo à tábua. Mas o meu capricho? Estou arranjado!

## CENA XV

*(Clementina e Luís.)*

**CLEMENTINA** *(sem ver Luís):* Estou com curiosidade de ver como estará o ovo...

*(Vai para ver o copo e Luís levanta-se.)*

**LUÍS:** Priminha?

**CLEMENTINA:** Ai!

**LUÍS:** Não se assuste.

**CLEMENTINA:** Não gosto destes brinquedos. Que susto! Eu vinha ver o ovo.

**LUÍS:** Encontraste com um amante; é o mesmo. O amante é como o ovo, que muitas vezes gora.

**CLEMENTINA:** Fala de si?

*(Rindo.)*

**LUÍS:** Antigamente assim fui, mas agora, priminha da minha alma, estou mudado. A noite de São João fez um milagre. Ai, ai!

*(Suspira ruidosamente.)*

**CLEMENTINA:** Bravo! Por quem é esse suspiro tão puxado?

**LUÍS** *(caindo de joelhos):* Por ti, minha priminha.

**CLEMENTINA** *(desata a rir):* Ah, ah! Por mim? Ó Ritinha?

**LUÍS:** Cala-te!

**CLEMENTINA:** Quero que ela venha ver isto e que caminho leva o seu amor.

**LUÍS:** Mas há já três meses que ela me ama!

**CLEMENTINA:** Boa razão! Não a ama porque ela ainda o ama. É isto?

**LUÍS:** Pois priminha, há três meses que ela me ama, e isto já é teima, e eu não me caso com mulher teimosa, isso nem pelo diabo.

**CLEMENTINA:** É teima? Quem te ensinara!

**LUÍS:** Amei-a como amei a Quitinha etc.

**CLEMENTINA:** O que aí vai! E todas essas foram teimosas?

**LUÍS:** Umás mais, outras menos, mas tu, minha querida priminha....

**CLEMENTINA:** Oh, não se canse, que não sou teimosa; cedo desde já.

**LUÍS:** Contigo o caso é outro; hoje mesmo te principiei a amar, hoje

mesmo nos caseremos e hoje mesmo...

**CLEMENTINA** (*interrompendo-o*): Ah, ah, ah! Ó Ritinha? Ritinha? (*Ritinha aparece e encaminha-se para elas. Traz na mão uma vara com uma rodinha acesa. Os negros acendem a fogueira.*)

**LUÍS**: Também isto agora é teima!

**CLEMENTINA**: Vem cá.

**RITINHA**: O que é?

**CLEMENTINA**: Não te dizia que me admirava dos três meses?

**RITINHA**: Ah!

**CLEMENTINA**: Já te não ama, e chama-te de teimosa.

**LUÍS**: Priminha!

**RITINHA**: Já me não ama?

(*Ritinha diz estas palavras dirigindo-se para Luís, que salta para evitar o fogo da rodinha que Ritinha dirige contra ele.*)

**LUÍS** (*saltando*): Cuidado com o fogo!

**CLEMENTINA**: Fazia-me protestos de amor.

**RITINHA** (*mesmo jogo*): Ah, fazia protestos de amor?

**LUÍS**: Não me queime!

(*O velho fecha a janela com receio, que o não vejam.*)

**CLEMENTINA**: Disse que ardia por mim.

**LUÍS** (*fugindo de Ritinha, que o persegue com a rodinha*): Agora é que eu arderei, se me deitam fogo.

**RITINHA** (*mesmo jogo*): Assim é que me pagas!

**LUÍS**: Assim é que me pagas! (*Fugindo sempre.*)

**CLEMENTINA**: Fogo nele, para não ser bandoleiro! (*Ritinha segue mais de perto Luís, que foge em cima da carroça.*) Assim, assim, Ritinha, ensina-o.

**RITINHA**: Desce cá para baixo!

**LUÍS**: Assim era eu asno!

**CLEMENTINA**: Ritinha, vá buscar lá dentro duas pistolas de lágrimas.

**LUÍS**: Nem pistola, nem espingarda, nem peças não me farão gostar de vocês. Agora não me caso nem à bala.

**CLEMENTINA**: E também, quem é que quer casar com você?

**RITINHA**: Eu não!

**CLEMENTINA**: Quem é que acredita nas palavras de um namora-paredes?

**LUÍS**: Muita gente!

**CLEMENTINA**: Está desacreditado!

**LUÍS**: Na praça?

**CLEMENTINA**: Não, com todas as moças.

**LUÍS**: Melhor, mais gostarão de mim.

**RITINHA**: Isto não se pode aturar! Vamo-nos embora.

**CLEMENTINA**: Presunçoso! (*Vai a sair pelo fundo.*)

**LUÍS**: Adeus! Viva São João! (*Dentro respondem a gritos.*)

## CENA XVI

(*Luís, só, de cima da carroça.*)

**LUÍS**: Fi-la bonita! Agora nem uma nem outra. Ainda bem! Mas o diabo é ficar o maroto do Júlio muito ufano com eu ter cedido. Histórias! Não ceda em outras coisas, que namorada pouco se me dá; acho cem por uma que deixo. Contudo estou zangado. Maldita noite de São João!

## CENA XVII

(*Maria vem do fundo da cena e vai a entrar na casinha.*)

**LUÍS** (*saltando da carroça*): Psiu, psiu!

**MARIA** (*parando*): Quem é?

**LUÍS** (*chegando-se para ela*): Escuta uma coisa.

**MARIA:** Ai! O senhor que quer comigo?

**LUÍS:** Desde o dia que principiaram a chegar a esta terra carregamentos de colonos, como antigamente chegavam carregamentos de cebolas, ainda cá não apareceu uma ilhoazinha com esses olhos matadores, com esses beicinhos rosados.

**MARIA:** Ai, o senhor está a mangar comigo.

**LUÍS:** As mais que eu por aí vejo são feias como uma lacraia e vermelhas como a crista do galo; mas tu és a nata das ilhoas.  
(*Quer abraça-la.*)

**MARIA:** Chegue-se para lá, que vou contar a meu marido.  
(*Quer sair, Luís a retém.*)

**LUÍS:** Espera. É pena que estejas casada com teu marido.

**MARIA:** Ai, pois eu podia estar casada com um homem que não fosse meu marido?

**LUÍS:** Pois não.

**MARIA:** Está zombando?  
(*Neste tempo a fogueira está de todo acesa e todas as pessoas que estão na casa saem e ficam ao redor da fogueira, ad libitum.*)

**LUÍS:** Sentemo-nos neste banco, que te explicarei como pode isto ser. Aqui nos podem ver lá de cima com o clarão da fogueira.

**MARIA:** Estou com curiosidade.

**LUÍS** (*a parte*): Isto sei eu. (*Assentam-se no banco.*) Supõe que nunca tenhas visto teu marido... Que mãozinhas!  
(*Pega-lhe nas mãos.*)

**MARIA:** Largue minha mão!

**LUÍS:** Nem encontrado com ele... Que olhinhos!

**MARIA:** Deixe meus olhos!

**LUÍS:** Ora, se nunca o tivesses visto nem encontrado, está claro que não estarias casada com o teu marido.

**MARIA:** Ora vejam! E é verdade!

**LUÍS:** Não terias dado essa mão. (*Pega-lhe na mão.*) Que tanto estimo...  
(*Aqui atravessa a cena Manuel, vestido de mulher, e entra no seu quarto.*)

**MANUEL** (*atravessando a cena*): Custou-me o arranjar-me...

**MARIA:** O senhor tem um modo de explicar as coisas que entram pelos olhos... De sorte que se eu não tivesse encontrado o Manuel, não estava hoje casada?

**LUÍS:** Decerto.

**MARIA:** Sabe o senhor quando eu o vi? Foi numa festa que se deu no Funchal.  
(*Manuel, depois de entrar no quarto, fecha a porta e fica dentro do quarto, defronte da janela. Chega-se para ele, como vindo do interior, João, que supondo ser a Maria, o abraça.*)

**JOÃO:** Minha ilhoazinha, minha Mariquinha!  
(*Dá abraços e beijos, que Manuel corresponde.*)

**MARIA:** Hem?

**LUÍS:** Não disse nada. Continua.  
(*Continua a ter a mão dela na sua.*)

**MARIA:** Eu ia para a festa. Ai, agora é que me lembro que se não fosse a festa também não estava casada!

**LUÍS** (*dando-lhe um a abraço*): Maldita festa!

**MARIA:** Fique quieto! Veja como o diabo as arma.

**LUÍS:** É verdade!  
(*Manuel e João, que ouvem as vozes dos dois, chegam-se para a janela, e*

dando com os dois no banco abaixo, ficam observando, dando sinais mudos de grande surpresa.)

**MARIA:** Estive quase não indo à festa, e se não fosse o meu vestido novo... Ai, senhor, e se não fosse o vestido novo, eu também não estava casada.

**LUÍS** (abraçando): Maldito vestido!

**MARIA:** Foi minha tia que mo deu. Ai, que se eu também não tivesse tia, não era agora mulher de meu marido.

(Manuel debruça-se pela janela e a agarra no pescoço.)

**MANUEL:** Maldita mulher!

(Maria dá um grito e levanta-se; o mesmo faz Luís. Maria, conhecendo o marido, deita a correr, atravessando a cena. Manuel salta pela janela e a persegue, gritando. Saem ambos da cena.)

**LUÍS** (vendo Manuel saltar): Que diabo é isto? (Reconhecendo João, que fica à janela.) O tio João!

**JOÃO:** Cala-te!

(Esconde-se.)

**LUÍS** (rindo): No quarto da ilhoa! (Acodem todos, isto é, Clara, Clementina, Ritinha, Júlio e os convidados.)

### CENA XVIII

**CLARA:** O que é? Que gritos são estes?

**CLEMENTINA** (ao mesmo tempo): O que aconteceu?

**RITINHA** (ao mesmo tempo): O que foi? (Luís ri.)

**CLARA:** O que é isso. Luís? Fala. (Luís continua a rir.)

**CLEMENTINA:** De que se ri tanto o primo?

**CLARA:** Não falarás?

**LUÍS:** Quer que eu fale? Ah, ah, ah!

**CLARA:** E esta?

**CLEMENTINA:** Eu ouvi a voz da Maria.

### CENA XIX

(Entra Maria adiante de Manuel, gemendo. Manuel conserva-se vestido de mulher.)

**RITINHA:** Aí vem ela.

**CLARA:** A gemer. Que foi?

**MANUEL** (que traz um pau na mão): Anda!

(Maria vem gemendo, assenta-se no banco debaixo da janela.)

**CLARA:** Ai, o Manuel vestido de mulher! Que mascarada é esta?

**CLEMENTINA:** Como está feio!

**CLARA:** Mas o que é isso? Por que gemes?

**MARIA:** Ai, ai, ai! Minhas costas...

**MANUEL:** É uma sem-vergonha!

**CLARA** (para Manuel): O que fez ela?

**MARIA** (gemendo): Minha costela... Minha cabeça...

**MANUEL:** O que fez? Um desaforo! Mas eu lhe ensinei com este pau.

**CLARA:** Deste-lhe com o pau?

**CLEMENTINA:** Pobre Maria!

**MARIA:** Ai, ai, ai! Minhas pernas...

**CLARA** (para Manuel): Mas por quê?

**MANUEL:** Estava a desencaminhar-se com o Sr. Luís.

**CLARA:** Com meu sobrinho?

**CLEMENTINA** (ao mesmo tempo): Com o primo?

**RITINHA** (ao mesmo tempo): Com ele?

**JÚLIO** (ao mesmo tempo): É bom saber!

**LUÍS:** Não há tal, tia. Este diabo está bêbado! Não vê como está vestido?

**MANUEL:** Olhe, senhora, que não estou bêbado. Eu bem vi, com estes olhos que a terra há-de comer, o senhor dar abraços na Maria.

**CLARA:** Ai, que indecência!

**CLEMENTINA:** Que vergonha!  
Namorando uma ilha!

**RITINHA:** Que humilhação!

**JÚLIO:** De que se admiram, minhas senhoras? É esse o costume do Sr. Luís. Tudo lhe faz conta – a velha, a moça, a bonita, a feia, a branca, a cabocla...

**CLEMENTINA:** Que horror!

**RITINHA (ao mesmo tempo):** Que horror!

*(Alguns convidados riem.)*

**LUÍS:** Psiu! Alto lá, Sr. Júlio, cá ninguém o chamou!

**JÚLIO:** E o melhor é, minhas senhoras, que ele nutre grandes esperanças de casar-se com uma das senhoras desta roda.

**TODAS AS SENHORAS:** Comigo não!

**LUÍS (chegando-se para Júlio):** Já estás cantando vitória?

**JÚLIO (para as senhoras):** Vejam o que faz a presunção!

**LUÍS:** Ainda é cedo, meu menino!  
Pensa que eu cedo com esta facilidade?

*(Aqui João sai do quarto do ilhéu, pé ante pé, para não ser visto, e encaminha-se para o fundo.)*

**JÚLIO:** Cederás, que te digo eu!

**LUÍS:** Deveras? *(Zombando. Volta para trás e vê João, que se retira para o fundo.)* Ó tio João? Tio João? Venha cá!

*(Vai buscá-lo e trá-lo para frente.)*

**CLARA:** Ai, onde estava este homem metido?

**CLEMENTINA:** O que quererá ele fazer?

**JÚLIO:** O que pretenderá?

**LUÍS:** Tio?

**CLARA (interrompendo e puxando João pelo braço):** Onde estavas?

**LUÍS (puxando-o pelo outro braço):** Espere, tio, deixe que eu...

**CLARA (mesmo jogo):** Quero que me diga o que fez estas duas horas.

**LUÍS (mesmo jogo):** Logo perguntará por isso, que agora tenho eu que lhe falar.

**CLARA (mesmo jogo):** Nada; primeiro há-de me dizer onde esteve escondido. Isto se faz? Eu a procurá-lo...

**LUÍS (mesmo jogo):** Dê-me atenção!

**CLARA (mesmo jogo):** Responda!

**LUÍS (mesmo jogo):** Deixe-o!

**CLARA (mesmo jogo):** Deixa-o tu também!

**LUÍS (metendo-se entre Clara e João):**  
Ora tia, que impertinência é essa? Tem tempo de fazer-lhe perguntas e ralhar como quiser.

*(Enquanto Luís fala com clara, Júlio segura João pelo braço.)*

**JÚLIO:** Lembre-se da sua promessa!

**LUÍS (puxando João pelo braço e falando-lhe a parte):** Eu bem vi onde estava... No quarto da ilha.

**JÚLIO (mesmo jogo):** Espero que não falte; quando não, digo tudo à Senhora D. Clara.

**LUÍS (mesmo jogo):** Se não consentir no que eu lhe quero pedir, descubro tudo à tia.

**CLARA:** O que quer isto dizer?

**JÚLIO (mesmo jogo, mas falando alto):** Dá-me a sua filha por esposa?

**LUÍS (mesmo jogo):** Concede-me a mão da prima?

**JÚLIO (mesmo jogo, a parte):** Olhe que eu falo...

**LUÍS (mesmo jogo):** Se ma não der, conto tudo...

**JÚLIO (mesmo jogo, alto):** Então?

**LUÍS (mesmo jogo):** O que resolve?

**JÚLIO e LUÍS (mesmo jogo):** Sim ou não?

**JOÃO:** Casem-se ambos, e deixem-me.

**CLEMENTINA, RITINHA, JÚLIO, LUÍS:**

Ambos?

**CLARA** (*puxando por João*): Que história são essas?

**MANUEL** (*mesmo jogo*): Pague-me o que me deve!

**LUÍS** (*mesmo jogo*): Dê-me a prima!

**JÚLIO** (*mesmo jogo*): Assim falta à sua palavra?

**MANUEL** (*mesmo jogo*): O meu dinheiro?

**JÚLIO** (*mesmo jogo*): Falarei!

**LUÍS** (*mesmo jogo*): O que decide? (*Todos os quatro rodeiam João, que assenta-se no chão e mergulha a cabeça, tapando-a com os braços.*)

**CLARA:** Não o deixo enquanto não me disser onde esteve, o que fez. Se isso são modos!

**JÚLIO** (*ao mesmo tempo*): Vossa Senhora prometeu-me. Se não quer que eu fale, cumpra a sua palavra.

**MANUEL** (*ao mesmo tempo*): Quero-me ir embora! Nem um instante mais aqui! Paga-me o que me deve.

**LUÍS:** Basta! Deixem-no! Levante-se, tio; aqui está a minha mão. (*João levanta-se.*) Tranquillize-se. (*A parte, para João.*) Faça o que lhe eu mandar, que o salvarei. (*Para Júlio.*) Bem vê que eu ainda podia lutar, mas sou generoso; não quero. (*Para João.*) Tio, dê-lhe a mão da prima. (*Ao ouvido.*) Que nos calaremos.

(*João, sem dizer palavra, vai apressado para Clementina, leva-a*

*para junto de Júlio, a quem a entrega, e os abençoa.*)

**JÚLIO:** Ó felicidade!

**LUÍS:** Disto estou livre. (*Para João.*)

Pague ao Sr. Manuel o que lhe deve.

(*João mete a mão na algibeira do colete, tira um maço de bilhete e entrega a Manuel.*)

**MANUEL:** É pouco. (*João dá-lhe mais dinheiro.*) Agora sim, vou comprar uma carroça!

**LUÍS:** Agora dê um a braço na tia. (*João vai abraçar a Clara.*)

**CLARA:** Chegue-se para lá! Enquanto não me disser...

**LUÍS:** Anda, e diga à tia que estava lá fora no portão, ajustando com o italiano das fazendas dois vestidos de crepe bordado dos quais lhe queria fazer mimo.

**CLARA:** Dous vestidos?

**LUÍS:** E riquíssimos!

**CLARA:** Ai, vidinha, e eu que estava desconfiando de ti!

(*Abraça-o.*)

**LUÍS** (*tomando a João a parte*): Não se meta noutra. Deixe o namoro para os moços solteiros.

**JOÃO:** Estou castigado! E emendado!

**RITINHA** (*que se tem aproximado de Luís*): E nós?

**LUÍS** ( *fingindo que a não ouve*): Viva São João! Vamos ao fogo!

(*Ritinha bate o pé de raiva. Acendem o fogo de artifício, e no meio de "Viva São João"! e gritos de alegria, desce o pano.*)

**FIM**



# O LÍDER

Lauro Cesar Muniz

## PERSONAGENS

---

Romão  
Autoridade  
Zé Maria  
Bastião  
Delegado  
Tomás  
Jovem

*(Sobre uma tela, projeta-se: Projeção I – A história do líder Joaquim Romão é verdadeira. Romão vive na praia de Tabatinga, perto da divisa entre Ubatuba e Caraguatatuba, litoral norte do Estado de São Paulo. É uma história simples, mas exemplifica, na sua pureza, o que pode acontecer quando há o abuso de autoridade. Projeção II – A praia de Tabatinga tem habitantes, sendo que cem por cento da população produtiva vive da pesca e da lavoura rudimentar. Moram em palhoças miseráveis de pau-a-pique, configurando os índices mais chocantes de subdesenvolvimento. Foco de luz nos Planos Central e da Direita. Romão ao centro ladeado por dois soldados. Na escrivania, a Autoridade.)*

**ROMÃO:** Eu não fiz nada!

**AUTORIDADE:** Seu nome!

**ROMÃO:** Eu não fiz nada, doutor! Sou homem de bem, todo mundo sabe, pergunta pra quem quiser.

Eu tava na minha casa, chegaram os soldados de Ubatuba, dando tiros, à tôa... Nem sei por que...

**AUTORIDADE:** Seu nome!

**ROMÃO:** Atiraram pra todos os lados, assombraram a meninada, fazendo todo mundo fugir que nem louco...

**AUTORIDADE:** Seu nome!

**ROMÃO:** Mas eu nem fiz nada, doutor!! Deve de ter engano... Num roubei ninguém, sou pescador, lavrador, vivo do meu trabalho... Entraram na minha casa disparando tiros, pincharam a janela, pularam por riba, fizeram uma avaria que até nem sei... Depois me agarraram em seis! Seis homens me pegaram e botaram no carro. Nume deixaram eu falá... Num deixaram nada...

**AUTORIDADE (gritando):** Qual é o seu nome?!

**ROMÃO:** Minha muié, meus filhos na

praia sem saber pra onde me carregaram... Faz dois dias que a gente tá rodando de um lado pra outro, ninguém me escuta nem me fala por que me fizeram isso...

**AUTORIDADE:** Seu nome! Vamos devagar e com ordem, como manda o regulamento! Qual é seu nome?

**ROMÃO:** Joaquim Romão do Nascimento.

**AUTORIDADE:** Estado civil.

**ROMÃO:** Quê?

**AUTORIDADE:** Estado civil. *(Um tempo.)* Casado ou solteiro?

**ROMÃO:** Sou casado, tenho cinco filhos, o mais novo nasceu...

**AUTORIDADE** *(interceptando):* Responda apenas os quesitos! *(Olha para um papel.)* Tem filhos?

**ROMÃO:** Tenho cinco filhos.

**AUTORIDADE** *(seguindo os quesitos):* Natural de... *(Um tempo.)* Onde nasceu?

**ROMÃO:** Porto de São Sebastião

**AUTORIDADE:** Dia, mês e ano...

**ROMÃO:** É dia... Doze de fevereiro. Ano não sei...

**AUTORIDADE:** Quantos anos você tem?

**ROMÃO:** Uns quarenta...

**AUTORIDADE:** Profissão.

**ROMÃO:** Sou pescador e lavrador...

**AUTORIDADE:** Pra quem trabalha?

**ROMÃO:** Pra quem precisa... Em tempo de carregá banana eu vou com o caminhão pro bananal e ganho a diária. Noutros tempos eu faço a plantação de mandioca pra gente fazer a farinha pro pirão... Às vezes vou pro mar com alguma canoa e às vezes...

**AUTORIDADE:** Está bem. Sabe ler e escrever, não é?

**ROMÃO:** Sim senhor.

**AUTORIDADE:** Este livro é seu?

**ROMÃO:** É meu, sim senhor!

**AUTORIDADE** *(exibindo):* E esta espingarda?

**ROMÃO:** É a minha "garrincha"...

**AUTORIDADE:** Hum... *(Volta aos quesitos.)* O senhor se declara culpado ou inocente?

**ROMÃO:** De quê?

**AUTORIDADE:** Ora, seu Romão, vamos deixar de brincadeira! Eu não tenho tempo a perder. Tenho que ouvir e preencher o formulário de mais dezessete pessoas ainda hoje. O senhor se declara culpado ou inocente?

**ROMÃO:** Mas doutor, eu não sei de culpa nenhuma...

**AUTORIDADE:** Eu tenho aqui um relatório de três laudas datilografadas em espaço dois, assinado pelo delegado de Ubatuba e mais seis testemunhas, dando conta das suas atividades na praia de Tabatinga.

**ROMÃO:** Ah, o delegado de Ubatuba! Foi ele que me mandou pra cá?

**AUTORIDADE:** Os motivos estão claros e explícitos nesse relatório! Consta inclusive seus antecedentes penais. *(Consultando o relatório.)* O senhor esteve preso por três dias na delegacia de Ubatuba, há dois meses atrás.... Nos dias... Ahm... 14, 15 e 16 de fevereiro desse ano.

**ROMÃO:** Ele num podia me prender, seu doutor! Num podia! Eu era inspetor da praia!

**AUTORIDADE:** Era o quê?

**ROMÃO** *(com destaque):* Inspetor de quarteirão da praia de Tabatinga! *(A luz cai sobre o plano da direita, ficando apenas um foco sobre Romão, no plano*

*central.*) Toda vez que tem briga na Tabatinga, eu sou chamado pra resolver a questão. Lá na praia num tem delegacia, então quem dá ós castigos pros culpados sou eu mesmo. Todo mundo obedece o que eu mando, e na praia tem sempre muita ordem.

*(A luz retorna sobre o plano da esquerda, revelando dois homens, cercados por vários outros. Um deles tem a cabeça enfaixada. Romão, no plano central mais elevado, dirige-se ao grupo do plano da esquerda.)*

**ROMÃO:** Então, Zé Maria, o que é que houve?

**ZÉ MARIA** *(o enfaixado):* Ele me deu uma porrada! Me abriu urna brécha aqui...

**BASTIÃO:** Ele me roubou!

**ZÉ MARIA:** Roubei não!

**BASTIÃO:** Roubou, tá todo mundo de prova!

**ROMÃO:** Pera aí Bastião... O que foi que o Zé Maria te roubou?

**ZÉ MARIA:** Num roubei nada...

**ROMÃO:** Espera Zé Maria. Um por vez. Fala Bastião.

**BASTIÃO:** Ele me roubou! A gente tem acordo de meio... Já vai fazer ano.

**BASTIÃO:** Desde que eu peguei maleita. Num podia trabalhar, fiz acordo de meia com ele... Eu dou a canoa, ele pesca... Comprei a canoa com sacrifício. Comprei quase nova...

**ZÉ MARIA:** A canoa tá do mesmo jeito que tava quando eu comecei a trabalhar com ela.

**ROMÃO:** Fala um por vez! Bastião...

**BASTIÃO:** Acordo de meia, em toda parte é uma coisa só: ele tem que me dar metade da pesca... *(Aos*

*demais.)* Alguém conhece acordo de meia diferente?

**ROMÃO:** Acordo de meia é acordo de meia... Metade, metade...

**BASTIÃO:** A meia dele é diferente... Ele não me pagava a metade da pesca... Pagava menos, muito menos!

**ZÉ MARIA:** Foi uma vez só, Romão... Uma vez só...

**BASTIÃO:** É roubo!

**ZÉ MARIA:** Foi pouca diferença... Foi quase a meia... Eu ia interá depois.

**BASTIÃO:** Eu vivo de meia... Num tenho outros ganho... Tenho só essa canoinha. Num sou nenhum armador rico que tem dez barco em cada praia.

**ZÉ MARIA:** Eu tava precisando de dinheiro, Romão... A mulhé tava de barriga, você sabe... A parteira cobrou muito caro e...

**BASTIÃO:** Eu num tenho nada a ver com isso.. Si num qué a mulhé barriguda vigia ela...

*(Ri.)*

**ROMÃO:** Respeito, Bastião! Mais respeito!

**BASTIÃO:** Eu quero a parte da meia que ele me roubou! Quero tudo, agora!

**ZÉ MARIA:** Como é que eu vou pagar?

**ROMÃO:** Quanto é?

**BASTIÃO:** Trinta contos! Me disse o seu Gastão de Ubatuba que ele te pagou cento e quarenta! Eu devia receber setenta... Recebi só quarenta. Falta trinta! Si num me pagá, num tem mais meia. Arranja outra canoa.

**ZÉ MARIA:** Onde é que eu vou arranjar outra canoa, Romão?

**ROMÃO:** Vocês têm que entrar num acordo. Dá um tempo pra ele

pagar, Bastião!

**BASTIÃO:** Eu quero os trinta, agora!  
Num dou tempo nenhum...

**ZÉ MARIA:** Ele tá fazendo isso, pra desfazer a meia...Eu sei Romão... Ele tem interesse em desfazer a meia... Tem um nego que topa trabalhar pra ele pela "terça".

**BASTIÃO:** A canoa é minha, faço o que bem entender. Me paga os trinta agora que você continua...

**ZÉ MARIA:** 'Ce sabe que eu num tenho!

**BASTIÃO:** Então, tá desfeita a meia!  
*(Aos demais.)* Tá todo mundo de prova! Eu "desfiz a meia porque ele é ladrão!"

**ZÉ MARIA:** Ladrão é a tua mãe!  
*(Gritando. Bastião atira-se contra Zé Maria. Os assistentes apartam. Os dois seguros.)* Vagabundo! Vagabundo! Você só bebe e dorme, enquanto eu trabaio pra você! Vagabundo! Vagabundo!

**ROMÃO** *(imperativo):* Chega! Chega!!!  
*(Os dois dominados diante de Romão.)*

**ROMÃO** *(enérgico):* Num quero mais saber de brigas! Vocês tão se portando que nem dois arruaceiro...Eu to querendo resolver tudo dentro de paz e de acordo...

**ZÉ MARIA:** Ele num quer acordo...Quer desfazer a meia...

**ROMÃO:** Cala a boca e me escuta!  
*(Uma pausa. Retoma com segurança.)* Eu aqui sou inspetor! Quem resolve tudo sou eu! Não quero mais saber de briga nem bate na boca! Já que vocês não qué resolver por bem, a gente vai resolver por mal... Eu sempre resolvi tudo aqui na praia sem arruaça. Agora, vocês vão me obrigá a fazer uma coisa que eu

não queria... *(A um dos homens que assiste.)* Bento, me traz a "garrincha" e corda de amarração... *(Sai o homem rapidamente.)* Faz muito tempo que eu sou inspetor. Poucas vezes tive que apelar pro delegado de Ubatuba... Num gosto de botar ninguém na cadeia... Mas agora num tem outro jeito... Eu vou levar os dois pra delegacia de Ubatuba. E lá é o delegado que vai resolver... Ele num tem dó de ninguém. Fica sabendo, Bastião, que as pancadas que você deu na cabeça do Zé Maria pode também dar cadeia. O último que levei lá ficou mais de mês trancado...

*(Chega o homem de volta, com corda e uma espingarda. Entrega a Romão a espingarda.)*

**ROMÃO** *(para o homem):* Amarra os dois com as mão pra trás... *(O homem obedece.)* Daqui lá a gente tem que andar calado... Se vocês não obedecê as minhas ordem, vão comer fogo! Num tô pra brincadeira...

*(Romão, de arma em punho, no plano central. Os dois presos no plano mais baixo, com as mãos para trás, amarradas nas extremidades da mesma corda, que é segura no meio por Romão como se fosse uma rédea. Os dois presos estão colocados em parênteses de animais de carroça.)*

**ROMÃO:** Vamo em frente, ligeiro, que eu num quero perdê o dia todo...  
*(Romão, em atitude altiva, tendo nas pontas da corda os dois presos. Saem os demais assistentes. A luz cai, ficando apenas um foco sobre Romão e seus presos, que se mantêm*

*imóveis enquanto Romão fala.)*

**ROMÃO:** Não que seja meu costume levar todo mundo amarrado pra delegacia. A maior parte dos casos são brigas à tôa. Basta a gente passar um “sabão” que tá tudo resolvido, mas, desta vez, pra falar a verdade, eu num sabia resolver a questão. Coisa de acordo de meia entre armador e pescador não é pro meu entendimento. Quando um pescador tem precisão e rouba do proprietário ele está errado?

*(Luz sobre o plano da esquerda, novamente, onde agora está preparado o ambiente da delegacia de Ubatuba. Romão e os dois pescadores amarrados, na mesma posição anterior. Diante dos três, o Delegado.)*

**ROMÃO:** Pois foi isso aí, doutor... O Zé Maria roubou e o Bastião quebrou a cabeça dele com um porrete.

**DELEGADO** *(grave):* Antes de mais nada, vamos desamarrar os dois! *(Ao cabo.)* Cabo! Solta os homens! *(O cabo obedece. O delegado pega a ponta da corda.)* Que é isso? Sangue?

**BASTIÃO:** A corda esfolou a minha mão.

**DELEGADO** *(a Zé Maria):* E a sua?

**ZÉ MARIA:** Não, doutor... Eu tenho calo na mão. Eu trabaio...

**DELEGADO** *(ao cabo):* Leva os dois pra dentro. Cuida do pulso do homem!

*(O cabo sai, conduzindo os dois.)*

**DELEGADO** *(a Romão):* Me dê essa arma... *(Recebe a espingarda.)* Então o senhor fez a proeza de trazer os dois briguentos, amarrados de Tabatinga até aqui, numa caminhada só?!

**ROMÃO:** Não tinha outro jeito, doutor...

**DELEGADO:** Deixe-me ver suas credenciais.

**ROMÃO:** Como?

**DELEGADO:** Suas credenciais! Seus documentos! O senhor não se apresentou como “inspetor de quarteirão” da praia de Tabatinga?

**ROMÃO:** Eu sou o inspetor!...

**DELEGADO:** Se o senhor é inspetor, o senhor tem credenciais!

**ROMÃO:** Num preciso documento pra ser inspetor... Todo mundo já sabe. O Dr. Tomás sempre recebia os presos que eu trazia... Onde está o Dr. Tomás?

**DELEGADO:** Dr. Tomás foi removido. A única autoridade aqui sou eu! E pelo que me consta, ninguém mais está autorizado a exercer funções policiais em toda essa comarca! O que o senhor fez foi justiça com as próprias mãos!

**ROMÃO:** Mas doutor...

**DELEGADO:** Justiça com as próprias mãos é crime, segundo o Código Penal! O senhor interferiu em um conflito de terceiros e puniu os transgressores sem estar habilitado para isso!

**ROMÃO:** Mas doutor, eu sempre...

**DELEGADO** *(interceptando, enérgico):* Além disso empregou método bárbaro de tortura! *(Tomando a corda e enrolando.)* O senhor com os dois desde Tabatinga até aqui, como se eles fossem animais! Um deles está ferido... Como se não bastasse isso, ainda uma arma de fogo...

*(Volta o cabo.)*

**ROMÃO:** Ela está quebrada, num funciona. Era só pra garantir os presos... Eu sempre trouxe os

arruaceiros pro Dr. Tomás...

**DELEGADO:** Qual é o seu nome, mesmo?

**ROMÃO:** Romão... Joaquim Romão....

**DELEGADO:** Cabol! Leve o seu Romão para uma cela!

**ROMÃO:** O senhor num pode fazer isso comigo!

**DELEGADO:** A cela do meio, entre os dois briguentos!

*(O cabo se aproxima de Romão.)*

**ROMÃO:** Mas eu sou inspetor!

**DELEGADO:** Não quero mais saber dessa conversa! Não tente resistir, senão as coisas se complicam ainda mais!

*(Romão é levado pra dentro.)*

**DELEGADO:** Você precisa aprender a obedecer, antes de mandar!

*(Cai a luz, ficando apenas um foco sobre o Delegado, ainda no plano da esquerda.)*

**DELEGADO:** Numa sociedade organizada, cada um tem a sua função bem estabelecida. A função do aparelho policial é administrar a ordem pública. A função dos cidadãos é obedecer o comando. Quando todo mundo começa a mandar, é sintoma de que há uma crise séria de autoridade! Onde vamos parar se cada cidadão resolver fazer justiça por conta própria? A causa de coisas como essa, é o excesso de liberdade que há nesse país. Excesso de liberdade gera a anarquia! Precisamos de menos liberdade e mais disciplina!

*(A luz retorna no plano da esquerda. Junto do Delegado está Dr. Tomás.)*

**DELEGADO:** Romão deve ser punido! Ele cometeu excessos em nome de uma falsa autoridade!

*(Fora se ouve o "zum-zum" de*

*populares.)*

**TOMÁS:** É preciso soltar o Romão!

**DELEGADO:** Por causa dessa gente que está aí fora? Impossível, Dr. Tomás. Se eles continuarem com essa barulheira, meto todo mundo no xadrez!

**TOMÁS** *(sem se alterar):* Não é um pedido, delegado... É uma ordem!

**DELEGADO:** Ordem de quem?

**TOMÁS** *(calmo):* Do seu superior.

**DELEGADO:** O Dr. Furtado Lima?

**TOMÁS:** Não é mais ele o seu superior...

**DELEGADO:** Não?!

**TOMÁS:** Ele foi promovido.

**DELEGADO:** Quem é então?...

**TOMÁS** *(muito simplesmente):* Eu...

**DELEGADO:** O senhor?...

**DELEGADO:** Meus parabéns, Dr. Tomás... Eu não sabia...

**TOMÁS:** Mas sente-se... Vamos conversar...

**DELEGADO** *(vai sentar-se, depois levanta-se):* Por favor, Dr. Tomás.... Tenha a bondade... Sente-se.

**TOMÁS:** Estou bem... Eu deveria ter lhe mandado uma comunicação escrita, mas achei melhor vir pessoalmente por causa desse caso da prisão do Romão. Não que o caso em si me interesse, mas é que ele vai servir para ilustrar certas coisas que tenho obrigação de lhe dizer, como superior imediato.

**DELEGADO:** Po... Pois não...

**TOMÁS:** Toda essa gente que está aí fora, espera que você solte o Romão, prova como ele é popular na sua praia. É um líder, um verdadeiro líder dos lavradores e pescadores. Pois justamente por ele ter esta capacidade de liderança, é que

eu o nomeei inspetor de  
quarteirão de Tabatinga, quando  
ocupava esta delegacia. Na  
ocasião eu deveria ter feito uma  
notificação, pedindo oficialmente  
essa nomeação... Mas você sabe  
como essas coisas de nomeação  
são complicadas... Eles iam pedir  
a documentação de Romão e  
toda aquela burocracia  
necessária. Nomeei então o  
Romão, num boteco de praia,  
num bate papo informal,  
tomando uma cachacinha....

**DELEGADO:** Mas Dr. Tomás, ele abusou  
dessa autoridade. Precisava ver  
como ele chegou aqui com os  
dois presos. Amarrados em corda  
grossa, e com uma espingarda a  
tira-colo... Um tratamento  
bárbaro. Verdadeiro tratamento  
Medieval...

*(Frisa a última palavra.)*

**TOMÁS:** Medieval... *(Pausa breve.)*  
Sabe que conclusão você vai  
chegar se for até Tabatinga? Que  
muita gente nessa terra ainda  
está na Idade Média... E o que é  
que você pode fazer, senão  
aceitar o comportamento deles,  
de acordo com a época que eles  
vivem?

**DELEGADO:** Mas nós temos que usar  
para eles o tratamento do nosso  
tempo!

**TOMÁS:** Não é justo... Eles não têm  
culpa se a lei escrita pelos nossos  
juristas não serve para o tempo  
deles. É preciso que a gente se  
molde às condições que tem.  
Você não pode manter um  
destacamento policial na praia  
de Tabatinga! Aceite a  
cooperação de um falso inspetor  
de quarteirão. Você é um rapaz

idealista, recém-saído da  
faculdade, cheio de teorias... Eu  
tenho a experiência de uma  
carreira. Somente os países  
adiantados podem fazer da  
teoria uma prática... Nós aqui  
temos que "quebrar o galho"  
*(Uma pausa rápida.)* É para lhe  
dizer isso que eu vim até aqui...

**DELEGADO:** Está bem...

**TOMÁS:** Eu já vou indo. Onde está o  
Romão?

**DELEGADO** *(contrariado):* Cabo! *(O  
cabo surge na porta.)* Solte o  
Romão...

*(O cabo sai.)*

**TOMÁS:** Outra coisa... É preciso saber  
prender. Não se prende só  
porque se infringiu o Código  
Penal. Você tem aí, junto com o  
nosso líder, mais dois presos: um  
pescador que roubou, e um  
armador que espancou. Ora, o  
armador é um proprietário, deve  
pertencer a uma organização  
sindical qualquer dos armadores.  
Têm seus advogados, suas  
manhas todas. Vai sair daqui e  
transformar essa prisão de rotina  
em um processo complicado. Isso  
vai lhe dar dores de cabeça. O  
outro não, é um pescador, não  
está filiado a organização sindical  
nenhuma. Vai sair daqui  
quietinho, porque tem que  
arranjar outro emprego...  
Conclusão: solte o armador e  
deixe o pescador. Aliás, isso pode  
até ser uma regra geral: pense  
duas vezes antes de prender um  
proprietário...

*(Entra o cabo com Romão.)*

**ROMÃO:** Dr. Tomás!!!

*(Romão aproxima-se respeitoso de  
Tomás.)*

**TOMÁS:** Como está Romão? Vá dizer a sua gente que está aí fora, que você está solto...

**ROMÃO:** Solto? *(Ao delegado.)* Posso levar minhas coisas?

*(O Delegado e Romão se entreolham algum tempo. Depois o Delegado entrega a Romão um pacote e uma espingarda. Romão toma seus pertences, assume uma atitude de vitória perante o delegado.)*

**ROMÃO** *(de saída):* Deus lhe pague, Dr. Tomás!

*(Sai.)*

**TOMÁS:** Agradeça ao Dr. Delegado. *(Romão sai. Fora ouvem-se aclamações de populares.)*

**TOMÁS:** Muito Bem... Até uma próxima vez... Espero que nossa conversa tenha sido útil para a carreira que você tem pela frente. O segredo do sucesso está em ser flexível... Flexível o quanto possível. *(De saída.)* Não esqueça de livrar o armador...

*(Tomás sai. Uma pequena pausa. O Delegado visivelmente perturbado.)*

**DELEGADO:** Cabo! *(Rápida indecisão, depois firme.)* Solta o Bastião! E vamos ficar de olho nesse Romão...

*(A luz cai no plano da esquerda e retorna no plano central sobre Romão.)*

**ROMÃO:** Eu era inspetor de quarteirão, sempre fui e continuo sendo! Antes de Dr. Tomás me pedir ajuda, eu já era autoridade na praia. Todo mundo sabe disso, só o delegado de Ubatuba não entende.

**AUTORIDADE:** Esta história de inspetor não me interessa. Isso não tem nada a ver com o nosso caso. A sua prisão anterior na delegacia

de Ubatuba está aqui no relatório, apenas para esclarecer seus antecedentes policiais. Não é essa a causa de sua presença aqui, o senhor bem sabe disso.

**ROMÃO:** Eu não sei nada, doutor... Até agora num sei por que vim parar aqui... Só se foi vingança do delegado de Ubatuba por causa da bronca que levou do Dr. Tomás.

**AUTORIDADE:** Cuidado com o que diz! Isso é um desacato à autoridade de doutor delegado de Ubatuba! Eu posso mandar recolhe-lo já ao xadrez por este desacato!

**ROMÃO:** Só sei que num fiz nada...

**AUTORIDADE:** A polícia nunca prende ninguém sem motivo! A minha função aqui é tomar suas declarações iniciais, que serão encaminhadas à autoridade responsável pelo Inquérito Policial Militar. Esse I.P.M. foi instaurado para apurar responsabilidades pelas subversões nas áreas sindicalistas. Dessa forma, espero ouvir sem mais perda de tempo suas declarações a respeito das suas atividades como presidente do sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ubatuba. *(Pausa. Romão mais confuso agora que no início.)* O senhor não tem nada a declarar sobre isso?

**ROMÃO:** Eu num estou entendendo nada...

**AUTORIDADE:** Como não está entendendo? Eu fui bastante claro! Ou o senhor pretende me confundir?

**ROMÃO:** Não senhor...

**AUTORIDADE** *(perdendo a paciência):* O senhor não é presidente em exercício do sindicato dos

Trabalhadores Rurais de Ubatuba?

**ROMÃO:** Presidente do Sindicato?

*(Pausa.)*

**AUTORIDADE:** É ou não é?

**ROMÃO:** Eu sou inspetor de quarteirão na Taba....

**AUTORIDADE** *(cortando):* Outra vez! Santo Deus! Se eu tivesse que ouvir pessoas como o senhor o dia todo, ficava louco... *(Com paciência.)* Então o senhor nega ser o presidente do sindicato de Ubatuba?

**ROMÃO:** Num sou não senhor....

**AUTORIDADE:** Por favor, venha cá..  
Chegue aqui perto...

*(Romão aproxima-se da mesa da Autoridade.)*

**ROMÃO:** Com licença...

**AUTORIDADE** *(mostrando um papel):*

Essa assinatura aqui é sua?

*(Romão olha, depois diz firme e até com certo orgulho.)*

**ROMÃO:** Essa letra é minha, sim senhor!

**AUTORIDADE:** Pois então! O senhor assinou esse documento na qualidade de Presidente do sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ubatuba, eleito em assembléia-geral organizada pela agentes da Superintendência da Reforma Agrária! A SUPRA!

**ROMÃO:** É?...

*(A luz cai sobre o plano da direita. Ao mesmo tempo, um foco de luz, no plano da esquerda, realça um cartaz com as siglas SUPRA. Vários pescadores e camponeses sentados em bancos. Um quadro negro e uma mesa tosca. Na mesa, um jovem, de roupa esporte e de gestos amplos, lê um trecho do "Estatuto do Trabalhador Rural" ou "Estatuto da Terra". Romão deixa o plano da direita e caminha em*

*direção ao plano da esquerda, indo se colocar atrás, de pé, dos camponeses sentados.)*

**JOVEM:** "...segundo o artigo 115 do Estatuto da Terra, à prerrogativa dos sindicatos rurais representar, perante as autoridades administrativas e judiciárias, os interesses gerais das classes que os integram, ou os interesses individuais dos associados, relativos à atividade exercida. Artigo 110: são deveres dos sindicatos: a) promover a conciliação nos dissídios do trabalho; b) promover a criação de cooperativa para as classes representadas; c) fundar e manter escolas de alfabetização". *(Deixa o livro.)* Aliás, para este programa, a SUPRA lhes fornecerá material e professores para pôr em prática um método revolucionário de alfabetização, o método "Paulo Freire". Em pouco tempo todos estarão lendo e escrevendo corretamente. *(Volta ao livro.)* Artigo 117: "Os sindicatos rurais deverão atender, entre outros, os seguintes requisitos: a) Mandato da diretoria não excedente de três anos; b) exercício do cargo do presidente, por brasileiro. *(Fecha o livro.)* Este é o momento mais importante desta reunião, porque é o momento de escolher aquele que será o vosso representante junto aos poderes constituídos. Eu pediria a todos aqueles que desejarem se candidatar ao cargo que levantem o braço. Um detalhe importante: Todos os candidatos deverão ser maior de idade e alfabetizados. Quem se

habilita? *(Longa pausa. Ninguém se manifesta.)* Não há ninguém interessado em se eleger o representante de classe? *(Nova pausa. Todos imóveis.)* Não é possível... É um cargo importante! *(Aponta para um assistente.)* O senhor? *(Zé Maria, sentado em um bando, balança a cabeça negativamente.)* O senhor não tem interesse em ser o representante da classe?

**ZÉ MARIA:** Num sei lê...

**JOVEM:** Ah...*(Apontando outro.)* O senhor?

**OUTRO:** Também não...

**JOVEM** *(apontando outro):* O senhor sabe ler? *(Sinal negativo de cabeça.)* O senhor? *(Outro sinal negativo.)* O senhor? *(Outro sinal negativo. Apontando sucessivamente.)* O senhor, o senhor, o senhor?... *(Todos balançam a cabeça negativamente.)* Mas ninguém aqui sabe ler? *(Pausa longa.)* Quem sabe ler, levanta o braço! *(Ninguém se manifesta.)* Ninguém?

*(No fundo, de pé, muito timidamente, Joaquim Romão ergue o seu braço.)*

**JOVEM:** O senhor sabe?  
*(Todos olham para trás.)*

**ROMÃO:** Sim senhor...

**JOVEM:** Sabe mesmo?

**ROMÃO:** Sei sim, senhor...

**JOVEM:** Então, o senhor é o único que pode ser candidato aqui... Por favor, vem cá...

*(Romão dirige-se até a mesa do jovem.)*

**JOVEM:** Qual é o seu nome?

**ROMÃO:** Joaquim Romão do Nascimento.

**JOVEM:** Todos conhecem o Joaquim?

*(Todos manifestam-se positivamente, mas ainda com certa timidez.)*

**JOVEM:** Ótimo! O senhor é conhecido de todos! *(A assistência.)* Todos concordam com a candidatura de Joaquim para representante da classe? *(Ninguém se manifesta.)* Quem não estiver de acordo, levante o braço! *(Ninguém se manifesta.)* Estão todos de acordo... O senhor é o candidato único proposto pela assembleia!

**ROMÃO:** Olha moço, eu cheguei agora há pouco, num escutei o que o senhor leu.. Num sei o que é que é...

**JOVEM:** Bom... Mas... Mas que isso não seja o problema! O senhor poderá ler esse livro, e se inteirar de tudo... *(Dá o livro a Romão.)* O principal é o senhor sentir-se integrado pelos problemas da sua classe! Aceitando este cargo, o senhor estará colaborando com o Governo Federal numa campanha extraordinária de esclarecimento do campesinato. Visando uma reforma agrária completa e radical, que dará a cada um dos senhores um pedacinho de terra para o melhor desenvolvimento dessa região!

*(As palavras do jovem não empolgaram ninguém.)*

**ROMÃO:** O senhor é deputado?

**JOVEM:** Eu? Não... Eu sou da SUPRA... Altarquia do governo federal, ligada ao Ministério do Trabalho!

**ROMÃO** *(sem entender bem):* Ah.

**JOVEM:** O senhor então, está disposto a colaborar nessa campanha do governo?

**ROMÃO:** Bom, moço... Se é pra

colaborará com o governo...

**JOVEM:** Muito bem, seu Joaquim! O senhor é um homem patriota! *(Aos demais.)* Eu peço a todos que aclamem o companheiro aqui, como digno representante da praia de Tabatinga junto à SUPRA! *(Dá um papel e uma caneta a Romão.)* Por favor, seu Joaquim, assine aqui a nossa ata de fundação!

*(Romão toma a caneta num gesto lento e caprichado, assina, sem ler, o papel impresso que recebe. Em primeiro plano surge o cabo da delegacia de Ubatuba.)*

**JOVEM** *(fazendo sinais aos demais):*

Vamos! Todos de pé para aclamar o representante eleito! *(Levanta-se um homem, depois outro e, assim sucessivamente, todos. O Jovem os anima a aplaudir. Os demais, com certa timidez, obedecem. Palmas gerais sem grande empolgação, enquanto Joaquim Romão prossegue sua assinatura.)*

*(A luz cai lentamente em resistência sobre o plano da Esquerda, voltando a iluminar o plano da direita onde a Autoridade mantém nas mãos o documento assinado por Romão.)*

**AUTORIDADE:** Como signatário deste documento, o senhor está incurso na Lei de Segurança Nacional, no que diz respeito às atividades subversivas.

*(Romão, no plano central, demonstra não entender bem a situação.)*

**ROMÃO:** Eu tentei fazer tudo, como o moço do governo mandô. As reuniões na escola, a leitura do livro pro pessoal, tudo... Eu num tenho culpa se o pessoal na praia num queria ir nas reuniões. Eles

foram uma vez, mas dormiram na leitura... A gente lá levanta muito cedo e sente sono de noite... A escola num tem luz, só tem lampeão... É mesmo pra dar sono... Eu dizia pra eles: Vocês tem que ir nas reunião, os homens do governo qué que a gente aprende as coisa do livro, pra depois dá terra pra nós... Foi o que o moço do governo prometeu...

**AUTORIDADE:** Dirigismo ideológico!

**ROMÃO:** Eu cumpri minha obrigação direitinho... Ninguém pode ter queixa de mim. Fiz o que pude... Às vezes eu obrigava eles a ir na reunião...

**AUTORIDADE:** Tentativa de coação...

**ROMÃO:** Mas num adianta... Eles diziam: "pra dormir eu durmo em casa"...

**AUTORIDADE:** Está bem! O senhor confirma plenamente a denúncia contida no relatório. O senhor vai aguardar detido o encaminhamento do processo. *(Aos guardas.)* Podem levar ele pra cela!

**ROMÃO:** Detido? Cela? Mas...

*(Os guardas seguram Romão, que se debate. Na porta surge Dr. Tomás.)*

**ROMÃO:** Doutor Tomás!!!

*(Os guardas tentam levar Romão, que resiste.)*

**AUTORIDADE** *(aos guardas):* Um instante! Esperem!

*(Os guardas largam Romão.)*

**AUTORIDADE** *(levanta-se):* Dr. Tomás!

Tenha a bondade!... *(Romão corre para Tomás.)* Os guardas o seguram.

**ROMÃO:** Doutor Tomás, me salve! Eles querem me prender! Eu num fiz nada, doutor! Num tenho culpa

se o pessoal da praia num quis ir pra reunião! Eu fiz de tudo pra eles ir...

**AUTORIDADE** (*gritando e batendo na mesa*): Silêncio!!!

(*Romão cala-se dominado pelos guardas. Tomás assiste tudo impassível.*)

**AUTORIDADE**: Por favor, sente-se Dr. Tomás.... Queira desculpar-nos, mas ele é um rebelde... (*Tomás se senta.*) Pedimos que viesse até aqui para cumprir um pedido constante no relatório de denúncia. O delegado de Ubatuba deseja que o senhor confirme essa denúncia. Segundo este relatório (*exibe*), o preso é um líder da SUPRA, presidente do Sindicato Rural de Ubatuba, como prova esse documento (*exibe*), perigoso agitador, parte do esquema de subversão...

**TOMÁS** (*cortando*): Eu já estou a par do relatório. Recebi uma cópia. O depoimento dele confirma a denúncia aí contida?

**AUTORIDADE**: Não só confirma, mas confessa a tentativa de realizar uma série de reuniões, tendo mesmo coagido os habitantes da região a comparecer.

**TOMÁS** (*seco*): Hum. E ele confirma também a assinatura no documento em questão?

**AUTORIDADE**: Confirma.

**TOMÁS**: Nesse caso... Diante do provas tão claras, nada mais me resta, senão confirmar essa denúncia e me colocar à inteira disposição do inquérito militar, para quaisquer outros esclarecimentos.

**AUTORIDADE**: Obrigado. Não queremos mais tomar o seu tempo. De nossa

parte, o senhor está dispensado.

**TOMÁS**: Não, faço isso com prazer. Pelo contrário, confesso que acabo de receber um rude golpe. Um golpe de quem acredita demais na natureza humana... Eu acreditava em Joaquim Romão. Acreditava na sua natureza de homem bom... Eu mesmo o nomeei para inspetor de quarteirão da zona, por conhecer a sua capacidade de liderança... (*Olha para Romão.*) Mas vejo que me enganei... Me enganei redondamente... Talvez tenha criado um monstro contra as nossas instituições, ao acreditar nele e dar-lhe as armas para a liderança...

**ROMÃO**: Dr. Tomás, me tira daqui...

**TOMÁS** (*para Romão*): Romão, você traiu a minha confiança... Nada posso fazer agora por você. Quando se trata da lei, sou um soldado inflexível...

(*Um silêncio trágico, Tomás levanta-se.*)

**AUTORIDADE**: Obrigado, Dr. Tomás. (*Tomás despede-se da Autoridade e, sob o olhar perplexo de Romão, deixa a sala.*)

**ROMÃO** (*chamando*): Doutor!...Doutor Tomás!

(*Os guardas seguram novamente Romão.*)

**ROMÃO**: Me larguem! Me larguem! Eu sou do governo! Eu seu do governo! Me larguem! Ninguém pode me prender! Eu sou de governo!

(*No seu desespero, Romão livra-se dos guardas e corre para a mesa da autoridade, que se levanta.*)

**ROMÃO**: Onde está o moço? (*Os guardas junto a Romão novamente.*)

**AUTORIDADE:** Que moço?

**ROMÃO:** O moço do Governo! Que me mandou fazer a reunião!

**AUTORIDADE:** O agente da SUPRA.

**ROMÃO:** Manda chamar ele! Manda chamar ele!

**AUTORIDADE:** Numa hora dessas, se ele não fugiu, está preso.

**ROMÃO:** Preso?

**AUTORIDADE:** Com toda a certeza...

**ROMÃO:** Mas... Mas ele num é do governo?

**AUTORIDADE:** Do governo deposto!

**ROMÃO:** Deposto?... *(Romão dá outro passo atrás. Pausa longa. Romão aturdido.)* O governo foi mudado?

**AUTORIDADE:** Não sabia?

**ROMÃO:** Não...

**AUTORIDADE** *(perplexo):* Não sabia que o governo anterior foi deposto por uma revolução?

**ROMÃO:** Não.

**AUTORIDADE** *(estupefato):* Não é possível...

**ROMÃO:** Num sabia, não...

**AUTORIDADE:** O senhor não lê jornais?

**ROMÃO:** Na Tabatinga não chega jornal...

**AUTORIDADE:** Não ouve rádio?

**ROMÃO:** Na Tabatinga num tem força de luz...

**AUTORIDADE:** Mas... Ninguém comenta nada?

**ROMÃO:** Não...

**AUTORIDADE:** Na escola...

**ROMÃO:** Tá fechada...

*(A Autoridade senta-se aturdido.)*

**AUTORIDADE** *(refazendo o raciocínio):* Só agora, então... Só agora o senhor soube que... *(Pasma.)* Isso é um absurdo...

*(Longa pausa. A Autoridade, estática, numa atitude de impasse. Examina os papéis que tem diante de si, ao*

*mesmo tempo que passa o lenço no rosto enxugando o suor.)*

**ROMÃO:** Então... Eu fui preso porque mudaram o governo? *(Outra longa pausa. Romão parece ver tudo se clareando, agora, ao contrário da Autoridade que se perde em exame de papéis.)* O senhor é do governo não é? *(Não há resposta.)* O senhor não trabalhava aqui antes de mudar o governo?

**AUTORIDADE** *(tentando se ordenar):*

Eu... Eu o quê? Trabalhava onde?

**ROMÃO:** Aqui... Antes de mudar o governo?...

**AUTORIDADE:** Eu? Trabalhava... Por quê?

**ROMÃO:** Então o senhor também trabalhava pro outro governo, como eu.

**AUTORIDADE:** Eu ?...

*(A autoridade embasbaca-se diante da lógica.)*

**ROMÃO:** Antes o senhor prendia quem era contra o outro governo. Agora o senhor prende quem era a favor...

*(Pausa. A Autoridade encara Romão por alguns instantes, depois levanta-se decidido, ajuntando a papelada da mesa.)*

**AUTORIDADE:** Eu não tenho que lhe dar satisfações! A minha função aqui é tomar o seu depoimento, nada mais! *(Apontando a papelada.)* A sua culpa está aqui! Materializada nessa assinatura! O senhor assinou um documento que é considerado subversivo! A minha função é analisar isso e... E... Não tenho que lhe dar satisfações! *(Aos guardas, violento.)* Podem levar ele daqui! Levem logo! *(Senta-se cansado.)*

E podem trazer o próximo denunciado...

**ROMÃO:** Eu vou ser preso porque sei lê e escrever.

*(Projeção III – Joaquim Romão foi posto em liberdade, dias depois, pela interferência de um jornalista que publicou os fatos ocorridos.)*

**FIM**

# BARBOSINHA FUTEBÓ CRUBI – UMA HISTÓRIA DE ADONIRANS

de César Vieira

“Discípulo de Noel Rosa, afilhado de Cartola, Adoriran Barbosa é o mais ‘carioca’ dos compositores paulistas e o mais universal e brasileiro dos músicos populares da terra da garoa. Ninguém como ele cantou com tanto amor, suor e verdade o morro, a favela e o asfalto da capital bandeirante.

Não é por mera coincidência que as letras de Adoriran, a exemplo das de Noel, mostram toda uma carga de desejos e aspirações do povo. No sentido do ‘politicamente correto’, poucos talvez tenham sido tão “apolíticos” como Noel e Adoriran, mas devido às suas origens populares e a vida boêmia, raros falaram tanto e tão acertadamente do “social”.

Barbosinha Futebol Crubi – Uma história de ‘Adorirans’ é um trabalho coletivo que tem como fio condutor à figura de Adoriran Barbosa, um dos mais importantes compositores populares do Brasil. Não é uma obra biográfica. Alguns acontecimentos mostrados na encenação realmente ocorreram, mas não estão colocados nem em ordem de tempo, nem de local. Como diria Adoriran, “é tudo imaginação nossa, certo?”.

A primeira parte do espetáculo mostra a infância de João Rubinato, nome real de Adoriran, em Jundiaí. A partir daí são reportados episódios de sua trajetória pela rádio, sua ternura para com Matilde, sua companheira; sua paixão pelo futebol e a resistência que sustentou permanentemente contra a dominação musical que de fora impunha cerceamentos a sua criação e a toda a música popular brasileira. À exceção da cena de João Rubinato moleque situada nos inícios da década de vinte, a ação transcorre em meados dos anos cinquenta.

A personalidade de profundo calor humano de Oswaldo Molles, amigo e parceiro de Adoriran, marca com cores fortes a trama, como marcou com seu carinho e criatividade toda a época romântica do rádio paulistano.

O título do trabalho foi tirado de um clube de várzea que realmente existiu nas bandas do glicério, o ‘Barbosinha F.C.’, fundado para homenagear o humorista Adoriran. Fixado em futebol, ele adota o clube, acompanha seus jogos, oferece troféus e camisas, interfere nas escalações e o identifica com o seu grande amor: ‘Esporte Clube Corinthians Paulista’.

Na apresentação feita pelo TUOV – Teatro União Olho Vivo –, a segura mão do maestro José Maria Giroldo deu um sabor olhovivense às músicas do ‘Poeta das Malocas’, e o figurino da artista plástica Graciela Rodriguez nos transportou aos fatos narrados no texto, ao mesmo tempo que nos sugeriu que essas ‘coisas’ ainda ocorrem hoje.

O que o TUOV mostrou nesta montagem é a cidade de São Paulo cinza-amarga,

por vezes, mas também colorida de lirismo e resistência dos Adonirans que a fazem pulsar.

Aqui estamos, novamente, com o circo, o samba, o cordel e “o coração cheio de amor pra dar”.

O OLHO VIVO e BARBOSINHA FOTEBÓ CRUBI saúdam o povo, a imprensa em geral – observam as autoridades, levantam a bola e Pedem Passagem.”

Luisa Barreto Leite (Abril/1991)

(Música de abertura: “Nós vamos cantar uma história”.)

“Nós vamos contar uma história  
De risos já sorridos e por sorrir  
Uma história comum, sem glória  
De lágrimas já caídas e por cair

De idéias pensadas e por pensar  
De casas construídas e por construir  
De melodias cantadas e ainda por cantar

É a nossa história, simples, de rua  
Vamos escrever, agora, a sua?”

## PERSONAGENS

---

**Adoniran** – menino

**Vendedora de folhetim**

**Anunciadora do Cinema Politeama**

**Seu Pixoxe** – dono de bar

**Lili** – cantora lírica

**Lulu** – violinista

**Padre vigário**

**Cidão** – moleque

**Dª Ema** – mãe de Adoniran

**Wilson Cavalcante** – locutor

**Isaurinha Garcia** – cantora da Rádio Record

**Maria Amélia** – rádio-atriz

**Oswaldo Moles** – escritor de programas de rádio

**Adoniran** – adulto

**Vassourinha** – cantor e varredor

**Wiliam Sheakespeare Cury** – barbeiro da Rádio Record e da Faculdade de Direito

**Matilde** – companheira de Adoniran

**Dª Eristodema La Fonte Yale** – secretária do Dr. Saulo

**Dr. Saulo** – proprietário da rádio

**Elisa** – lavadeira das camisas do Barbosinha F. C.

**Divindade de Candomblé**

**Gringo Bill** – técnico do América E. C.

**Estudante de direito**

**Sambistas**

**Torcedores de futebol**

**Populares**

**etc...**

**Peteleco** – cachorro vira-lata e parceiro de Adoniran.

## CENA I

*(Música "Nós vamos contar uma história". Elenco todo exercita-se pelo palco e pelo público com movimentos sincronizados de time de futebol se aquecendo. Ruídos de esforço físico. Época indefinida. Talvez 1949... Em São Paulo – Capital. Cenário indefinido. Um jogo de camisetas de time de bairro, no espaldar de uma velha cadeira. Uma marmitta um pouco afastada, num canto do palco. Adoniran, apenas marcado pelo chapéu e gravata borboleta, escreve com um lápis gigante – tipo Itu – numa também grande e visível partitura. Tartamudeia alguma composição... Lentamente levanta, pega uma das taças, começa a bater com o lápis no metal. É o "Samba da Taça". O "Samba da Taça" vai terminar com o estribilho à "boca chiusa" de "Eeee São Paulo". Elenco está sentado por entre o público. Canta primeiro a boca chiusa, depois só a melodia, finalmente canta com letra.)*

**TODOS:** "Eeee São Paulo – São Paulo terra boa – São Paulo da garoa..."  
*(Ao compasso do violão muda para a próxima música.)*

**TODOS:** "Lá em cima daquele morro passa boi, passa boiada. Passa a turma do Adoniran com a taça alumiada..."

*(Adoniran vem para a boca do palco, desce para junto do público. Vai atirando devagar as camisetas para os membros do elenco. Chama, ao jogar as camisetas, os atores pelos seus nomes. O elenco veste com unção as camisetas. Os atores, transformando-se em personagens, caminham cantando para o palco. Cantam no mesmo estilo*

*das duas músicas anteriores.)*

**TODOS:** "Salve o Barbosa, campeão dos campeões. Eternamente dentro dos nossos corações".

*(Todos voltam a fazer exercícios de aquecimento de futebol. Todas as músicas são cantadas aproximadamente três vezes. Os personagens vão assumindo a posição oficial para fotos de esquadrão de futebol. A linha agachada e a defesa em pé. Adoniran posiciona-se ao lado do goleiro, quase um técnico... Explode o flash. Muda a música. Todos fixam os olhos em Adoniran, que lentamente afasta-se do grupo e pega a marmitta e uma colher que está presa nela.)*

**TODOS:** "Vamô, Maruca, vamo. Vamô pra Jundiáí..."

*(Elenco sai por um lado na penumbra. Luz em resistência em Adoniran, que batuca com a colher na marmitta.)*

## CENA II

*(Jundiáí. Aproximadamente 1923. Porta do Bar do Piccioci em frente ao Cine Politeama. Teatro em frente ao "Grupo Escolar Coronel Siqueira de Moraes". Defronte a escola desce o tradicional "escadão", que vai desembocar, morro abaixo, nos lados da velha Estação da São Paulo Railway". Adoniran troca o chapéu por um bonezinho. Está descalço agora.)*

**MÚSICA:** "Olha a marmitta, olha a marmitta

Tá quentinha, até parpita  
Olha a bóia, olha a bóia,  
Marmitta do Hotel Central  
Arroz, feijão, carne de animar  
Vem pegar. Vem buscar. Vem pegar."  
*(Na calçada em frente ao seu bar está Turini Piccione, o "Pixoxe", sentado na cadeira, lendo jornal, virado para a*

*entrada monumental do Cine Teatro Politeama.)*

**MÚSICA:** Olha a marmita, Marmita do Hotel Central

Arroz, feijão e carne de animar  
Vem pegar...

Mas tem que pagar. Tá co' mês  
atrasado

O dono não vai mais fazê fiado  
Tem que pagar – Vem pegar... Olha a  
marmita...

*(Cruzando a rua de paralelepípedos  
disformemente encaixados, passa a  
distribuidora de "Folhetim".)*

**MÚSICA:** O Folhetim. O Folhetim. Pra  
moço, pra velho e até pra mim.  
O folhetim. O centésimo capítulo da  
"Dama de Carmim".

Não perca o fim. Acompanhe o  
folhetim. Não perca o fim.

Veja o último capítulo da "Dama de  
Carmim". Quem fica com a  
marquesa? O Comendador Ponte  
Veza, ou o Tenente Benjamin? – Tá  
chegando o fim. Tem tiro, tem  
bordoada, tem até sangue  
vermelho cetim. Olha o Folhetim.

*(Cruzam o marmiteiro e distribuidora de  
Folhetim.)*

**MÚSICA:** Domingo – No Cine das  
Multidões

Duas sessões – Veja

O grande amante latino: Rodolfo  
Valentino.

Não fique deitado na cama

Assista no Cine Teatro Politeama:

"O Filho do Xequê" – Drama –  
Comédia – Deleite.

Recomendado pela "Folha de Jundiá"  
Em artigo assinado pelo crítico  
"Drumond de Percy"

No Cine das Multidões. Duas sessões...

*(As três músicas: "Olha a marmita", "O  
Folhetim" e "Cine das Multidões" se  
misturam à medida que seus intérpretes*

*se cruzam na rua passando em frente  
ao velho Pixoxe.)*

**PICCIONE:** Rapazão Rubinato, de novo  
descalço, perdeu o sapato?

**ADONIRAN:** Troquei um pé por uma  
bola e outro por esta velha viola. É  
vero, seu Pixoxe.

**PIXOXE:** Má que maledeto, tu me sai  
um esperto. Que tiene na  
cachola? De novo gazeteando a  
escola?

**ADONIRAN:** Ogi, no. Ogi, no. O seu  
Ladera – diretor do Grupo Siquera  
– deu feriado. Deu folga: prós  
bonzinho e prós malcriado. Baxó  
cachumba no colégio. Tá tudo  
doente. Até a professora Cristina –  
que é boa gente – ficou meio  
enjoada. Metade da molecada tá  
de cara enfaxada.

*(Ouve-se música.)*

**PIXOXE:** Queto, chu, estaferno. Cala  
essa boca do inferno.  
Escuita, olha na varanda. Vê: a  
nossa Cristina, a professora Cristina  
– a nossa Lili – Bionda. Biondíssima.  
Linda. Lindíssima... A Lili, a mulher  
do Coronel Lalá Miranda. Escuita,  
olha na varanda...

**MÚSICA:** "Caminito mio..."

*(Lili canta, Lulu, o violinista, toca girando  
em torno dela. Estão ensaiando na  
varanda do Cine Politeama.)*

**PIXOXE:** Rapazão Giovani, larga a  
sacola, pega a viola. Chega pra  
finestra. Chega pra janela.  
Aprende com ela. Escutate...  
Escuita o Lulu, que violinista, que  
alma de artista! Escutate.

*(Adoniran Fica estático. Olhos fixos na  
sacada do cinema. Lili suspira. Lulu  
suspira.)*

**VENDEDORA DE FOLHETIM:** "Caminito  
mio..."

*(Vendedora de Folhetim imita Lili,*

*Adoniran imita Lulu. Ambos suspiram. Os quatro cantam juntos. Pixoxe junta-se a eles. Cantam e dançam.)*

**ADONIRAN:** Eee, se Pixoxe, esse seu bar tá muito devagar.

Tá perdendo crientela. É preciso anunciá. Se comunicá.

**VENDEDORA:** Ei, namoradinho do escadão. Segura a mão.

Ei, engomadinho do largo da Matriz. Deixa o coreto, não faz xixi no chafariz. Vem pro Pixoxe.

**ADONIRAN:** O bebum da esquina, vem aqui toma uma tubaína. Onde tem o melhor Pastel? E a pipoca quentinha no saco de papel? É no Pixoxe. É no bar do Pixoxe.

**OS DOIS:** Pastel – maviola – rapadura. Chupa chupa. Bala mistura.

**PIXOTE:** I el mio Bijou. I el mio bijou doce como frufu.

*(Pixoxe acompanha-se com matraca de vender Bijou. Todos cantam e dançam.)*

**MÚSICA:** Bijou. Pastel. Pipoca quentinha no saco de papel.

Pastel, Maviola, Rapadura – bala mistura. Bijou.

É no Pixoxe. No Bar do Pixoxe.

Tem carcamano. Tem preto. Tem artista.

Tem até jogador do Paulista. Tem preto. Tem carcamano. É tudo ermano. É no Pixote. É no bar do Pixote.

*(Sinos. Igreja Matriz. Em frente a Praça Central. Coreto e chafariz, fonte luminosa. Confessionário: Adoniran E Padre.)*

**ADONIRAN:** Padre, confesso que pequei. Tenho um pó de paura de parrale...

**PADRE** *(meio surdo):* Pó de quê? Pó de quê? Fala, filho meu, fala. Lava a alma. Limpa o coração. Faz tua confissão. Fala meu filho, fala.

**ADONIRAN:** Lô matei aula pra cachorro. Fui jogá bola no morro, pegá balão. Jogá bafa-bafa no barraco do Zé Tição...

**PADRE:** Caão!? Que cão? Que cão?

**ADONIRAN:** Jogá bafa-bafa no barraco do Zé Tição...

**PADRE:** Oh! Que maldição. Na maloca do Zé Tição... Aquele sujinho, escurinho. Filho do Pai Jaú?

**ADONIRAN** *(a parte):* Ili... Vai me mandar tomar no cu...

**PADRE:** Angu. Mas que angu?? É o Pai Jaú, pai de santo. Que fala mal da religião. É caso de excomunhão! Fala mais, filho. Cospe tua maldade. Livra tua alma dessa fealdade. Tira fora essa sujeira. Não faz asneira. Limpa o coração. Confessa. Deus te ouve. Fala mais. Fala mais.

*(Entra Zé Tição com uma bola. Controlando a pelota. Jogam Adoniran e Zé Tição.)*

**ZÉ TIÇÃO:** Na ponta do pé. Mata no peito. Estica pra frente. Põe no chão. Na ponta do pé.

**ADONIRAN:** Dá de chaleira. Levanta. Vai de cabeça. Devagar. Controla devagar. Vai de calcanhar.

**ZÉ:** Olha o Neco, o Neco, du Corintia. Olha o Neco. Na ponta do pé...

**ADONIRAN:** Na ponta do pé. Mata no peito. Estica. Põe no chão. Na ponta do pé... Na ponta do pé faz de conta que é muié.

**ZÉ:** Na ponta do pé faz de conta que é muié.

**OS DOIS:** Na ponta do pé faz de conta que é muié.

**ADONIRAN:** Bionda Biondíssima. Lili... A dona Lili... Que voz... Mata no peito. Joga no chão... Joga no chão... No chão... No chão...

**OS DOIS:** ...No chão... No chão... No

chaummmmmmm...

**ADONIRAN** (*cantando*): Na ponta do pé... Na ponta do pé...  
O Lalá ficou Lelé quando viu... Quando viu...

A Lili dando o loló pro Lulu, pro Lulu...  
(*Música soleníssima Aleluia.*)

**PADRE**: Que vergonha. Que vergonha,  
Deus meu. Que escândalo.  
Moleque, tu vai cumprir a maior penitência. Pra aprender. A maior penitência... Tu vai ajoelhar em cima do milho, meu filho.

(*Largo da Matriz. Coreto à frente Adoniran está ajoelhado no centro da praça.*)

**ADONIRAN**: Ave Maria... Cheia de graça... Ave Maria... Nunca mais cubiçar a mulher do próximo. Respeitar os mais velhos. Nunca mais cubiçar a mulher do próximo. Ave Maria, cheia de graça...

(*Apito de Trem. Entra D. Ema Rubinato, mãe de Adoniran.*)

**DONA EMA**: Giovani Rubinato. Giovani Rubinato. Desgraciato! Desgraciato!  
Tu me a faltado com o respeito. Tu é filho de Fernando Rubinato e no do capeto. Maledeto. Desgraciaste nostra famiglia. Ió soi Ema Riquini Rubinato, de Casevere. Nós agora temo que partire...

(*Expulso da escola só pensa na bola...*)  
Temo que sai daqui. Temo que fugi de Jundiáí. Patso! Qui prima comunhone. Te corto os coglione, ió. Logo a muglié do Coronel Lalá. Chegá pra cá.

(*Pega Adoniran pela orelha e vai levando para fora.*)

**EMA**: Presto, patso... Temo que ir imbora. Fugi pra Santo André.  
Tu acabaste com mia fé. Vamo

pra lado da Capitá. Estaferno... Fiódum inferno. Vamo, presto. I treno sai a las onze. Vamo pra estazione. Qui prima comunhone! Te arranco os coglione. Vamo, presto, i treno sai a las onze.

(*Apito de trem. Ruído de trem em marcha.*)

“Trem das onze” – *em italiano* – 1ª gravação – Ricardi del Turco.

**MÚSICA**: “Non posso restare ancora um minuto

a canto a te

An que se, mi amor, sae solo per te

Moio se longe, sei,

ma devo prendere il tren

no que mi portera lontano

Tanto lontano da te

Non posso restare ancora um minuto

a canto a te

mi dispiatche amor

Ma non posso restá

Moio se longe sei

ma devo prender il tren

No que mi portera lontano

I voi sabere per que.

Non posso restare...”

(*Saem todos em fila, como num trem: Cheq, cheq, cheq...*)

### CENA III

(*São Paulo – Capital – Anos 40. Final da década. Largo da Misericórdia, esquina com Rua Direita. Bar com estufa de quibe e esfiha. Rádio Record. Prédio velho. Dois andares. Escada em caracol. Elevador e arame trançado. Estúdios “1” e “2”. Com vidros e revestimentos acústicos. Tudo muito rudimentar. Microfones. Mesa de som. Mesa comum. Cadeiras. Letreiro luminoso – em vermelho – “No ar”. Ação no Estúdio “1”. Estúdio “1” – fundo Plano*)

*lateral. Estúdio "2" – Centro. Frente.)*

**FRENTE MUSICAL:** Tra lá lá... A Record manda pro ar um programa de abafar. Tra lá lá... "Alô. Alô."

Amigo ouvinte: não diga Alô. Diga: Rádio Record é a maior!

**LOCUTOR:** Amigo ouvinte: hoje como em todas as quartas-feiras, às 20hs. A Record – a maior – leva ao ar a cantora namorada da cidade Isaurinha Garcia.

Auditório: palmas!

**ISAURA GARCIA** (*cantando*): "Se você jurar..." (*De Ismael Silva.*)

(*Canta um trecho da música. Palmas. Acorde chamativo.*)

**LOCUTOR:** Dura lex – sed lex – no cabelo só "GUMEX"! Se seu cabelo está caindo, use Gumex que ele vai crescer de novo. Se você tem cabelo forte, use Gumex para que ele permaneça assim. "Dura lex – sed lex – no cabelo só Gumex!"

(*Acorde chamativo romântico.*)

**LOCUTOR:** "Tic Tac – Tic Tac" pelo chão lá vem ela a caminhar. Delicada como a brisa, é fidalga até no andar. Tic Tac pelo chão lá vem ela a caminhar, sem querer fico pedindo, vem pisar meu coração. Lá vem ela a caminhar – delicada como a brisa é fidalga até no andar. Calçados de "A Fidalga" e não discuta. Sapataria "dernier cri" A Fidalga – à Rua Quintino Bocaiúva – esquina com Senador Feijó. Calçados de A Fidalga e não discuta!!

**LOCUTOR:** E agora, de novo, nas ondas aéreas do éter. No centro do seu Dial, a PRB9 – Rádio Record –, a maior, continua apresentando Isaurinha Garcia – a cantora namorada da cidade. Depois do

gostoso "Se você jurar", de Ismael Silva, ela apresenta do Poeta da Vila, Noel Rosa, "Filosofia".

**ISAURINHA** (*Canta "Filosofia" – parte apenas.*)

(*Ação passa para o Estúdio "2". Estão: João Rubinato (aprox. 35/40 anos) Oswaldo Moles e Maria Amélia. Vão ensaiar programas humorísticos de rádio, novelas e anúncios.*)

**VOZ** (*pode ser o mesmo Locutor do Estúdio "2"*): Atenção, atenção Moles. Alô, Estúdio.

Ensaio – Maria Amélia. Rubinato. Atenção Estúdio 2 – Ensaio.

**MOLES:** Vamos lá, vamos lá, texto, texto. "A casa da Sogra." Pronto, "Zé Cunversa" – Pronto, Maria Amélia. Vamos lá, "Catarina".

**JOÃO:** "Nega, num tô triste, não nega. Num é tristeza não, eu tô é ofendido. Num posso cum esses brancos."

**MOLES** (*Cortando*): Oi, João, destaca o "tô é ofendido". Pega o sentido. Capricha. Você tá com uma voz ruim hoje. Esganiçada, parece taquara rachada. Capricha. Repete.

**JOÃO** (*a parte*): É a danada da garoa, essa minha voz tá mesmo coisa à toa. É o Sereno, Moles, o sereno. Vamo lá. Já tô com o pulmão pleno. "...Num é tristeza, não. Tô é ofendido. Eee, Catarina, num posso mesmo com esses pestes desses brancos..."

**MARIA AMÉLIA/CATARINA:** "Acho, Zé, que nós preto devia arranjar um outro logá pra passear nos domingo..."

**ZÉ/JOÃO:** "Que é isso, nega?! Eles vão querê me enganar que a Rua Direita é só deles. Não, a rua é livre! Eu sô preto, sô brasileiro e

passelo na Rua Direita quando quisé... Me batê ninguém vai..."

**MOLES:** Tá legal. Vamo prô Giusepe Pernaфина. Rápido.

**MULHER DO PERNAFINA:** "Levanta Giusepe. São cinco da matina. Acorda. Levanta Giusepe Pernaфина. Levanta *per laborare*."

**PERNAFINA:** "Eee, Vae mar..." Eu digo – "A vida vae mar. Cinco da matina e ió tenho que levantar. Inda mais com essa dor no amolar direito, não sei se abstraio ele ou faço uma anistia geral..."

**MOLES:** "Vae mar, vae mar," é essa tua voz. Tá enrolada de fumaça. Tá empanada pela cachaça. Larga o "mé", João. Vamos prô Sinésio Trombone. Solta o Dr. Sinésio Trombone.

**SINÉSIO TROMBONE:** V. Exa., Dr. Governador, chegou num momento intramuscular propedéutico impróprio. Porque dentro da congeminência hiperbólica posso afirmar que este não é um ambiente popular filarmônico e holocáustico... Tenho dito!

**JOÃO:** Num tá dando... A voz tá muito ruim. Eein, Moles, vô mandá uns goles.

*(O tom de Moles é muito amigável. O relacionamento entre os dois é mais que fraternal.)*

**MOLES:** Tá bom. Chega de conversa, seu Zé. Vê se se afina, o Pernaфина, pára de botá a boca no trombone, seu Sinésio. Exercício de dicção. Método do João.

*(Moles abre a porta e chama.)*

**MOLES:** Ó, garoto, garoto, por favor... *(Entra Vassourinha. É negro, aprox. 17 anos. Uniforme vermelho berrante, quepi tb. Vermelho e dourado, com*

*galões. Parece o menino da propaganda, na época, da Cera Parquetina. Um boy de Hotel super luxo.)*

**GAROTO (cantando):** "Varre, varre, vassourinha

Varre, varre, vassourinha..."

**MOLES:** Boa, boa, Vassourinha, trouxe as pedrinha?

**VASSOURINHA:** As pedrinha, o balde de latinha, o gelo e a garrafinha... "Varre, varre, vassourinha..."

*(Vassourinha canta e às vezes tosse, acompanha-se com uma vassoura. Ele põe as pedras na mesa. E pratica o "Jogo das Pedrinhas.")*

**MARIA AMÉLIA:** Vamos preparar o anúncio do bonde, do reboque, do bondinho, do bondão, do bonde camarão.

**MOLES:** Bestial, veio mesmo a jeito esse anúncio. Vai ajudar os dois aqui que tem coisa no peito. Faz leitura branca, neutrinha primeiro, pra gente pegar bem o sentido...

*(Moles bate na garrafa fazendo prefixo musical. Imita "blim-blim" de corda de bonde pedindo para parar no próximo ponto.)*

**MOLES:** Vamos criar clima. Tá chegando o ponto. "Blim-blim-blim". Vamos descer, João, Ponto da Aclimação.

**AMÉLIA:** "Veja, ilustre passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado, e, no entanto, acredite, quase morreu de bronquite. Salvou-o (ooo), Rhum, creosotado!"

*(Vassourinha – Tosse fingida. Cantando.)*

**VASSOURINHA:** "...Veja, ilustre, passageiro, o belo..."

**MOLES:** Vamos, João. Vamos.

**JOÃO:** "Veja, ilustre passageiro, o belo tipo faceiro..."

*(Hesita.)*

**MOLES:** Vamos pro exercício, põe as pedrinha na boca  
Abre bem esse orifício...  
Vai, agora, João, vai.

*(João põe – com certo asco – as pedras na boca.)*

**JOÃO:** "...Que o Sr. tem a seu lado e no entanto acredite, quase morreu de bronquite..."

*(João engasga.)*

**JOÃO:** Puta que pariu... Pó, Osvaldo. Isso é pedra pra cachorro. Prefiro subi o morro. Vamu pelo meu método, pode sê?

**AMÉLIA:** Deixa ele tentá, vamos ver no que é que dá.

**MOLES:** Bestial. Legal. Aula de dicção. Método do João. Primeira lição.  
*(João pega as pedras, ameaça jogar com elas. Põe de lado. Pega a garrafa. Separa o balde de gelo.)*

**JOÃO:** Pra alisá a garganta. Pra rouquidão espantá. *(Tomé.)*  
Uma colhê de bom mé. E em veis das pedras verdadeira, que engasga até tornera, esta pedrinha de gelo, que é boa até pra camelo.

*(João toma um bom gole. Pega pedras de gelo e põe na boca.)*

**JOÃO:** "...Salvou – oooo, Rhum creosotado...  
E no entanto acredite..."

*(João engasga de novo.)*

**JOÃO:** Bruta bestia. Engoli o gelo... Me arripio todo pêlo... Preciso de ajuda. Num consegui pegá sentido.

**AMÉLIA:** A síntese, busque o poder de síntese...

**JOÃO:** Que síntese... Sei lá o que é isso?!  
Passa o mé. Chama o Cheaquespeare que ele me dá mais fé.

*(Moles faz com a cabeça que sim.)*

**VASSOURINHA:** O, seu Cheaquespeare, o seu "Chasque", seu "Chasque". Tão chamando aqui no Estúdio "2".

**AMÉLIA:** Sheakespeare. Ei, Wilian.  
*(Entra Wilian Sheakespeare Cury, barbeiro. Com avental. Tesoura na mão. Vem cantando e fazendo acompanhamento com a tesoura.)*

**WILIAN S. CURY:** Barba. Cabelo. Bigode, Costeleta. Aparado. Estilo Ramon Pernetá. Barba. Cabelo. Bigode. Costeleta.

*(Wilian com sua tigela de sabão e pincel ensaboa o rosto de Moles e canta "Feliz Natal".)*

**JOÃO:** Larga a tesoura, "Chasque",  
Deixa a navalha.

Agora cê vai voá mais que gralha  
Nóis tamu jogando a toalha  
Precisamo do seu socorro – minha Voz  
tá que é um esporro.

Se põe na pista. Esquece o barbero.  
Mostra o artista.

**WILIAN S. CURY:** Sou barbero de profissão, mas mestre de ator por vocação.

Meu nome – no teatro – já é um tesão:  
– Wilian Sheakespeare Cury  
Sou filho da Ofélia Cury  
A Madame Cury. Ela já fez a "Julieta".  
Primeira atriz do Grupo Filodramático  
de Valinhos

Por ela fui batizado assim  
Sonho com o mar, com a flor e o jardim  
Mas, se preciso for, viro guerreiro,  
mascate, padre e até alfaiate.

**MOLES:** O João tá mal. Com a voz grossa, nasal...

**WILIAN S. CURY:** De acordo com a ciência: mosquito não pode voar, mas voa.

O João não tem panca de ator, mas tem muito amor.

Deve ir devagar. Tico-tico se treinar, eu sei – pode virar Condor-Rei.

Agora todo mundo:  
Primeiro as vogais: A - E - I - O -  
UUUUUUUUU.

Vamos devagar: A... Uuuuu... Sejam  
guturais: as vogais.

**TODOS:** A - E - I - O - U...

**WILIAN S. CURY:** Agora vamos mudar:  
no lugar de "O", vamos inverter  
por "U" assim: A - E - I - "U" - O ...  
(*Ensina a música do A - E - I - U - O ,  
Todos ficam ensaiando.*)

**JOÃO:** Ei, pessoal, tá legal. O ensaio já  
tá legal...

(*João pega a caixa de fósforos. Canta  
trechos de "Saudosa Maloca".*

*Devagar entra Isaurinha Garcia, logo  
Vassourinha, depois Moles, Amélia e  
Willian S. Cury Cantam*

*acompanhando-se de caixa de  
fósforos, batidas de colher no copo e  
garrafa, sons de tesoura e dançam  
coreografando-se com vassoura etc...*

*Música vai lentamente, em coro,  
sumindo. Todos se aplaudem.)*

**VASSOURINHA:** Mas tem um porém...

**MOLES:** Que porém. Essa música é  
perfeita. É de dizer "amém"!

**ISAURA:** É São Paulo. É nossa. É pura  
bossa.

**VASSOURINHA:** Mas tem um porém...

**AMÉLIA:** Diz, Vassourinha, então que é  
que tem?

**VASSOURINHA:** Mas tem um porém...

**WILIAN S. CURY:** Quem pode botar  
defeito nessa letra? Ninguém.

**VASSOURINHA:** Tem mesmo um porém.

Eee, João, cê vai assiná como?  
Como João Rubinato? Num dá  
samba, num é nome de sambista.  
Num dá samba no pé. A melodia  
é boa. É daquela, mas com esse  
nome, some na passarela.

**ISAURINHA:** Vassourinha tá com a razão,  
se assinar assim, a música derrapa  
na contra mão.

**VASSOURINHA:** Com esse tal de  
Rubinato Bicarbonato, o samba  
fica mais furado que tamborim em  
manhã de quarta-feira de cinza.

**MOLES:** É bom mudar de nome. Buscar  
um codinome. Um apelido de  
sambista.

**VASSOURINHA:** Nome crioulo, de guerra,  
cum cheiro de terra.

**AMÉLIA:** Vamos fazer eleição. Escolher  
por votação.

**JOÃO:** Eu tenho uma preferência:  
Que o nome seja Moles, do irmão aqui  
presente

Que me ensinô tudo. Pra mim e pra  
toda gente.

**TODOS:** Apoiado. Apoiado, sem favor.  
Nome pra adotar. Moles vai ficar.  
Isso é que é nome de autor.

**MOLES:** Não dá pé. Fica muito puxa  
saco. Agradeço. Tem que ser mais  
popular. Pra pegar.

**WILIAN S. CURY:** Que tal Getúlio Vargas...?

**TODOS:** Uuuuuuuuuuu.

**AMÉLIA:** Winston Churchill?

**VASSOURINHA:** Churchi, Churchi...?

**TODOS:** Uuuuu...

**MOLES:** Luis Carlos Prestes...?

**TODOS:** Chiiiiiu, chiiiiiu, chiuuu...

**VASSOURINHA:** Leonidas da Silva?

**ISAURINHA:** Francisco Alves?

**AMÉLIA:** Vicente Leporace?

**MOLES:** Paulo Gracindo? Procópio?  
Jaime Costa?

**AMÉLIA:** Chico Landi? Ademir Menezes?

**JOÃO:** Posso opinar?

**WILIAN S. CURY:** Silêncio. João vai falar.

**JOÃO:** Tenho um amigo, um irmão,  
desses de rachá cigarro quebra  
peito.

De dividi ordenado. Lado a lado de  
qualquer jeito.

Da noite, da boemia, mas também do  
dia-a-dia.

Ceis cunhece é o Alves, Adoniran

Alves...

**TODOS:** Adoniran!?

**JOÃO:** Adoniran!

Funciona na Avenida e no Arakan!

**WILIAN S. CURY:** Por mim tá aprovado.

**TODOS:** Tá votado. Tá aprovado.

**VASSOURINHA:** E o outro? O sobrenome.

Tem que sê de crioulo.

Que junte o Bixiga co' a Casa Verde

qui mostre o povo desfilando como

uma orquestra.

**JOÃO:** Qui toque chapéu de palha.

Nome di gente e num di tralha.

Que cante samba.

E fale samba.

"Barbosa", minha homenagem pró Luiz

Barbosa

Sambista de oro, cantor da rua.

Verdade nua e crua.

Meu "liga". Cara de fazê figa.

Barbosa mais Adoniran:

Adoniran Barbosa

Com Adoniran Barbosa quem é que

me goza?

**TODOS:** Adoniran Barbosa!

**ISAURINHA** (*canta música*): Nasceu um sambista

Por votação popular,

por popular votação.

Um sambista nasceu.

A gente sente. A gente sente.

Receba nosso presente: aqui tá meu.

(*Entrega uma garrafa.*)

**TODOS:** Nasceu um sambista... Um sambista nasceu.

(*Todos dão presentes: copo, tesoura,*

*violão, vassoura, livro, caixa de*

*fósforos... Música "Nasceu um*

*Sambista" funde com "Saudosa*

*Maloca".*)

**TODOS** (*cantam*): "Saudosa Maloca."

#### CENA IV

(*Varanda da Matilde. É alta*

*madrugada, Adoniran chega em casa. Esqueceu a chave. A casa é um sobradinho. Na frente, em cima, uma varanda. Tipo sacada. Matilde - mulher de Adoniran - dorme no quarto com ligação para a sacada. Da varanda para o chão desce um varal de roupas em declive, embandeirando o lugar. Adoniran está com "Peteleco", vira latas típico, no colo. Peteleco é um cão novo, filhote ainda.)*

**MÚSICA** (*Adoniran*): "Joga a chave, meu bem. Aqui fora tá frio demais. Cheguei tarde, perturbei teu sono, amanhã eu não perturbo mais. Joga a chave, meu..."

(*Adoniran e Peteleco cantam.*

*Peteleco "carinhosamente", ladra delicadamente no ritmo da melodia.)*

**ADONIRAN:** "Joga a chave, meu bem..."

Olha que luar, querida.

Num me deixa gelá aqui na avenida.

Joga a chave, meu bem.

Me ajoelho, te digo amém."

(*Adoniran está levemente tocado.*

*Matilde é parecidíssima com Lili, a cantora de "Caminito", de Jundiaí.*

*Matilde surge na sacada, fazendo silhueta com lua cheia.)*

**MATILDE:** Nanannana... Tistisisi... Tsitsi...

**ADONIRAN:** "Tem pena, Matilde, tem pena de mim... Não me condena..."

Hoje é noite de S. João: tem quentão, tem balão.

Tem frio de matar cão. Deixa eu entrá.

Joga a chave. Isso é o fim, vô virá

pingüim, joga a chave, meu bem.

**MATILDE:** Tsitsiu... Nanannana...

**ADONIRAN:** Trouxe uma surpresa. Coisa linda, uma beleza.

Presente do Moles, aquele gente fina.

Um bicho lindo de morré: bonito de ser aplaudido daqui até a esquina.

**ADONIRAN:** É um cachorrinho

malhado, preto e branquinho.  
Óia, qui fucinho, molhado, geladinho.  
Tá sempre com o rabo em pé, alegre  
rebola co'a cauda qui nem  
mulhé.

Ele vai subindo. Vai se apresentá. Inda  
num tem nome. Você é que vai  
dá. Você vai ele batizá.

Já e já.

*(Adoniran faz Peteleco subir até Matilde  
pelo varal de roupas.)*

**ADONIRAN:** "Joga a chave, meu  
bem..."

*(Peteleco chega até Matilde.)*

**MATILDE:** Que bicho mais feio, vira-lata  
de raça, desses de não escolhe  
poste na praça. Me subornando  
com um cão desses,

Adoniran, quem você me julga  
peste ainda tá cheio de pulga.

*(Matilde faz Peteleco descer pelo varal  
até Adoniran.)*

**ADONIRAN:** Mas que loucura, você  
nunca foi de fazer frescura

Qui pulga, pó: dei banho nele  
agorinha, tá cherozinho, de talco  
de lavanda, dexa ele ficá ai na  
varanda. Ele seca na toalha do  
vento.

Ele sobe pelo varal e eu pela escada,  
já tô aí, logo na sacada.

"Joga a chave, meu bem..."

*(Adoniran faz Peteleco subir. Matilde  
toma Peteleco nos braços.)*

**MATILDE** *(sem convicção):* Nananana...

**ADONIRAN:** Eu num tava na boemia,  
trabalhei todo o dia.

Juro por Deus. Faço os dedos em cruz.  
Se estô mentindo quero virá  
avestruz.

**MATILDE:** Cuidado.

**ADONIRAN:** Eu já te disse eu já te  
contei.

Eu num nasci com o bumbum pra lua,  
mas pras estrela, nasci com ele

virado pro cometa Haley. Falei.  
Seja boazinha, dexa entrá o seu  
boneco?

**MATILDE:** Cê merecia é um bom  
peteleco.

**ADONIRAN:** Peteleco!!!! Achô. Peteleco  
é o nome pra ele.

Peteleco das candonga. O nosso  
cachorrinho pra guardá e pra  
carinho.

Dexa eu subi, meu bem. O bichinho  
tem medo de bombinha, se  
espanta até com estrelinha. Iii,  
escuta o rojão, vai matar o  
peteleco do coração. Tá  
assustado, Peteleco? Tá  
assustadinho?

**PETELECO** *(na melodia de "Joga chave,  
meu bem", uiva):* Uuuuuuuuu...

**ADONIRAN:** Tem dó dele.

Manja só, Matilde, esta noite vim a  
carate, todo na estica de gravata  
psicodélica em cima do coração  
e presente do Moles na mão.

Joga a chave, meu bem, que eu te  
canto a música que eu e o  
Peteleco fizemo pra você. A  
primeira de uma longa parceria.  
Do Peteleco e mia.

*(Matilde joga a chave.)*

**ADONIRAN:** Pra você que me lembra a  
Lili, lá de Jundiáí.

Prá você que é quentura no sereno.  
Qui é remendo de lua na noite escura  
Qui é barco correndo na onda da  
aventura e porto seguro na hora  
de abertura

Toma a minha aliança.

Qui tem mais que oro na platina  
Feita com carinho  
tirada da corda do meu cavaquinho.

**MÚSICA:** "Com a corda "mi" do meu  
cavaquinho

Fiz uma aliança pra ela. Prova de  
carinho..."

(Adoniran pega a chave e vai subindo...)

## CENA V

(São Paulo, possivelmente 1968. Plano 2 . Escritório da Rádio. Mesa, duas cartolas, uma alta e outra baixa no porta-chapéus. O Dr. Saulo atende Wilson Cavalcante. Plano 1. Sala de espera. Na porta que dá para o escritório, uma espécie de semáforo, com luzes vermelha, amarela e verde. Dona Aristodema La Fonte Yale escreve à máquina. Entram Adoniran, Moles, Isaurinha, Willian S. Cury e Vassourinha. Cantam.)

**MÚSICA:** "Tocar na banda. Cantar na rádio. Pra ganhar o quê? Duas mariola e um cigarro Yolanda."

**ADONIRAN:** Dona Aristodema La Fonte Yale, aqui estamos; Moles, eu, Sheakespeare, a Isaurinha, mais o Vassourinha pra dizer coisa que vale.

Vimos boquejar, em nome de todos funcionários do estúdio, da faxina e até do escritório. Não seja dura. Abra a fechadura.

Queremos com o Dr. Saulo falá, logo, já e já.

**MÚSICA:** "Tocar na banda. Cantar na Rádio..."

**D. ARISTODEMA:** Vão ter que cooperar um instante. O Dr. Saulo, o Dr. Saulinho, está atendendo o Wilson Cavalcante.

**VASSOURINHA:** Deixa pra lá, Dona Aristodema. Isso é cantada de siriema.

**MOLES:** Esta é nossa comissão...

**WILIAN S. CURY:** Escolhida em geral reunião.

**ISAUURINHA:** É coisa importante. Muito mais que esse Cavalcante. Vai lá,

avise o "Dr. Saulinho". É coisa pequena, um pulinho.

**D. ARISTODEMA:** "Não vai dar, não vai dar." Já, não vai dar. Vocês não marcaram audiência. Tenham paciência! Vejam a luz na porta: vermelho. Passagem proibida. É claro como um espelho. Logo vem o amarelo: atenção! Quando chegar o verde, pode então entrar toda a comissão. Por favor, tenham um pouco de educação. Sentem-se, por obséquio, leiam uma revista. Logo acaba a entrevista. E essa ilustre comissão pode falar o patrão.

(Plano 2. O Dr. Saulo está sentado. Wilson Cavalcante está falando. As falas de Wilson tem um melodia tipo ié ié. Talvez no ritmo de "Eu te amo, meu Brasil". As falas do Dr. Saulinho saem no tom da ária "El Trovador", da ópera "Carmem".)

**WILSON:** ...Estes são os novos tempos, mudados, avançados. Tempos de hierarquia, época de gente fina, de pensar lá encima. Momento de milagre. Muita coisa mudou, foi para o vinagre. De milagre à brasileira. Para o país levantar a viseira. Contemplar o futuro, altaneiro, verde-amarelo, brasileiro.

**SAULO:** Cavalcante, tempo é dinheiro. Mostra o teu plano, Cavalcante. Essa sua delonga é irritante. - "El domador... Tra la lá..."

**WILSON:** Pois, não, vamos rápidos ao tema, nos termos da audiência que solicitei a D. Aristodema...

(Saulo levanta-se. Assume uma pose Napoleônica. Um braço atrás, outro, à frente com a mão enfiada na barriga.)

**WILSON:** ...Urge mudar nossa programação. Falar alto e bom som. Erguer o peito, levantar a

viseira. Saber que, agora a Pátria tem quatro estrelas na divisa. Caminhar com esse novo tempo geral. Estrada de general. E como você sabe...

**SAULO:** Você!? O quê? Sabe com quem está falando? Você o quê?

**WILSON:** Perdão, senhor. Desculpe, doutor. Foi um lapso, excelência. Não vai mais se repetir, eminência. Não tive a menor maldade. Posso continuar, Santidade?

**SAULO:** El domador... Tra la lá... Por esta vez, desculpo esse seu malfadado instante.

**WILSON:** Obrigado, Comandante, mas penso, creio, acho... Acho que os meios de comunicação estão defasados, atrasados. Urge modernizar, avançar. Seguir o novo lema. Fazer a rádio erguer a antena. Não mais marcar passo. Girar ao novo compasso.

**SAULO:** "El domador..." Já li seu projeto. Me pareceu bom, direto. Mas, para modernizar, mecanizar, temos que pessoal cortar. Muita gente na rua colocar.

E ter que indenizar. E na justiça do Trabalho - caralho - muito dinheiro vai rolar.

**WILSON:** Existe a "Justa Causa". Com "justa causa", nenhuma indenização. Confio nas Juntas de Conciliação. Preparei um dossiê, com ajuda de entendidos no metiê. O Moles...

**SAULO:** O Moles é um redator. Nosso melhor escritor.

**WILSON:** O Moles está na lista. Ele e sua turma estão na lista. É um agitador, socialista. Com base nessa lista, pomos eles correndo na pista. Sem pagar um tostão.

Chutamos toda essa gente, com uma mão atrás e outra na frente.

**SAULO:** Sr. Wilson Cavalcante, não temos, nesta rádio, pássaro que melhor cante.

Tome esta cartola. Você merece. É o melhor aluno da nossa escola.

*(Cavalcante sai colocando orgulhosamente a pequena cartola na cabeça.)*

**SAULO:** "El domador..."

*(Saulo coloca a cartola grande na cabeça. Plano 1. Acende luz amarela, logo a seguir a verde.)*

**ARISTODEMA:** Pronto, a luz verde acaba de acender. Dr. Saulo, a comissão, já vai receber.

**VASSOURINHA:** Pó, inda bem. Já tava a me enchê.

**ARISTODEMA:** Mas veio uma norma, última forma: pode entrar toda a comissão, menos um.

**ISAURINHA:** Dona Aristodema, me diga, que tipo é esse de intriga?

**ARISTODEMA:** Cumpro ordens, não discuto.

**VASSOURINHA:** Quem deu essa ordi? Quem foi esse puto?

**ARISTODEMA:** Foi ordem fechada. Lacrada. Ao Sr. Osvaldo Moles está proibida a entrada.

**ISAURINHA:** Eu já sabia e eu não sou bidu.

**VASSOURINHA:** Ela quer é que vá levá no bumbu.

**ADONIRAN:** Estava otis demais. O entra tudo, o não entra nenhum.

**WILIAN S. CURY:** Não tem papo, não. Ou entra toda a comissão ou a gente passa o dia aqui sentado no chão.

**MOLES:** Vamos devagar, pessoal. O negócio é comigo. Não quero atrapalhar.

Vocês sabem o que falar. Vamos

entrando. Quem tem a verdade, não cala. Vamos entrando, eu espero aqui na sala.

*(Plano 1. Entram todos, menos Moles.)*

**SAULO:** Então, amigos? Que é isso, companheiros? Algum problema? Falem, falem, que ninguém tema.

**WILIAN S. CURY:** Esta comissão, Dr. Saulo, foi escolhida para tratar de falhas na rádio, que já tem vida comprida. O banheiro está imundo.

**VASSOURINHA:** Sobra sujeira pra todo mundo.

**ADONIRAN:** No estúdio I quebrô a viga mestra.

**ISAURINHA:** Ninguém recebe hora extra.

**WILIAN S. CURY:** O Moles foi pra reserva tirado do microfone.

**VASSOURINHA:** Pusero ele pra atende telefone.

**ISAURINHA:** Não vejo mais meu nome na escala.

**ADONIRAN:** Logo agora que ela tá cantando in ponto de bala.

**WILIAN S. CURY:** O Adoniran pediu um aumento. Coisa pequena, dentro do orçamento. E o Sr. Saulo disse que tinha que falar com o seu pai...

**VASSOURINHA:** Uaiiii!

**WILIAN S. CURY:** Alegou que ele chegava atrasado, que não marcava ponto. Que tinha é que até ter desconto.

**ADONIRAN, ISAURINHA E VASSOURINHA**  
*(música):* "É que nesta rádio as hora vareia. Num relógio é quetro e vinte, notro é quetro e meia. É que nesta..."

**SAULO:** "El domador..."

**WILIAN S. CURY:** O Dr. disse que ia estudar o caso. Que ele voltasse na segunda-feira. Tá esperando há mais de seis semanas inteiras.

**ADONIRAN:** I eu aqui nas mia agrura. E ele estudando... Estudando... Até os dia das formatura.

**SAULO:** "El domador..." A diretoria está pensando. Analisando. Estudando. Item por item. Alguma coisa, talvez a Diretoria possa aceitar. Vamos pensar, estudar. Prometo uma análise de ponta. Voltem na segunda-feira que ela vai estar pronta.

**WILIAN S. CURY:** Então não tem mesmo jeito.

**VASSOURINHA:** Vamos logo metê os peito.

**SAULO:** "El domador..." Exijo respeito. Isso não está dando mais pé. Estão falando com homem e não com mulher. Vocês jogaram mal. Acabou o carnaval. "Seu" Vassourinha está de favor. Não tem contrato. Fique bonzinho que eu te dou outro par de sapato. O Rubinato, vulgo Adoniran, e a nossa querida Isaurinha passam as noites no bar da esquina da Consolação, se emborrachando e chegam - de manhã - no trabalho caindo de cansados... E você, seu barbeiro, não é funcionário, não. A rádio apenas te empresta o salão. E na navalha nem tem boa mão. Ainda ontem quase corta a garganta do Cavalcante e sempre vem com esse tom arrogante. Não tem acordo algum. Vão falar com o Moles lá no portão. Aprendam com ele a lição. Não recebo mais ninguém, não dou mais um vintém. "El domador..."

**WILIAN S. CURY:** Vamos embora. Vamos prá praça.

Música: "Tocar na banda. Cantar na rádio. Pra ganhar o quê?"

Duas mariola e um cigarro Yolanda.”  
(*Emendam em outra música.*)  
Mulher, patrão e cabeça  
Em qualquer parte se acha...”  
(*Cantam apenas a parte final dessa música. No início, normalmente, depois com ironia – e duros ao final.*)

## CENA VI

(*Sede do Barbosinha F. C., localizada no Glicério. É um time de várzea bem popular. Nasceu para homenagear Adoniran Barbosa, pelo seu sucesso como intérprete de programas humorísticos de rádio. Cenário: escudo do clube, com o nome bem visível; taças, fotos, flâmulas, quadro negro. Adoniran assobia tentando compor uma música em honra ao Corinthians Paulista. Vassourinha acompanha batucando numa taça.*)

**ADONIRAN:** “... Corintia, Corintia, meu amor é o timão. Corintia, cada minuto dentro do meu coração... Belém, Vila Maria, Mooca...”

(*Adoniran empaca como se a inspiração lhe fugisse.*)

**VASSOURINHA:** Tá bom, tá otis, num pára não. Vamu lá. “...Belém, Vila Maria, Mooca...”

**ADONIRAN:** “Belém, Vila Maria, Mooca. É São Paulo extensão. Mogi, Guarulhos, Itaquera. Tudo vibra, Coringão. É o Corintia de nós tudo, é paulista, é campeão”.

**ADONIRAN e VASSOURINHA:** “Corintia, meu amor é o timão...”

(*Escuta-se vindo fora, da rua, uma melodia, cantada em surdina. É “A Internacional” entoada pela multidão que passa em silhueta. Pela janela vê-se o povo caminhando.*)

**VOZES:** De norte a sul. De leste a oeste, o Brasil todo grita: Luís Carlos

Prestes! (*Bis.*)

(*Osvaldo Moles passa junto com a multidão.*)

**1º POPULAR:** Vem gente, vem todo mundo. Vamos sair do buraco. Vamos sair do fundo. Já somos mais de 20 mil. Vamos caminhar com o Brasil.

**MOLES:** Ei Adoniran, ei, Vassourinha, vocês aí no clube. Vem pra rua. Aqui é que é a tua. Vem prá cá.

**2º POPULAR:** Vem, vem engrossar a passeata. Nós somos gente e não sucata.

Vem irmão da favela, companheiro da fábrica, da escola.

Vem amigo do samba, da bola.

**1º POPULAR:** Vamos pro comício do Anhangabaú, eu, você, tu. Vamos pro vale do povo. É hora de apostar no novo.

**MOLES:** Ei, Vassourinha, Adoniran, ôôô, Rubinato, vem amigo, vem comigo.

**VOZES:** De norte a sul, de leste a oeste. O Brasil todo grita: Luís Carlos Prestes!

(*Adoniran e Vassourinha chegam à janela. Pausa – hesitam – pausa. Voltam lentamente para o centro da sede.*)

**ADONIRAN:** “... Tudo vibra...”

**VASSOURINHA:** “Tudo vibra, Coringão...”

**ADONIRAN e VASSOURINHA:** Tudo vibra, Coringão. É o Corintia de nós tudo, é Paulista, é campeão...

(*Vassourinha dá um breque com uma batida mais forte na taça. Muda de música.*)

**VASSOURINHA:** “Gol, gol de Baltasar, salta o cabecinha: um a zero no placar.

Um a zero no placar...”

**ADONIRAN:** Puta linha, hein? Cláudio, Luisinho, Baltasar, Carbone e Mário.

**VASSOURINHA:** Qui Mário, pó!? Carbone e Sousinha, tá? A linha dos cem gols. Foi co' crioulo Sousinha qui nós chegamo lá campeão do 4º Centenário. O Ataque de ouro, a linha da chuva di estrela. O Timão do seu Brandão.

**ADONIRAN:** Tá legal, dexa o Sousinha, sinão daqui a pouco cê vai querê tirá o Idário e botá o Julião, né caralho? Dexa pra lá.

*(Pausa.)*

**VASSOURINHA:** Si fosse por mim, nós nunca teria perdido pru Uruguai lá no Maraca... Si eu fosse o técnico... Si eu fosse o técnico...

*(Vassourinha sonha.)*

**ADONIRAN:** Que tu ia fazê, Vassourinha? Tu tá meio doidão. Que qui tu ia fazê? Quebrá o Obdulio? Dá um fogo no Gighia, na concentração dos homi?

**VASSOURINHA:** Si eu fosse técnico e não aquela besta do Flávio Costa, aquele "alicate" de merda... Si fosse o técnico... eu tirava o Chico, metia o Friaça na esquerda e punhava o Cláudio na ponta direita. Aí é qui os gringo iam vê... Si eu fosse o técnico... Eu...

*(Entra Elisa, a lavadeira do Barbosinha e torcedora do Corinthians. Traz as camisas do time.)*

**ELISA:** Na hora matinar em qui os mimoso colibri volatiza, eu vejo as lavadera nus quintar passando anir nas camisa. São as camisa dos times do mimoso colibri..."

**VASSOURINHA:** Saravá, mãe. Cumu é qui tão as camisa?

**ELISA:** Saravá, meu filho. Tão aqui as onze, mais as du reserva. Bunitinha, limpinha e a do golero, engomadinha. Iguar as do

Corintia, sem tirá nem pô. Preta e branca numas parte e um pingão vermeio de sangue encima du coração.

**ADONIRAN:** "No meio do povo, Elisa..."

**VASSOURINHA:** "...Agita a bandeira..."

**ADONIRAN e VASSOURINHA:** "...Bandera qui é preta, bandera qui é branca. Du homi qui é preto, du homi que é branco..."

**ELISA:** "A bola correndo..."

**ADONIRAN e VASSOURINHA:** "...A bola correndo, Elisa em silêncio, quieta a sofrer. Seu time a perder, seu time a perder..."

**ADONIRAN, VASSOURINHA e ELISA:**

"...No estádio deserto, Elisa enrola a bandera sozinha a chorar, jornal velho no vento a voar..."

*(Entra Wilian S. Cury e já vai participando do coro.)*

**ADONIRAN, VASSOURINHA, ELISA e**

**WILIAN S. CURY:** "...A bola correndo, Elisa a sonhar, seu time a ganhar, Elisa a sonhar com o povo vivendo sem ninguém para pisar, querendo falá, sem ninguém pra pisá. Podendo cantar, querendo amar. Podendo amar!"

*(Pausa.)*

**WILIAN S. CURY:** Tá aqui o ofício do "Ameriquinha", dirigido à diretoria do Barbosinha F. C. confirmando o jogo com a gente.

**VASSOURINHA:** Vão levá o maior ferro, esses demente.

**WILIAN S. CURY:** Tudo acertado: domingo, às onze horas, no campo dos "Demônios da Garoa Esporte Clube", domingo de manhã, lá no bairro do Butantã.

**ADONIRAN:** Primeiro e segundo time, tudo combinado?

**WILIAN S. CURY:** O ofício veio até selado. Em nome dos diretores do

América Society Cloeebe.  
(*Willian S. Cury mostra o ofício.*)

**VASSOURINHA:** “Cloeebe”, isso é time ou é óleo essoleebe?

**ELISA:** A mãe do “fucinho” mandô recado: o moleque tá machucado. Na entrega da carne, o garoto trombô a bicicleta. Tá cum dois dedo quebrado.

**ESTUDANTES:** Chiii, tamu ferrado.

**ADONIRAN:** Logo o fucinho... Num dá pra ele joga um pouco, enganá...?

**ELISA:** Tá cum dois dedo quebrado! Que cê vai querê? Arrebentá mais o coitado?

**WILIAN S. CURY:** Não tem problema. Jogamos noutro esquema.

**VASSOURINHA:** Vamu lá, fala nosso técnico de condição, dá a escalação. Mostra as ficha que cê tem na mão.

**ADONIRAN:** Dá escala, chasque, manda bala.

**WILIAN S. CURY:** Em baixo das traves, o zuzo, nosso goleiro.

(*Willian S. Cury vai escrevendo os nomes dos jogadores no quadro negro.*)

**ADONIRAN:** É bom, pega bem e num é frangueiro.

**WILIAN S. CURY:** E de beques vão o Zé Sapo intanho e o Flávio rato branco.

**VASSOURINHA:** Pô, isso num time, é zoológico.

**WILIAN S. CURY:** E de alfos: o Cavera, o Chico Buça e o Zé Cabaço.

**VASSOURINHA:** Agora virô firme de terror. Isso num é quadro de muleque, é fita de sacanage.

**ADONIRAN:** Me parece meio bobage... O Zé Cabaço nessa posição? Esse menino é muito novo, num tem experiência.

**VASSOURINHA:** Ô, chasque, tenha dó. Co’ cabaço aí, nós fica sem penetração.

**ADONIRAN:** Ele tem poca idade. O time fica sem lançador, sem jogada de profundidade.

**WILIAN S. CURY:** Quem é o técnico aqui? Sou eu ou não sou? Então escala você, Adoniran, que é o diretor.

**ADONIRAN:** Vamu devagar, chasque, num vamú brigá, dexa o cabaço ficá. Vai vê qui cê tem razão. Com ele a defesa fica mais dura, ninguém vai passá...

**WILIAN S. CURY:** E na linha o charutinho, na direita; nas meias o China, o índio, e de centro-avante, o Alocin...

**VASSOURINHA:** Alocin!? Qui Alocin, cacete?

**ADONIRAN:** O Nicola: é bom de bola. Ele gosta de ser chamado assim. Di Alocin. Alocin é Nicola na língua do detrais pra frente, tá? O garoto é ajudante de pastelero: Gasômetro. Chuta bem cos dois pé, abaxa a meia e num tem medo de cara feia.

**VASSOURINHA:** É aquele que marcô um gol de chapelera contra o “Aristocrata”?

**ADONIRAN:** Esse aí, é um menino de prata!

**WILIAN S. CURY:** E na ponta esquerda, o Tião Marques.

**ADONIRAN:** Prefiro o Tatu Salém.

**ELISA:** Esse Marques é gente fina, bate farta cum efeito, ela vai di quina.

**WILIAN S. CURY:** O Marques é indicação do Moles, pô, teu amigo, parceiro de samba. Ele garante que o moleque é bamba.

**VASSOURINHA:** Nu nosso time num tem qui tê proteção...

**ADONIRAN:** Tá bão, tá bão. Chasque, repete a escalação.

**WILIAN S. CURY:** Zuzo, Zé Sapo, Intanho e Flávio Rato Branco. Cavera, Chico Buça e Zé Cabaço. Charutinho, China, Alocin, Índio e Tião Marques. Eles vêm de técnico novo...

**VASSOURINHA:** Um qui veio lá das estranja?

**WILIAN S. CURY:** É um que mora no palacete da rua Estados Unidos, acima da avenida Brasil.

**ELISA:** Já ouvi falá. É o tar de Gringo Bir.

**VASSOURINHA:** Cum ele o "Ameriquinha" vai é pra puta qui pariu.

**WILIAN S. CURY:** Ele tem uma tática nova...

**VASSOURINHA:** Nova? Nova uma ova. Jogam feio pra xuxu. Eles usa o tar de "MW" (*Eme Dábriu.*) Uma técnica estrangeira. Tudo bestera. O jogo deles é quadradinho paca. Amarradinho, iguarzinho.

**WILIAN S. CURY:** O esquema deles é repetitivo, não tem poder criativo.

**ADONIRAN:** E quem vai apitá?

**WILIAN S. CURY:** Aceitei o Wilson Cavalcante.

**ELISA:** Aquele fio dum elefante?

**WILIAN S. CURY:** É ele que oferece a taça pra disputa.

**VASSOURINHA:** É um bom filho da puta!

**ADONIRAN:** Dixa ele apitá. Pode até irradiá. Num vai tê peito de fazê treta. Time bom num tem medo di careta.

**VASSOURINHA:** Por via das dúvida, mãe Elisa tá aí. Um bom trabalho nos nosso uniforme e tudo fica nos conforme.

**ADONIRAN:** Nem vai precisá.

**VASSOURINHA:** Ninguém qué pros homi nenhum marvadeza. Um banho de limpeza e nós evita qua qué

safadeza.

*(Vassourinha bate no atabaque. Som subindo devagar. Ponto de candomblé.)*

**MÚSICA:** *(Num raio de luz surge uma divindade do candomblé. Todos dançam e cantam... Bandeiras do Corinthians e do BFC.)*

## CENA VII

*(Campo típico de modesto clube da várzea. Bairro do Butantã. Cenário: dois tamboretas. O locutor Wilson Cavalcante quando falar irradiando estará num deles, quando apitar como juiz, saltará para outro e vice-versa.)*

**WILSON CAVALCANTE:** Amigos ouvintes, abrem-se as cortinas e começa o espetáculo. Manhã linda, sol radiante, firmamento azul, para o jogo nenhum obstáculo. Dentro de instantes, na voz deste que voz fala – Wilson Cavalcante –, o WSC, o locutor das elites, o início da sensacional peleja: o "América Society Clube", Campeão dos Jardins, versus o "Barbosinha Futebol Clube", da Várzea do Glicério. Jogo aberto, franco sem nenhum mistério. Já em campo sua Excelência, o juiz, com seu apito de silvo comprido, sempre imparcial para tranqüilidade geral. *(Wilson Cavalcante apita.)*

**WILIAN S. CURY:** E adentrando o campo do "Esporte Clube Demônios da Garoa", o quadrilátero da pugna, o "Ameriquinha", com seus rapazes, garbosos como oficiais da marinha.

*(Entra a equipe do América Society Clube uniformizada e evolui ao som de música de banda de universidade dos EUA.)*

**WILIAN S. CURY:** Aqui está o time dos jardins, com seu currículo de vitórias sem fins. Desfilando seu glorioso uniforme "pink, blue and gold" - rosa, azul e ouro - e sua bandeira com a águia de onze garras, uma para cada jogador, cravada no coração, pronto para fazer a bola correr pelo chão. E no seu comando, Gringo Bil, o técnico que entende de futebol de fio a pavio - por favor, Gringo Bil, please, Gringo Bil, diga alguma coisa sobre a partida, esta é a grande emoção de sua vida?

*(Gringo Bil sempre que falar estará jogando uma moeda para o ar e tirando cara ou coroa. Ele imita George Raft num filme de gangster.)*

**GRINGO BIL:** Ok, baby. Very good, baby. Very well, baby. Look the money. Look the money, baby. The ball it's a gun. That's no is game, is a war! That's a war. A war!

*(Gringo Bil ruge como um leão.)*

**WILIAN S. CURY:** Com sua simpatia proverbial, Gringo Bil nos dá sua análise geral: tudo bem, tudo bem. Olhem a moeda. A bola é uma arma. Isto não é um jogo. É uma guerra. Uma guerra. Claro que ele fala no sentido figurado, Gringo Bil é um sujeito muito educado. E diga agora, Gringo, e o Ameriquinha quem vai por em ação? Qual sua escalação?

**GRINGO:** Ike, Coca and bad Jack; Chiclé, Franck and Uncle Duck; Capone, Mac Harty, Custer, Big Horse and Crazy Dog. That no is a game, is a war. A war. A war, baby.

*(Uma guerra, Baby.)*

**WILIAN S. CURY:** O América Society Club está escalado com: Ike, no gol; Coca e Jack Mau, de beques; no meio de campo: Chiclé, Franck e Tio Patinhas; e o ataque avassalador vai de Capone, Macharty, Custer, Cavalão e Cachorro Louco. Um time muito bem armado, com um esquema super bem feito, pra ninguém botar defeito. Com Capone na direita, com seu chute que é uma bala perfeita.

*(Wilson Cavalcante apita. Entram os jogadores do Barbosinha cantando "Salve o Barbosinha, campeão dos campeões". O uniforme é igual ao do Corinthians.)*

**WILSON:** E também em campo, o Barbosinha Futebol Clube, campeão da Várzea Paulista, que faz a bola correr linda pela pista. O Barbosinha, fundado em homenagem ao nosso querido radialista: Adoniran Barbosa, grande humorista, que vai enfrentar o Ameriquinha, forte como um império.

*(O Barbosinha evolui e canta. Wilson Cavalcante segura uma taça.)*

**WILSON:** E em disputa, esta magnífica taça que leva o meu nome: Wilson Cavalcante, um troféu muito importante.

*(Wilson levanta a taça.)*

**WILSON:** E para o jogo correr solto, bonito como um mar revolto, esta bola, super bola, marca "Monroe". Bola de gomos fechados, de curvas macias. Bola de fazer o jogo virar religião, doutrina, bola papa fina.

*(Wilson exhibe a bola. Bate no chão. Apita estridentemente.)*

**WILSON:** E para que a torcida vibre na

crista da onda, um apito importado. De som límpido, cristalino, apurado. Que qualquer falta vai marcar e, se preciso for, até pênalti assinalar.

*(Wilson apita.)*

**WILSON:** Atenção, amigos, atenção, bola nos pés de Custer.

**WILSON:** Custer... Para Big Horse, que atrasa para tio Patinhas, Patinhas mata no peito, baixa na terra, engana Chico Buça, estica na ponta direita para Capone... Gol! Gol de Capone. Gol do Ameriquinha!

*(Os jogadores do América evoluem. Cantam: "Meu carro é vermelho.")*

**WILSON:** No ataque agora a Barbosinha Futebol Clube, bola com Marques na esquerda, dribla Chiclé, passa por Patinhas, enche o pé: Ike segura com firmeza. Ike repõe a bola em jogo. Corta Zé Cabaço, passe curto para Alocin, Alocin enfia para Vassourinha, que levanta na área. Perigo...

*(Wilson apita.)*

**WILSON:** O juiz marca impedimento. *Offside*. Impedimento de Charutinho, ponta do Barbosinha...

**TORCIDA:** Bicha. Bicha. Bicha.

**WILSON:** Insiste o BFC, bola com Caveira, entrega para Chico Buça, vai até a linha de fundo, choca-se com Coca, levanta-se, cruza a redonda, entra de cabeça Alocin... Gol. Gol. Do B.F.C.

*(O time do Barbosinha evolui e canta "Iracema".)*

**TORCIDA:** Olê, Olê, Olê, Olá. Timão, Timão!

**WILSON:** Um a um. Domínio do Barbosinha FC. O América na defesa, joga na tática da chave inglesa. Recupera Macarthy,

rápido para Crazy Dog. Crazy Dog luta com China, estão dentro da área. Crazy Dog e China. Caem os dois...

*(Wilson apita.)*

**WILSON:** Foi falta. Foi pênalti! Sem dúvida, foi pênalti, China derrubou Crazy Dog dentro da área. Confusão armada, mas a marcação foi acertada. Reclama o goleiro Zuzo, reclama China, gesticula. O juiz adverte China. O juiz expulsa China...

**TORCIDA:** Uuuuuu, ladrão. Ladrão!

**WILSON:** O juiz expulsa China. Falta bem marcada. Atitude acertada. O juiz faz valer sua autoridade, não admite impunidade. Pênalti indiscutível.

**WILSON:** Expectativa total, bola na marca fatal. Emoção geral. Vai bater Coca. Prepare-se Coca...Correu Coca... É gol. Gooooooooool. Gol do Ameriquinha. Gol de Coca.

*(O Ameriquinha evolui e canta "Senhor Juiz". O ASC termina sua evolução.)*

**WILSON:** Decorridos vinte minutos da etapa complementar. Dois a um para o América no placar. E não esqueça amigo ouvinte: nas grandes decisões, "Monroe" é a bola. Um tiro certo na cachola. Pelota com Jack mau, Jack avança, invade o território inimigo, levanta na direita para Custer. Custer tenta passar por Chico Buça, perde a redonda. Chico Buça dá um toque para Zé Cabaço, Zé domina, ganha espaço, enfia na esquerda para Tião Marques, Tião escorrega, cai, vai ao chão, levanta-se, cruza. Atenção, bola na área... Entra Charutinho de bicicleta...

*(O BFC evolui e canta "Tiro ao Alvaro".)*

**WILSON:** Gol, Gol, do Barbosinha.

*(BFC termina sua evolução.)*

**GRINGO BIL:** Go, mens, go. Invadir área.

Go, mens, Gol. Big Horse, attention.  
Strong in "Joe Cabeço". Quebrar  
"Joe Cabeço". Yes, strong força.  
Vamos. Go, mens, go, boys, go.

**WILSON:** Gringo Bil está gritando suas  
instruções, vejam suas lições.

Como sempre, Gringo Bil fala no  
sentido figurado, ele é muito  
educado. "Vamos, homens,  
vamos, invadam a área. Força,  
Cachorro Louco. Avancem. Não  
dêem trégua. Atenção rapazes.  
Vamos, Boys, Vamos".

**GRINGO BIL:** Chiclé, grudar no Cavera.

Chiclé, non dejar cair boné,  
Chiclé, with sugar, com azucar.  
With Butter, with Butter of  
Normandia. Com manteiga das  
Normandias. Attention, Boy,  
Attention. Look the money, baby.  
Olha a dinheira, nene. Attention  
Boy, attention. Change the sistem.  
Mudar sistema. Cambiar  
marcation of zone. Sair da zona.  
Now: man to man. Pegar homem  
a homem, pegar homem a  
homem, Boys.

**VASSOURINHA:** Sair da zona?! Pegar  
homem a homem?! Uscambau!  
Eles vão é levar pau. Esse gringo é  
técnico di araque. Cara mais  
gozado – "Pegar homem a  
homem". Vai ver que é viado.

**WILSON:** Trinta e seis minutos do  
segundo tempo. Dois a dois no  
marcador. Pugna emocionante,  
narrada, lance a lance, por este  
seu Wilson Cavalcante. Não  
desgrude de seu rádio nem por  
um instante. Continua no ataque  
o Barbosinha. Bola com Flávio Rato  
Branco, enche o pé, a pelota

resvala em tio Patinhas e vai para  
fora. Corner para o Barbosinha.  
Atenção, momento de grande  
emoção. Vai bater Charutinho...  
Todo o time do Barbosinha dentro  
da área. Recuam os homens do  
Ameriquinha. Corre Charutinho...

*(BFC: Envolve e canta "Rua dos  
Gusmões".)*

**TORCIDA:** Gol. Gooooool!

*(Apito estridente do juiz.)*

**WILSON:** Atenção, não, não e não! Não  
valeu, o juiz não deu. Gol anulado,  
lance bem marcado.. Chico Buça  
deslocou o goleiro Ike no ar. Gol  
anulado, lance muito bem  
marcado...

**TORCIDA:** Uuuuu, ladrão, bicha!

**WILSON:** Agora não adianta reclamar, o  
jogo vai recomeçar...

*(Wilson S. Cury salta no tamborete de  
Wilson)*

**WILIAN S. CURY:** Anulado o cacete,  
você vai levar porrete. Juiz ladrão,  
filho de um cão. Sai daqui, seu  
ladrão. Cê tá vendido, tá  
comprado. Cai fora, seu danado.

*(Wilian S. Cury toma o apito de Wilson)*

**WILIAN S. CURY:** Inda está aqui, seu juiz  
maldito. Cai fora ou te faço engulir  
o apito.

*(Wilian S. Cury expulsa Wilson. Gringo Bil  
faz menção de intervir.)*

**GRINGO BIL:** I... I protest... I protest...

*(Wilian S. Cury bate o pé no chão e  
ruge como um leão, imitando Gringo  
Bil.)*

**WILIAN S. CURY:** Waaaaaaaar!

*(Gringo Bil foge.)*

**WILIAN S. CURY:** Dois para o Barbosinha  
e dois para o Ameriquinha. Bola  
recomeça a partida. Lá vai a bola  
corrida, Coca bate forte, cai bola  
com Zé Cabaço para China, que  
dá de calcanhar para vassourinha

pra Tião, passa por Cavalão,  
engana Capone, está no bico da  
grande área, enche o pé...

*(BFC evolui e canta o "Samba do Ernesto".)*

**WILIAN S. CURY:** Tião enche o Pé, lá vai  
a bola cheia de Fé... É gol, é gol, é  
gooooool.

**WILIAN S. CURY:** Gol do Barbosinha. Três  
a dois no marcador.

**TORCIDA** *(canta):* "Salta o Barbosinha  
três a dois no placar..."

**WILIAN S. CURY:** Um minuto pro jogo  
acabar vai se despedindo o  
Ameriquinha. Cinco segundos  
para o final. Vitória da raça. Vitória  
da rua, Vitória, da praça...

**TORCIDA:** "Ai ai ai ai, tá chegando a  
hora..."

*(Torcida canta o refrão acima e a  
"Valsa da Despedida", "Adeus, amor,  
eu vou partir...")*

**TORCIDA:** Um, dois, três, O América é  
freguês!

*(Torcida acena lenços brancos. Wilian S.  
Cury apita longamente.)*

**WILIAN S. CURY:** Acabou a partida.

Apito final, terminou o jogo.  
Barbosinha 3, Ameriquinha 2.  
Venceu a catimba brasileira  
contra a manha estrangeira.  
Vitória do coração. Vitória do  
povão. Vitória do Barbosinha,  
vitória sua, nossa, minha. Vitória do  
Barbosinha, vitória sua, nossa,  
minha!

*(Wilian S. Cury apita violentamente.)*

**TORCIDA:** Um, dois, três, o América é  
freguês! *(Bis.)*

*(Todos evoluem e cantam.)*

**TORCIDA:** "Lá encima daquele morro  
passa boi, passa boiada, passa a  
turma do Barbosa com a taça  
alumiada". *(Bis.)*

*(Saem todos evoluindo, acenando*

*lenços e cantando felizes...)*

## CENA VIII

*(Restaurante "O Franciscano" em São  
Paulo. Um dia 11 de agosto. Dia de  
pindura. Bebendo estão seis estudantes,  
rapazes e garotas. Prestam uma  
homenagem a Adoniran. Homenagem  
típica de estudantes. Na mesa ainda  
Wilian S. Cury e Isaurinha Garcia.)*

**MÚSICA:** "Viva, vira, vira.

Vira, vira, vira. Virou

Primeira bateria..."

**1º ESTUDANTE:** Aqui no Franciscano  
ninguém entra pelo cano, hoje é  
dia de pindura. Abaixo a  
ditadura!

**TODOS:** Hoje é dia de pindura. Abaixo a  
ditadura!

**2º ESTUDANTE** *(Pelão):* O amigo  
proprietário esta bela ceia vai nos  
ofertar que hoje - 11 de agosto,  
com muito gosto - ninguém vai  
pagar.

**TODOS:** Ninguém vai pagar. Ninguém  
vai pagar.

**1º ESTUDANTE:** E nesta noite solene  
vamos homenagear aquele que é  
uma cigarra no cantar: Adoniran  
Barbosa, poeta do povo, artista da  
rua.

**3º ESTUDANTE:** *(Garota):* É saudar a  
Isaurinha Garcia, a nossa musa da  
lua.

**TODOS:** Vira, vira, vira

Vira, vira, vira, virou

O Adoniran é o nosso candidato,

Sua campanha vai ser lá no Ponto

Chic, no Juca Pato,

Em todos bares da cidade.

O Adoniran é o nosso candidato...

**1º ESTUDANTE:** E seguindo a tradição,  
como manda o coração: não há  
festa que nunca se acabe sem

que antes fale o Paulo Gerab.

*(Pausa.)*

**EST. PAULO:** Se entre amigos encontrei cachorros, entre cachorros encontrei amigos. E na esquina da vida achei o boêmio Adoniran, com sua poesia, seu coração e seu cão; o Peteleco. Mais que um filho, mais que um boneco, o Peteleco das noites frias. De latir caliente, quase fala de gente, dele não há quem corra...

**TODOS:** Porra! Porra!

**EST. PAULO:** ...Em seu socorro. O Peteleco e eu temos uma coisa muito em comum: o poste. O poste solitário, comprido como um caralho, que ele usa pra sua mijadeira, e eu pra curar a bebedeira. Adoniran, o Poeta que grita a nossa felicidade, que canta a nossa cidade, que faz pulsar o Brás, o Bexiga e a Barra Funda, com quem a arte do povo nasce, cresce e abunda...

**TODOS:** Bunda! Bunda!

**EST. PAULO:** Cresce e abunda. É pra você, Adoniran, o quê? Um, um "quinquiquerum".

**TODOS:** "Quinquiquerum", o quinquiquerum, good night querum.

O jalauba, o jalauba, uba, uba, uba. Universidade. Adoniran. Tchim. Pum! Tchim. Pum!

**2º ESTUDANTE:** *(Pelão):* E segundo a lição do mestre Miguel, de quem aqui todos seguem o papel, que viva a tradição. Que cesse tudo o que a antiga musa fala e que a voz do Adoniran se levante nesta sala.

**ISAURINHA** *(canta):* "A moça disse pra outra: com esse eu não me arrisco, pois ele estuda direito no Largo de São Francisco".

**TODOS:** ...Pois ele estuda direito no Largo São Francisco.

*(Funde com a outra música anterior.)*

**MÚSICA:** O Adoniran é o nosso candidato... em todos bares da cidade.

Esta turma que canta tão eufórica, podem ter certeza, é a turma da retórica. Temos o Pelão, que é um vigarista, dando encima das meninas na Paulista. Mas quase nunca arranja nada.

O que estraga é a cafajestada...

**2º ESTUDANTE:** E com a palavra, em nome dos funcionários da escola, o companheiro que é bom de tesoura e entende de bola. Que fale o "Chasque, Shakespeare", o barbeiro das arcadas, que corta nossa juba embaixo das escadas.

**TODOS:** O Chasque é bom companheiro. O Chasque é um barbeiro batuta.

O Chasque é um filho da puta!

**1º ESTUDANTE:** Representando os funcionários presentes e os distantes, por ele e pelo Chico elefante, que solte o verbo o nosso figaro... "Fígaro cá, fígaro lá..."

**TODOS:** Uuuuuuu... Fala, Chasque, fala, Chasque, fala.

**WILIAN S. CURY:** Alerta, alerta, vamos...

**TODOS** *(música):* "Alerta, alerta, vamos fazer revolução. Nosso chefe é você Adoniran. Nossa trincheira vamos ter na Avenida São João. Alerta, alerta..."

**WILIAN S. CURY:** Esta data vamos marcar. Pra uma foto vamos todos posar. Uma foto o Xaxá vai tirar.

**TODOS:** Birita, birita, chops, batatinha frita. Birita.

*(Xaxá, fotógrafo da Faculdade, que estava bebendo com a turma, corre e faz explodir o magnésio. O pessoal sobe*

*encima da mesa e das cadeiras, com copos e garrafas na mão.)*

**TODOS:** "Alerta, alerta..."

Birita, birita, chops, batatinha frita. Birita. É dia de pindura. Abaixo a ditadura. Alerta, alerta..."

*(Pausa. Entra Vassourinha.)*

**VASSOURINHA:** Deu confusão lá embaixo na passeata das UNE. A polícia desceu porrada pra chuchu. Foi logo ali, na esquina da Riachuelo com o Anhangabaú. Tem ferido paca. Tem gente morta. *(Pausa.)* O Moles... O Moles caiu... Em frente ao Bar do Zé, bem na porta... O Moles morreu!

*(Grande pausa.)*

**ADONIRAN:** O Moles caiu, o boêmio morreu? O amigo foi embora. E agora? E agora?

**ISAURINHA** *(música):* O Moles caiu. O boêmio morreu. O sambista morreu. A cidade chora. A cidade chora. E agora? E agora?

**TODOS:** Quando eu morrer me porão no porão. No porão me porão. Os pés contra a parede e a cabeça... E a cabeça num tonel.

Quando eu morrer me porão...

*(Todos vão lentamente limpando a mesa. Adoniran sacode uma toalha limpa, alva do dia e branca de leite. Tiram os copos e garrafas, colocam a toalha sobre a mesa.)*

**ADONIRAN:** O povo da noite vem te dizer adeus.

**TODOS:** O povo da noite vem te dizer adeus!

**ISAURINHA** *(música):* "Silêncio, o sambista está dormindo. Ele foi, mas foi sorrindo... Silêncio..."

**WILIAN S. CURY:** Velório de boêmio é na mesa de bar.

**VASSOURINHA:** Enterro de artista da

noite é coisa de raça. É com vela molhada no choro da cachaça.

**ADONIRAN:** Lágrima pro Moles, tem que sê saída do fundo da garrafa, que a dor na garganta abafa.

**WILIAN S. CURY:** É um copo cheio, com uivo de cachorro pelo meio. *(“Silêncio” funde com “O Boêmio Morreu”.)*

**TODOS:** O Boêmio morreu...

*(As duas músicas se fundem. Como fundo, 21 batidas no surdão como fossem as salvas dos tiros de canhão.)*

**TODOS:** "Quando se sente no peito, bater heróica pancada, deixa-se a folha dobrada enquanto se vai morrer!"

Enquanto se vai morrer...

*(Todos em volta da mesa com a toalha alva, alvíssima, encima. Acendem velas no gargalo de quatro garrafas que são colocadas nos quatro cantos da mesa. Acompanham-se batendo nos copos.)*

**TODOS:** Quando se sente no peito, bater heróica pancada, deixa-se a folha dobrada, enquanto se vai morrer...

*(Adoniran se destaca do grupo. Vai para a frente do palco, bem junto ao público.)*

**ADONIRAN:** "Eee, São Paulo. Eee, São Paulo..."

São Paulo da garoa. São Paulo da terra boa..."

*(Todos avançam para o público. Adoniran começa a recolher as camisas - que foram distribuídas por ele no início do espetáculo. Música "Eee, São Paulo" se funde com "Trem das Onze".)*

**TODOS:** "Não posso ficar..."

*(Elenco todo coloca gravatas borboletas e o chapéu típico de Adoniran. Vão saindo lentamente.*

*Adoniran por último. Todos despedem-se, cantando, do público. Dão as mãos aos assistentas. Vão saindo vagarosamente... Adoniran por último.)*

**TODOS:** "Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar. Até amanhã..."

**MÚSICA FINAL:** "Nós contamos uma história..." (Mesma do início do espetáculo.)

*(Pano final.)*

### **BARBOSINHA F. C. MÚSICAS**

Vamos contar uma história.

Eee S. Paulo

Lá encima...

Salve o Corinthians

Vamo, Maruca, vamo

Olha, a marmita

O Folhetim

Cine das multidões

Caminito mio

Bijou, pastel, maviola

Na ponta - pé

Aleluia

Trem das onze - italiano

A Record manda pro ar - prefixo

Se você jurar - Ismael Silva

Filosofia - Noel Rosa

Varre, varre, vassourinha

Larga a tesoura

AEIUO

Saudosa maloca

Um sambista nasceu

Joga a chave, meu bem

Tem pena de mim

Com a corda mi

Não vai dar não

Tocar na banda

Il trovador

As ora vareia

Mulher, patrão e cachaça

Corintia

Internacional

Gol de Baltazar

Na ora matinar

Iracema

Rua dos Gusmões

Tiro ao Álvaro

Samba do Arnesto

Vira, vira

A moça disse pra outra

Quinquinquem

Esta turma tão eufórica

Alerta

Silêncio - Geraldo filme

Um sambista morreu

Quando se sente...

Trem das onze

Vamos cantar uma história

**FIM**

# AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, **livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1. 123, 8º andar - Tel. : (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

---

## CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Tel. : \_\_\_\_\_

Nome do diretor ou responsável: \_\_\_\_\_

Número de alunos ou sócios: \_\_\_\_\_

Idades: de \_\_\_ a \_\_\_ anos

Já realizou espetáculo teatral? \_\_\_\_\_

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? \_\_\_\_\_

---

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura  
Revista Teatro da Juventude  
Rua Mauá, 51, 3º andar  
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907**



**IMPrensa OFICIAL**  
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE